

LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
e outras artes

Vol. 2, n. 1, 2025



LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
e outras artes

volume 2, número 1, 2025.

Idealizador do projeto: **antonio carlos sobrinho**
Coordenadora desta edição: **Ana Ximenes Oliveira**

EDITORA
Ana Ximenes Oliveira

Revisão: **Ana Ximenes Oliveira, Ronald Tenório
Gomes, Larrissa Gates, Maria Laura Emanuelle,
Raquel Silva da Costa**

COMUNICAÇÃO
E-mail: **Josenilda Lima, Marcela Silva Santos, Wely
Nayara**
Instagram: **Ana Ximenes Oliveira, Igôr dos Santos
Ribeiro e Laura Leobino**

ARTE
Diagramação: **Ronald Tenório Gomes, Maria Laura
Emanuelle, Larrissa Gates**
Arte de capa e seções: **Denis Willyam de Jesus
Balbino, Ivanise Almeida**

CONTEÚDO
Curadoria: **Ana Ximenes Oliveira, Denis Willyam
de Jesus Balbino, Ivanise Almeida, Igôr dos Santos
Ribeiro, Gislane Raquel Silva da Costa**

ACESSIBILIDADE
**Denis Willyam de Jesus Balbino, Josenilda Lima,
Karine Sotero**

COLABORAÇÃO
**Felipe Neves, Hyago Marques, Antonio Carlos Sobrinho, Ienmily Araújo, Laura Leobino, Karine Sotero, Débora
Gil Pantaleão, Fernando Fiúza, Andréa Pereira.**

As obras selecionadas foram enviadas mediante assinatura de autorização de publicação sem fins lucrativos em Luminescências, declarando autoria e isentando a revista e sua equipe de acusações de calúnia, cópia ou plágio. As autorias se comprometem por eventuais disputas relacionadas às referidas produções.

LUMINESCÊNCIAS – REVISTA DE LITERATURA E OUTRAS ARTES
publicação anual
e-mail luminescencias19@gmail.com ∑ blog revistaluminescencias.blogspot.com
instagram [@revistaluminescencias](https://www.instagram.com/revistaluminescencias) ∑ seer.ufal.br/luminescencias



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Faculdade de Letras (Fale), Campus A. C. Simões.
Av. Lourival Melo Mota, S/N. Tabuleiro do Martins, Maceió – AL. 57072-900.

SUMÁRIO

04 Apresentação deste número

Homenagem

05 José Crescêncio

Carta

- 10 Annie NK.
- 12 Antonio Neto
- 14 Breno Ferreira
- 15 Fabriele de Fátima
- 17 Nobody Cares, Blue

Conto/microconto

- 19 - k^2
- 20 Aléxia Prado
- 25 Antonio Neto
- 30 Deigo Xavier
- 33 Eris
- 36 Frank Barbosa
- 40 Hanny Santana
- 43 Ingrid Torres
- 46 Jesus Ferreira
- 48 Karol
- 53 Maria Eduarda
- 56 Maycon de Carvalho
- 58 Moana Souza
- 61 Lavinya Teodósio, Nathally Pimentel & Ronivaldo Vieira
- 65 Willian Carlos Sempre

Crônica

- 68 Nana
- 70 Jaerlington Silva
- 72 Josenildo Barbosa
- 75 Julia Bonfim
- 77 K. Naeyli

- 79 Luna de Araújo
- 80 Maria Laura Gomes da Costa
- 82 Moana Souza
- 84 Raquel Moraes
- 87 Tiago Torres

Fotografia

- 92 Isadora Kelly
- 96 Guigo
- 99 Julia Bonfim
- 100 Maria Araújo
- 103 Tallysson César

Imagens artísticas

- 107 Sapho
- 110 Verônica Souza
- 114 Alice Guedes
- 115 Laryssa Monteiro
- 116 Samara Monteiro
- 117 Ermans Quintela Carvalho
- 118 José Lauro Nunes Marques
- 120 Luana Gregório Pereira
- 124 Nailton Fernandes Da Silva
- 127 Vinicius Martins Lopes

Memória

- 132 Fabriele De Fátima Santos Nunes
- 133 Raquel Gomes Silva Moraes
- 136 Rebeca Costa Cavalcante
- 138 Vanuza Souza Silva
- 143 Yana Camila Brasil Marques

Poema

- 146 Adrima Damasceno
- 152 Alexandra Beurlen
- 154 Almírista Silva
- 155 Amanda Marques

160 Amanda Silva
161 Anna Carolina Luna
162 Anny Lopes
166 Ártemis
170 Nycolly Beatriz
172 Bia Costa
176 Breno Ferreira
177 Cezar Amorim
183 Daniele Meirele
187 Davi Assunção
195 Emanuel Venâncio
197 Erica Costa
198 Emy Soares
201 Erick Silva
202 Fabiano Oliveira
206 Fabio Biondo
210 Fábio Dos Santos
216 Fabriele De Fátima
218 Gabriel Arruda
224 Gisele Nascimento
225 Glória Ellen
226 Humberto Pio
227 Ivanise De Sousa
229 Jesus Davi
232 João, O Cansado

235 Julia Bonfim
236 Kai Vieira
239 Laura H.
242 Laura Leobino
244 Maguinho
246 Manáh Oliveira
249 Marcos Lins
251 Maria Ferreira
255 Maria Eduarda Gouveia
256 Maria Laura Costa
258 Mayara Florença
259 Miguel Arcanjo
263 Moana Souza
266 Nicole Araújo
268 Pedro Gustavo
269 Rebeca Costa
272 Revlersos Skória
274 Revna
276 Ruan Vieira
277 Soraia Torres
279 Vanessa Guimarães

281 Quem somos

283 Créditos

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO

POR ANA XIMENES OLIVEIRA

A revista *Luminesciências* apresenta ao público sua terceira edição. A partir de um volume novo, a edição atual mantém sua proposta original de fortalecimento da produção das literaturas e outras artes, buscando ofertar tanto ao público artístico quanto ao público leitor obras das suas mais variadas formas e linguagens. Como nos lembra Michèle Petit, “A literatura instaura, propõe, distribui terras, países, paisagens e, assim, ela nos faz crescer, não no sentido moral, mas porque nosso espaço interior encontra forma habitável ou reaprende a imaginar” (2024, p. 90). Assim, aproveito a fala elucidativa da pensadora e expando aqui para todas as manifestações artísticas trazidas, para que possamos pensar a arte enquanto, também, um espaço de resistir às adversidades e de dialogar com o mundo e com todos os seres.

Esta edição foi feita com muito trabalho e afeto de toda equipe editorial e com a contribuição generosa e fundamental de nossos(as) colaboradores(as) parceiros(as), como o treinamento introdutório em audiodescrição com profissionais da Pra Ver Ouvir, Ienmily Araújo e Felipe Neves, bem como a parceria formativa de Hyago Marques no processo de diagramação editorial. Além disso, destacamos e agradecemos os trabalhos valiosos que recebemos para publicação; trabalhos que dialogam com múltiplas linguagens do universo artístico, seja na fotografia, no desenho, no conto, na poesia, no texto memorialístico, entre outros que compuseram a primeira edição do volume 2, organizada no primeiro semestre de 2025.

Convidamos a todos e todas à leitura da nova edição da revista **Lumi!**

Ana Ximenes Oliveira
editora

HOMENAGEM



Seu Crescêncio na Faculdade de Letras – UFAL, *campus* A. C. Simões – 2025.

HOMENAGEM

Pelos caminhos da memória,

Em louvor à memória, o que nos faz vivos, nos lembramos de pessoas que marcam histórias, formam espaços e que ventura eternizam. Não nos lembramos de tudo porque nos parece que é vago de propósito para reinventarmos. Ecléa Bosi diz que “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”¹, e quando vamos conhecendo gente vamos - também - construindo afetos, memórias e gosto pela vida. Na universidade, com colegas de turma, professores; não muito você esbarra com um funcionário que no decorrer da conversa, na cabal cena de um topamento, apresenta-se ali mais um encontro amistoso que um esbarro.

Assim também com espaços.

Andando pelo BSA 1 Denilda Moura, não muito, veremos, ao meio, um pequeno coreto, não de cantores, mas onde fica um senhor que exala animosidade, alegria — um vento melódico paira sobre este espaço, diferente. Seu Crescêncio, como todos falamos, e como nos referimos a esse senhor, vende ali salgados há mais de 20 anos, e tornou-se a alma da Faculdade de Letras, mormente do espaço do BSA 1, que muitas vezes nos apresenta muito calmo e monótono. Relata o Seu Crescêncio que já foi pior. Como conhecemos hoje. Antes o espaço da FALE e do BSA 1 não havia nem mesmo calçamento.

Seu Crescêncio, natural de Limoeiro de Anadia, trabalha hoje vendendo além de seus salgados, refrigerantes, pipocas, bolos e guloseimas mais; e não ache que isto surge após sua aposentadoria como passatempo. Seu Crescêncio, também chamado de “Seu Crésicio” por alguns, já trabalhou com vendas, especificamente no comércio depois que retornou de São Paulo, donde

¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 3.

trabalhava no banco Itaú, e foi ter-se em Arapiraca — antes de São Paulo morou também no Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos —, passando a vender roupas. Mudou-se para Maceió em busca de uma vida melhor, confrontando com uma realidade ainda intragável, mesmo assim não abandonou o comércio, passando aqui a vender, e isto tem pelo menos uns 30 anos.

Até chegar a seus salgados que vende hoje, há alguns movimentos não tão calmos, principalmente aqui na Ufal, quando passou a vender bolo de fubá e café em frente à reitoria, com o que obstaram por acharem que ali ficava desconvidativo; assim o Crescêncio foi para o Instituto de Ed. Física. A gestão da época solicitou que a permanência das vendas necessitaria do pagamento de aluguel do espaço. E depois de um tempo, lhe sugeriram um lugar bastante deslocado ao que estava, os Blocos de Sala (1 e 2), espaços para comportar os cursos de Ciências Sociais e Letras — agora o de Psicologia. Seu Crescêncio escolheu então o BSA 1.

E de lá até cá, este senhor adaptou-se bem ao local. Confessa que por ele jamais sairia e aqui permanece por causa da comunidade acadêmica. Os lanches que vende são preparados por sua esposa, alguns até ele mesmo faz. Muitos que passam no BSA 1 para comprá-los viram clientes natos. Muitas vezes muitos outros alunos de outros blocos afastados vão lá, quando não para comprar salgados, só para papear, conversar.

Há alunos que tomam a figura do Seu Crécscio carinhosamente por pai ou avô. Recebe especialmente beijos e abraços daqueles que muito lhe querem bem. É uma pessoa de um coração gigante. Procura levar a vida com alegria divertindo-se bastante com os estudantes, com os professores, com outros servidores, e aprendendo também com eles — uma vez perguntado, respondeu que o que mais aprendeu com os estudantes foi a tolerância e o respeito às diferenças. A idade jamais lhe foi um empecilho para a abertura a coisas novas.

E assim é a vida do Seu Crescêncio: acorda às 4h da manhã para começar aos trabalhos cedo no BSA 1; vende lanche tanto para os

estudantes de pós-graduação quanto para os estudantes da graduação (tarde e noite), fechando o coreto às 20h.

E de modo especial, com um poema do prof. dr., também poeta, Fernando Fiúza da Faculdade de Letras, finalizamos e eternizamos bem essas memórias em homenagem ao Seu José Crescêncio.

FERNANDO FIÚZA

Esquimó Tropical

Seu Crescêncio mata sem pena
e calmamente
a sede e a fome dos alunos
mais dos agregados intrusos
em seu iglu de fibra
lá no meio da capoeira
que deveria ser jardim.

Grande ouvido das Letras
conhece na palma da mão
quem passa por ali
ou deixou de passar.

Rei da resenha
e da senha para acessar
a sombra de quem se quer luz.

*Com admiração e carinho,
Preth e equipe editorial*

CARTA



ANNIE NK.

Última carta de amor

DA AUTORIA

Aluna da UFAL desde 2023 e leitora assídua, vivo na tentativa de entender o mundo e a mim mesma através da arte, pois ela é a expressão que não vemos, mas sentimos. Assim, em uma tentativa, eis aqui expressos os mais profundos sentimentos que dediquei a alguém.

Sinto que não consigo expressar com todas as palavras tudo aquilo que preciso te dizer, mas acho que, dessa única vez, eu preciso partir antes que mais alguém saia ferido de toda essa história.

O luto de vivermos velando algo, esperando que renasça, é a pequena morte lenta de cada um dos nossos seres. E o amor que

sinto por ti é tão devastador que não cabe apenas no meu peito — ele também te machuca, da mesma maneira que me machuca. E amar não deveria doer.

Seus olhos, seus lábios, as sobrancelhas, o espaço entre elas... cada detalhe de você me prende, me apaixona, me faz arder. Cada detalhe intrínseco do teu ser me dá vontade de te amar mais e mais. A profundidade que encontrei em tua alma através dos teus olhos me lembra um oceano e, assim como os mares, também há de ter tempestades. Por não saber navegar, me afoguei em muitas delas.

Quis ser seu conforto, pelo único capricho de desejar que fosse o meu — e sempre minha grande decepção. Os abraços que não tive, os beijos que não pedi, as palavras que não expressei nas vezes em que olhei para teu rosto e senti o peito apertar. A amargura do silêncio. O eco de todas as vozes por palavras não ditas.

Talvez permanecer faça com que todo o brilho que um dia eu vi ao longe se perca. Sinto que construir novas memórias de algo que um dia foi bonito é

ver um jardim morrer. Me apeguei a algo que apenas eu vi, e a torre que construí, aos poucos, se desmorona, tornando a queda perigosa.

Eu te amei, mas amei a imagem que criei de você. E talvez tenha amado também as minhas expectativas, memórias que nunca aconteceram na vida real. Agora meu peito arde em sempre pensar no que poderia ter sido feito para que nada acontecesse assim. Corrigir os erros adiantaria, quando nunca se esteve aqui por completo? O que poderia ter sido meu? Se de fato houve algo meu.

O céu, naquela noite, estava tão escuro... Talvez da cor dos teus olhos. Aquela foi a última vez que olhei para eles. Mesmo não gostando de despedidas, guardei cada detalhe da expressão suave, antes que ela se modificasse.

Cada pedaço que ainda tinha de ti dentro de mim, guardei com carinho, ainda que não esperasse o mesmo.

Os fins nunca nos fizeram bem.

Mas, este será o último, como a minha última carta ao amor mais profundo que guardo em mim.

ANTONIO NETO

Carta lançada ao oceano

DA AUTORIA

1, dezembro, 2024



Antonio Neto, nascido em 2001 em Murici, Alagoas, é graduando em Letras-Português e apaixonado por literatura desde jovem. Sua curiosidade foi despertada por gibis e livros da estante de suas tias, que expandiram seu repertório literário. Com o tempo, desenvolveu também uma paixão pela escrita, tanto em prosa quanto em verso. “Encontro Íntimo” marca sua estreia como autor.

Eu só achava que seria diferente dessa vez. É difícil se contentar ao molhar os pés quando tudo o que queremos é dar um mergulho. De corpo inteiro. No outro corpo. No outro ser. A verdade é essa: a gente sempre acha que vai ser diferente. Tentamos maquiar o quanto podemos as cicatrizes passadas e fingimos que os rios são capazes de levar as lembranças do passado. A gente se abre e de coração aberto caminha ao encontro do outro enquanto sussurra baixinho o desejo de ser algo leve e reconfortante. Mas a verdade é que sempre é diferente. Há muitos jeitos de

se machucar por dentro. E por fora. Agora é só questão de crescer, assim como quando perdemos os dentes de leite e ficamos à espera dos dentes de osso; como quando plantamos a semente de girassol na terra molhada e aguardamos a chegada do broto. A verdade é que eu cansei de correr atrás de arranha-céus. De agora em diante, devo prestar atenção em meu próprio arranha-céu e decorá-lo com toda a arte que me veste. Cansei de ser outdoor de amores líquidos, numa tentativa constante de afogamento. Cansei de mergulhar em medos-líquidos, vivendo sempre numa eterna insegurança que deixa minha pele rígida, meu trapézio tenso, cheios de pontos-gatilhos, quando na verdade eu poderia estar jogado em minha cama

de casal, lendo um bom romance, tomando um chá de hibisco e ouvindo Daniel Caesar ou Lana Del Rey. Ao ler, prefiro as músicas internacionais porque não me concentraria ouvindo as preciosidades brasileiras como Maria Bethânia, Gal Costa e Alcione. É impossível se contentar com o raso quando temos grandes vozes da música popular brasileira tecendo canções que fazem qualquer coração bater mais forte. São melodias que despertam o melhor de nós. Mas a verdade é que escrever esta carta me cutuca em cômodos sensíveis dentro de mim e não me traz muitas lembranças boas. Essa coisa de se permitir é quase como um caminhar até o oceano. Nunca se sabe até onde se pode caminhar. A gente se sente seguro enquanto há areia debaixo dos nossos pés, mas tudo muda a partir do momento em que flutuamos. São os momentos em que desaprendemos tudo o que sabemos e as certezas são levadas para as águas subterrâneas. Tudo acaba sendo levado para as águas subterrâneas e o amor saudável se torna o equilíbrio entre a superfície e o subterrâneo. O que alcança os extremos se acaba, de um jeito ou de outro.

Deixo esta mensagem enrolada e lançada ao mar dentro de uma garrafa de vidro. Sem rumo, sem propósito ou pensamento algum. Simplesmente eu a entrego ao oceano.

BRENO FERREIRA

A carta que guardei

DA AUTORIA



Breno Ferreira, Nuancista ou Aprendiz, tem as palavras como amigas guardiãs, a leitura como o maior de seus fascínios e a escrita como o antídoto do esquecimento. Nascido em São Joaquim do Monte, no dia 16 de março de 1996, e adotado por Caruaru no ano 2000 (ambas cidades pernambucanas), Breno serve ao Pai Eterno, ensina Língua Inglesa, se aventura na Pixel Art e se apaixona por diversas formas de arte, enquanto interage com seres de papéis fundamentais em sua jornada espiritual, terrena e literária.

Ei...

Eu só queria te dizer que... a nossa química sempre foi rara, intensa e inegável.... Não foi à toa que já tivemos que nos afastar algumas vezes, afinal, não se pode deixar o fogo junto da pólvora por muito tempo e esperar que nada aconteça...

Alheia ao meio, a minha caneta te encontra e confecciona cenários em que ninguém se machuca com a nossa reação química...

E com isso, eu percebi que o nosso problema... sempre foram os outros...

FABRIELE DE FÁTIMA

A bença, Vovó!

DA AUTORIA



Fabriele de Fátima (25) é natural do interior do Rio de Janeiro, e dentre muitas coisas é assistente social e arteira. Devota das possibilidades da arte e da Educação, acredita na criação como caminho para expressão, conexão e transformação. Vive de artices-artesanatos-invenções-de-moda, experimentando diferentes formas de linguagem, entre elas, a escrita.

17 de novembro de 2022

A bença, Vovó!

Como andam as bandas por aí, minha velha? Enquanto escrevia essas primeiras linhas me peguei pensando qual a cor do céu daí. Senti vontade de ouvir histórias – dessas que causam cócegas na ponta do pé às que nos levam a compreender como pisar.

Sabe, vovó, a bússola que mora no pé tem indicado o caminho, têm flores bonitas no caminho e me sinto até sortuda. Ouvi certa vez que para quem não sabe onde quer chegar, qualquer caminho serve. Me vi assim. Caminhando meramente por caminhar. E me entendo abençoada por mesmo alheia de onde chegar à estrada certa se mostrar frente meus pés.

Quero ter onde chegar para poder apreciar o caminho. Ontem, na gira, ouvi da Ciganinha Esmeralda da Estrada que a gente passa por certas dores para lá na frente ensinar, isso ficou na minha cabeça! Não acredito na redenção pela dor, mas entendi a frase para além disso e fiz uma analogia: sabe quando por descuido a gente pisa em um espinho, dói pra tirar, mas é melhor que deixar ali inflamando, então com dor mesmo a gente tira – e avisa as crianças para brincarem lá fora de chinelo.

Ensinar e cuidar. Quero chegar lá.

Vovó, a senhora reflete cuidado e ensinamentos tecidos pelo Tempo. Tenho precisado aprender sobre ele, o Tempo. E quem melhor do que uma Preta-Velha para fazer essa conversador?

Sabe, vovó, sinto que preciso ir por inteira, mas me perdi em tantos pedaços que não consigo. Volto para buscar algum pedaço que não acompanhou e acabo ficando. E por mais que saiba o caminho de volta, meu pé, ainda com espinho – já inflamado – não sabe como fazer o caminhador. A senhora me ajuda a aprender? Aprender a ouvir o que o vento sopra. Aprender a ter coragem. Aprender o respeito e o amor para com o sagrado e para comigo mesma. Para só assim, lá na frente, ser capaz de repassar cuidados e ensinamentos.

Preciso de ajuda para tirar o espinho do pé. Confirma nos seus ensinamentos e me faço aberta a recebê-los, seja qual a forma pela qual a senhora se dispor a me ensinar – mas confesso que meus ouvidos amam histórias.

Te amo, Vovó Cambinda das Almas!

Um beijo e um abraço do seu cavalo.

NOBODY CARES, BLUE

Inquietação

DA AUTORIA



Escritora nas horas vagas ou quando a inspiração surge. também pensa & pensa & pensa até cansar. é graduanda em letras português pela universidade federal de alagoas. pesquisa sobre traduções literárias no pibic e é membro do grupo de pesquisa literatura & utopia.

talvez seja loucura o que eu vá lhe dizer,
talvez seja melhor que nada seja dito.

ou será que já era para eu ter te falado de
tudo isso?

será que escrever seria a melhor opção?
talvez não.

eu bem sei que você não vai entender, é
difícil me comunicar com você, é difícil você
me entender, pois sei que minhas palavras
só soam bonitas aos seus ouvidos se forem
exatamente aquelas que você quer ouvir.

talvez seja loucura eu insistir, afinal, qual o
propósito de tudo isso?

e se eu fingir que nada disso existiu?

que esse assunto nunca surgiu, que não existe eu e você?

e se, por um lapso momentâneo, eu nunca vá até você e nunca diga tudo
isso que estou prestes a te dizer?

não sei, tenho pensado demais e agido de menos.

e tem pesado carregar essas palavras aqui dentro.

mas, e se você parar e me ouvir ao menos por um segundo?

será que você conseguiria me ouvir de verdade?

enfim, já me decidi, eu nunca vou te dizer e você nunca vai saber.

essas palavras se tornarão outra coisa mais pra frente, o meu eu do futuro
que lide com isso.

o meu eu de agora só quer te esquecer.

CONTO



DA AUTORIA



— k^2 é a assinatura artística de Karine Sotero: alagoana e graduanda em Letras/Português pela UFAL. Está em um relacionamento sério com a literatura e a poesia contemporâneas.

Ela conseguiu entrar em mais uma Casa de vidro sem pedir licença. usava um vestido preto longuíssimo de cetim que nada combinava com a ocasião. Ela não cumprimentou ninguém — afinal [geralmente] não era bem-vinda Naqueles espaços. acomodou-se à mesa e esperou mais um pouco.

os moradores espiaram pela fresta da porta dos cômodos em que estavam. os dois adultos do segundo quarto suspiraram com pesar imaginando qual dos dois iria primeiro. o menino do terceiro quarto ficou curioso e quase abriu a porta para ver melhor o que era mas foi impedido pela irmã. ela juntou o indicador à boca e conduziu o menino à cama pedindo para que ele voltasse a dormir.

enquanto isso a moradora mais velha acomodada no primeiro quarto nada disse — sequer podia verbalizar uma palavra. sabia que de qualquer forma não era preciso. queria tanto porém falar algo. falar tanta coisa que ficara no não-dito. fazer diferente em muitos sentidos.

(Mas
era tarde)

manteve-se no mais profundo

Silêncio. Ele que juntamente com o Tempo definharam-lhe pouco a pouco — e foi um apetite estimulado por si.

Agora nada há para fazer senão fechar os olhos e esperar o último
Apetite.

os demais moradores se recolheram com medo. exceto a menina. ela abriu mais a porta e observou com atenção aquela coisa devorar uma vida cheia de

vazios. pensou se Ela ficaria satisfeita após a refeição ou se iria atrás de si. arregalou os olhos quando foi notada e apertou o bichinho de pelúcia que segurava contra o peito. não era a primeira vez que lhe ocorria mas sempre sentia um calafrio que a fazia
acordar.

a coisa esquelética demorou muito tempo para comer. horas dias semanas meses anos. sentiu que era observada a cada segundo e permitiu porque aumentava as chances — quem sabe — de logo mais ter uma refeição mais saborosa mais digna.

afinal

consumir tristezas não satisfaz ninguém.

CONTO

ALÉXIA PRADO

Entresijo²

DA AUTORIA



Aléxia Prado, mineira, escreve desde que começou a usar a imaginação, em sonhos, delírios e papéis. Trabalha com o espanhol, pesquisa dramaturgia não humana e é apaixonada pela música hispânica e por todas as formas literárias de horror.

La oscuridad. El no ser. ¿Puede existir algo más perfecto?

Silvina Ocampo

Uno comienza a morir desde que nace.

Guadalupe Nettel

Como mais um golpe da frustração, vejo-me na impossibilidade de livrar-me da primeira pessoa, pois quem dirige este espetáculo falido não é outro ser humano senão eu. Há outra que passa semelhante, e

a reconheço como um fantasma. Não sou capaz de mirar em seus olhos, porque poderia me ver refletida com a face mais melancólica que seria possível considerar. Há um jogo de suposições entre nós. A verdade de que nada é individual se contradiz o tempo inteiro, quando as minúcias são apenas elas, sem a grande passagem do tempo que torna tudo menos dissecado.

Me incomoda o ombro esquerdo no dia 06 de maio e, logo mais, no dia 21 do mesmo mês, é o joelho que falha, enquanto o ligamento rompido 17 anos atrás aparece como sinal de que, se não é o lado do joelho, é o lado do pé. Ou seria só o murmurar fantasmagórico. A dor no ombro volta, não

² *Entresijo*, em espanhol, significa:

1. m. anat. **mesenterio**, pliegue que une el estómago y el intestino con las paredes abdominales de algunos animales. Más en pl.: *entresijos de cerdo*.
2. Cosa oculta, que está en el interior de algo, escondida. Más en pl.: *intentaron descubrir los entresijos del crimen*.
3. tener muchos entresijos loc. Tener una cosa muchas dificultades o complicaciones: *esta teoría gramatical tiene muchos entresijos*.

Disponível em: <<https://www.wordreference.com/definicion/entresijo>>.

importa o que eu faça. Fiz uma promessa através da promessa da minha avó, enquanto ela recortava nome por nome de quem poderia ter me jogado um mau olhar no trabalho. Nada adiantou.

Comecei a repetir, já há dois anos, três meses e meio, todo o ritual que me fizera dormir bem durante dois dias seguidos, sem acordar um momento sequer para ir ao banheiro ou apavorada por um sonho sem elementos de terror, apenas as sombras do que poderia chegar a ser meu futuro (como o presente) ou com algum barulho da rua às 9 horas da madrugada de um dia útil qualquer. Não me custava dormir antes de começar a encarar a escuridão do lado soleado do passeio. Mesmo assim, já sofria de fantasmas que me sopravam o que viria a ser rotina. O acúmulo de sinais foi o declínio de meu corpo.

Certas noites me possibilitam dormir bem e acordar com a mente fresca, onde há espaço para paciência com pessoas normais exercendo um cotidiano normal. Nestas, consigo atravessar a rua sem sentir o pavor da possibilidade de tropeçar, cair e visualizar um carro amassando a minha cabeça. Na próxima, cruzo a esquina na frente de um carro que avança com velocidade moderada, com a fúria da necessidade de me impor.

Gostaria de encontrar alguma forma de fazer com que meu corpo possa respirar sem contrair os músculos de lugares que nunca foram descobertos por outra via além da ansiedade e da tensão provocada pela angústia.

Voltei a sentir o mesmo medo daquela criança de 9 anos que começava a sentir uma dor na região do peito. Dor diferente da provocada pelos problemas respiratórios de sempre: bronquite, asma, rinite, sinusite, faringite, noites em claro, insuficiência ou ansiedade? Dificuldade de respirar, febres ou alucinações? A dor tenra era uma dor que acompanhava um crescimento de algo que hoje é muito meu, mais assustadora que a própria respiração.

Tenho medo das palavras.

Curioso pensar que a única coisa que nunca repeli em mim, por algum momento, foram as minhas mãos.

Atormenta-me a ideia de habitar outros corpos em meu único corpo.

Peço perdão às pessoas íntimas que abandonei em um momento de doença. Normalmente, não era nada particular, nada necessário: corria de qualquer papo sobre os anseios de sofrer algum acidente ou desenvolver alguma doença. Escrever sobre me causa dor de cabeça, mas bem ali na nuca, o que me faz pensar em quando Miguel me contou que havia recebido um diagnóstico de hipertensão e eu tive que ir correndo ao banheiro do bar em que estávamos para vomitar. Fui embora sem avisar nada e, ao encaixar a chave na fechadura de casa, enviei a Miguel uma mensagem que estava escrevendo e reescrevendo desde o vaso imundo daquele bar. Não voltei a perguntar como estava sua pressão; entretanto, pensei na minha com exaustão. Desconfiava que retomar este assunto o tornaria real, assim como acontece com o ato de escrever.

Viver tarefas do cotidiano que para a maioria da população são desenvolvidas de forma simples e rápida, era vista como uma ação milimetricamente calculada e tensionada a níveis extremos. Sentia culpa até de mim mesma. Me questionei se isso era ser mulher.

Muitas vezes me recuso a sair de casa porque sei que na rua não posso controlar o que eu faço em quatro paredes do meu apartamento com a melhor vista da cidade, [para mim]. Os controles do dizer não, no paraíso que a cidade proporciona, se desvanecem. Dizer não ao vício é mais difícil que dizer não a qualquer outro sentimento pensado com sobriedade. Ainda que viciada, neurótica. Ainda que neurótica, viciada. Me questionei se isso era viver entre as beiras.

Em outros momentos, constato que escrever ficção é como navegar por uma maldição cíclica. Não há saída. Pelo tamanho do feitiço, temo consumir as palavras como quem foge de um violentador armado correndo em sua direção, porque já corri e temo precisar correr de volta. As palavras

precisam de leitores como um recém-nascido mamífero necessita de alguém que o alimente e o direcione em seus primeiros passos. Recolher-me entre as estruturas era como ressaltar a decadência corporal e sensorial humana.

Posso conseguir me livrar da primeira pessoa em outros espaços. No entanto, o plural dessa forma não se esvazia de sentido, pois ainda que veja o tempo escorrer entre meus dias quase idênticos entre neuroses e trabalhos e sono e remédios e fuga social, o fantasma é a minha única certeza.

Me questionei se poderia me fragmentar de meu corpo e falar de você como se não fosse um parasita da morte em mim.

ANTONIO NETO

A substância

DA AUTORIA



Antonio Neto, nascido em 2001 em Murici, Alagoas, é graduando em Letras-Português e apaixonado por literatura desde jovem. Sua curiosidade foi despertada por gibis e livros da estante de suas tias, que expandiram seu repertório literário. Com o tempo, desenvolveu também uma paixão pela escrita, tanto em prosa quanto em verso. “Encontro Íntimo” marca sua estreia como autor.

“É uma viagem sem volta, senhor Rocha”, disseram minutos, horas, dias e meses antes mesmo do primeiro documento assinado.

“É quase como se estivesse morto. Nós não queremos nos responsabilizar por seus arrependimentos”. Eu estava muito ciente dessa responsabilidade, e sinceramente não sei o porquê de tanta ênfase com relação aos meus empoeirados sentimentos. Sou um senhor de quase setenta anos, o que tenho a perder se não o pouco da vida que ainda me resta? Tudo o que eu quero é largar os remédios, deixar minhas consultas mensais, deitar em minha cama de lençóis baratos e me perder em meu sono.

“Será o primeiro homem a desligar os seus sentimentos. Será a primeira vez que testamos essa substância, senhor. Como é nosso dever sempre avisar, a injeção que iremos aplicar esvaziará sua serotonina e sua dopamina”

Sou o meu próprio responsável. Fui casado, viúvo e amado. Em toda a vida passada, casei três vezes. Conheci poucas mulheres, amei somente três delas, três das quais me casei, mas não tive filhos. Se eu tivesse, falaria. Cassandra, Selene e Wanda. Separei de Cassandra no fim da faculdade, quando sentíamos que nossas histórias chegavam ao fim. Perdi Selene em

um surto de gripe, que assombrou todo o país por cerca de cinco anos,

CONTO

A substância – Antonio Neto

e Wanda simplesmente morreu de velhice. Estávamos juntos há quase vinte anos. Elas eram encantadoras.

Durante os meses dos primeiros testes, pediram-me para escrever um poema. Deram-me duas folhas, uma pautada e outra em branco, e algumas canetas coloridas. Perguntaram se eu precisava de um espaço ou uma música ambiente durante o processo, mas disse que não era necessário. A sala sem janelas de paredes cinzentas ficou silenciosa por quinze minutos. Todos me observavam encarando aqueles papéis, aguardando as primeiras palavras que poderiam brotar no papel. Lembrei do ensino médio, quando a professora de língua portuguesa pediu que meus colegas e eu produzissem um poema, quando estávamos estudando os poetas modernistas. Não me lembro direito o que produzi, mas sei que consegui chamar a atenção da professora. O porquê disso? Eu sinceramente desconheço. Só parecia ter alguma função nestes momentos. Mas voltando à sala sem janelas e de paredes cinzentas, quinze minutos haviam se passado e a única coisa que eu havia produzido era somente o título que não se chamava nada mais, nada menos, que “Poema”. Os cientistas, pobres curiosos, achavam que havia poesia no vazio que eu havia deixado sobre os papéis, como se a poesia falasse por si mesma, sem precisar do auxílio de algum artista. Há verdade nesse tipo de pensamento, mas com certeza não foi a minha intenção quando travei depois de deixar aquele título. Eu não estava tentando dizer o não-dito, muito menos buscando uma interpretação além dos rabiscos. Eu simplesmente não tinha ideia alguma do que escrever, mas os cientistas insistiam em dar sentido ao que eu mal havia começado. Se há poesia no não-dito, direi que sim. Se há poesia naquilo que ficou pela metade, também direi que sim. Se há poesia no que tentei escrever durante quinze minutos, direi “não”. DEFINITIVAMENTE NÃO.

“Se tudo der certo, podemos até desenvolver pílulas, senhor Rocha. Saiba o quanto o admiramos por sua coragem, mesmo com todos os riscos

que lhe informamos”

Eles tentaram de tudo: imagens, áudios, vídeos e revistas pornográficas; romances, quadrinhos, novelas e os mais diversos seriados. Tentaram até com mulheres incríveis que passaram a me visitar com frequência, na intenção de me cativar e me fazer despertar substâncias reprimidas. Meus mais sinceros neurotransmissores. Tudo estava ficando meio... sem gosto, digamos assim. Começou com os seres humanos, e agora tem se espalhado para qualquer manifestação da arte, tanto na área da culinária, quanto das produções cinematográficas ou textuais. Tudo tem perdido o seu gosto. A minha língua, em si, tem perdido o seu gosto. Os olhos, em si, têm perdido o seu gosto. Tudo o que vejo está em estado constante de acinzamento. Em compensação, larguei os remédios, as consultas cessaram e tenho dormido bem todos os dias. É isso que os colegas-cientistas não se conformam, o fato de que não apenas me adaptei ao novo estilo de vida, mas que passei a gostar genuinamente dele.

“Somos gratos por fazer parte deste grande progresso”

Não se sabe muito bem como chegaram a este projeto, apesar de não ter sido divulgado em nenhuma rede de comunicação. O governo jamais aprovaria tal ideia disseminada em todo o país. Só tive conhecimento desse projeto, através de um velho colega de trabalho que havia me convidado para um jantar, em comemoração ao retorno de sua viagem de pesquisa na Suécia. Uma viagem que durou vinte anos de sua vida. Era óbvio, que eu estava curioso para saber o que um pesquisador traria de viagem após vinte anos de sua pesquisa. Ele me contou que estavam estudando neurotransmissores, como dopamina e serotonina e que sua volta ao Brasil era justamente para dar continuidade ao que haviam começado em um laboratório muito avançado na Suécia. Perguntei se haviam voluntários da substância e ele balançou a cabeça em afirmação. Como não demonstrou nenhuma resistência em me falar deste seu projeto secreto, perguntei se já tinham uma cobaia aqui no Brasil e ele balançou a cabeça em negação. Disse-me que aqui as coisas são mais delicadas, e que não poderiam sair

às cegas pelas ruas em busca de possíveis voluntários. Já é de se imaginar que sugeri minha participação no projeto, e apesar de todas as tentativas de resistência que meu amigo pesquisador tentou lançar sobre mim, acabei vencendo-o pelo cansaço.

O Projeto Substância durou cerca de cinco anos. Os cientistas sobreviveram de forma clandestina até que os sites de fofoca e os jornais mais famosos começaram a divulgar o comportamento suspeito de algumas pessoas. Chegaram perto demais de encontrar os laboratórios e por isso tivemos que encerrar todas as atividades. Havia hospedeiros demais espalhados pelas cidades. As pessoas percebiam a frieza emocional circulando por todos os lugares. Sem sorrisos, demonstrações de afeto ou qualquer expressão em frases sentimentais, gerando dupla interpretação. Uma sociedade gelada, estática, robótica. Era questão de tempo até que as más notícias circulassem, e sentíamos que estávamos à beira do abismo. Não se sabe o que ainda acontece na Suécia, mas o Brasil foi um dos países que abandonaram este projeto e de forma muito discreta, todos os hospedeiros foram recompensados das melhores formas em troca do silêncio absoluto.

Hoje eu vivo com o mínimo que posso: fileiras e mais fileiras de livros que não me dão gosto algum a vida, em um quarto que transformei em escritório. Leio todas as noites acompanhado de uma garrafa de vinho por semana, mas todos os dias guardo comigo as boas e velhas pílulas da mais secreta e inovadora substância.

“Cuidado com o risco do vício, senhor Rocha. Tire o gosto pela vida e tudo se torna inofensivo”

“Alô! Senhor Rocha, gostaríamos de saber se ainda possui algumas das caixas de pílulas que o senhor tanto nos pediu?”

“Alô! Senhor Rocha, gostaríamos de entrar em contato o mais rápido possível. Não temos mais notícias suas”

“Alô! Senhor Rocha? Ainda está na escuta? Nós precis...”

MICROCONTO

ANTONIO NETO

ALVO OU PUPILAS?

Ao se sentir na mira, ficou paralisado.

DEIÇO XAVIER

Nigredo

DA AUTORIA



Davidson José Martins Xavier (Deiço Xavier), nortemineiro, artista da dança e do movimento, trabalha também com docência e audiovisual. É mestre em Artes da Cena PPGAC/UFG, atualmente cursa Doutorado em Artes PPGARTES/UERJ, percorre trilheiros autobiográficos empenhado em desenvolver artes cênicas que reflitam sua narrativa pessoal por meio da autoficção. Possui experiência em Dramaturgia(s) e Poéticas do corpo, Processos Criativos e Videodança.

navicularse@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0091157995926784>

Na rua São Romão existia uma árvore sete-copas na calçada, era onde eu brincava, desenhando grandes formas no chão com os cacos de telha. Era onde a maioria das crianças do cortiço, que ficava mais abaixo na rua, brincava. Entre a árvore e o terreno do cortiço eram pouquíssimos passos, coisa que criança faria num grito. Eu tinha muito medo de entrar lá, pois as vielas, que mal cabiam duas pessoas adultas lado a lado, pareciam ter outra densidade.

Da laje da casa da minha avó dava para ver o cortiço e, em muitos momentos, dava para sentir seu cheiro. Algo similar a madeira em decomposição, roupa suja e terra molhada. À medida que a árvore crescia, as casas de pau-a-pique do cortiço eram demolidas. Em oposição aos restos das casas que caíam, as crianças erguiam travessões de madeira para criar um gol e ali rasgavam os dedos em cacos de vidro enquanto uma bola rolava de um lado para o outro. Quando a árvore de sete-copas já havia crescido o suficiente para ultrapassar a luminária do poste público, e apenas a casa de Dona Geralda se mantinha de pé, surgiu o bode.

Toda criança já tinha visto um bode, e eu particularmente adorava catar as suas bolinhas marrons quando secavam. Me balançava vendo as tetas das cabras e tinha medo do macho dominante, enciumado delas, que

sempre seguia à frente do seu rebanho e corria atrás dos meninos.

Porém, este estava só. Quando ele soltou o primeiro berro, todos pararam seus afazeres e correram para tentar capturá-lo. Uma corda possuía o seu pescoço e um sino, num belengo-belengo descompassado, contrastava com o movimento do estridente quadrúpede.

Todos atalharam o ser e Reginaldo conseguiu agarrá-lo pelo chifre. Reginaldo era bonito. Eu observava o seu tronco sempre sem camisa e o short de futebol que, de tão puído, parecia não se distanciar dele. Naquele ano, surgiu embaixo do nariz de Reginaldo uma pequena penugem e, eu-criança que era, o que me restava era observar as mudanças do seu corpo.

Ao perceber o troféu tentando se libertar, Reginaldo abriu as pernas e prendeu o bicho numa chave de coxas e, ao cair no chão, gritou para um dos moleques amarrar as pernas do bicho. Piado, ele não conseguiria correr.

O corpo suado de Reginaldo estava coberto de pelos brancos do caprino e com um cheiro almiscarado que todo bode sempre teve. Ele sorria ofegante, mostrando os enormes dentes, enquanto uma multidão o fazia desaparecer entre leves palmas nas costas, gritos de vitória e risos, contrastantes com os gritos do bode.

O que fazer com o bicho? A quem pertencia? Como chegou aqui no cortiço sem ninguém ver? Estas dúvidas iam intensificando o ar enquanto o olhar revirado do bode vibrou em mim. Suas pupilas retangulares me cravaram uma dor, como se eu também entendesse os “bés” que ele dizia. O olho gritava, um quadricular que me aprisionava em um cubículo.

Algumas crianças imitavam o animal, outras seguravam-lhe os chifres e umas poucas, como eu, observavam a confusão orquestrada. Era como se o mundo fosse governado pelo ímpeto, pois nenhum adulto ousou aparecer. Entre gritaria e tentativas de fuga, um dos moleques trouxe uma outra corda e fizeram nela um nó corrediço. O bode, já amarrado, manteve-se quieto com esta segunda garra que lhe segurava. As mãos jogaram a corda em um galho alto da árvore e umas cem mãos carrascas puxaram a corda.

Os cascos dos pés perderam aderência e foram saindo do chão e, quando ele foi perdendo os apoios das patas traseiras, em desespero tentou tatear a grama. Foi este o momento em que o bicho me olhou pela última vez. Agora, os olhos olhavam para um desespero-céu, mirando um azul calma em contraste com todos aqueles negrotos-corpos seminus. Quando o corpo do bicho se suspendeu totalmente, foi que os moleques sentiram todo o peso do corpo do animal.

“Reginaldo, puxa!” – ouvi um grito.

Reginaldo era o eixo em tudo. Como cordas esticadas ao limite ainda havia nele um domínio. Desviar os olhos não havia possibilidade quando, a cada ajuste de pegada, a cada respiração um certo torpor parecia vencer-me o combate. O grito que ecoava, de alguma forma, me puxava também. Seus músculos tensionaram-se ao segurar a corda, enquanto os membros do animal entraram em uma dança gigantesca: o movimento do dorso levou o bode a dar coices no ar, enquanto urfou tentando usar o chifre como defesa, as patas tateando o impossível e uma língua quase mole espumando na boca. O olhar quadricular do bode friccionou o meu pescoço, a minha mão suada e o desregulado coração. Havia três coisas pulsantes na cena: os braços, o pescoço e o meu peito, apertando-se contra mim ao mesmo tempo.

O grito sufocado foi uma morte vazante quando a bexiga do animal despejou o líquido amarelo e, como em coito, eu cedi. Ajoelhei. Ambos os corpos diziam que ali não havia mais para onde olhar.

Atrás de mim, a árvore de sete-copas impunha sua sombra alongada no chão. Por um ar, pensei nos cacos de telha, nos improvisados e gritos das crianças. Por um outro ar, olhei a árvore, indiferente, alta demais, testemunha de tudo.

Da inquieta cena, mole a corda solta-se no chão, vazia de sentido como o corpo morto. Restou vivos, eu desregulado e ofegante Reginaldo, com dentes e boca, suores e cheiros, enraizados sobre a poeira pisoteada dos chinelos dos moleques.

ERIS

A mancha

DA AUTORIA



Graduando de Letras –
Português, Eris escreve como
quem chafurda na lama.

Eu demorei para perceber aquela mancha no canto do quarto.

Acho que já fazia uma semana quando notei. Era, de início, translúcida, alaranjada e levemente disforme. Pensei que fosse algo na parede, cogitei limpar, mas só de olhar para ela, sentia um leve desconforto. Lentamente, passei a evitá-la, só entrava no quarto quando necessário, para dormir. Era como se as minhas

entranhas se remexessem só de estar no mesmo ambiente que aquilo. Comecei a não guardar mais as roupas, a utilizar sempre as mesmas camisas direto do varal, só para não sentir aquela mancha. Às vezes, entrava no quarto de luz apagada só para não ver, mas tinha a impressão de que até no escuro conseguia enxergá-la.

Foi só com um mês que percebi do que se tratava, quando a coisa começou a tomar forma. Veja bem, eu jamais poderia imaginar que um fantasma fosse assim, não era como descreviam os filmes. Eu imaginava que seria algo leitoso, transparente, discreto, e não um laranja neon, sólido, saturado, de bordas meio verdes, como naquelas manchas de calor. Já nem conseguia ver a parede por trás. Tomei um grande susto quando a vi de verdade pela primeira vez.

Naquela época, a coisa não saía do lugar. Permanecia ali, imóvel, olhos vidrados, a boca aberta, escancarada, quase como se a mandíbula estivesse presa somente pela pele. Era desconfortável de ver, mal conseguia passar um segundo observando. Era tão vibrante, efervescente, que me ardia os olhos. Pensei em tocar, só pra saber se dava, mas era como se tentasse encostar na superfície quente de uma frigideira no fogão. Meu corpo se

recusava a conceber aquilo, sabia que não devia me aproximar, que fazia mal.

Aos poucos, começou também a fazer som. Era baixo e irritante, como um ratinho, tão estridente que causava náusea. De sua aparência me angustia até falar, parecia queimada em minhas retinas. Os cabelos desgrehados, o sangue escorrendo. O pescoço meio torto, a pontinha de algo rasgando a pele do braço, — *um osso talvez?* — e um odor fétido indescritível, da carne podre decompondo. Sua presença era palpável, densa, inconfundível. Agora, já não se restringia mais ao quarto, perambulava pela casa inteira, sempre nos cantos, me olhando. Passei a ficar cada vez mais na rua.

Já fazia seis meses quando acordei com seus grunhidos. A coisa parecia testar sua própria voz. Fazia barulhos afogados, um som de gargarejo. E então gritou. Nunca ouvi nada assim, parecia vir acompanhado de um apito, e eu conseguia ouvi-la até na rua. Me lembrava muito o som de uma rasga-mortalha e às vezes era possível identificar um tom de choro. Aguentei dois dias antes de alugar um quarto de hotel.

Foi então que, quando menos esperava, a vi no meu trabalho. Era inconfundível o tom de laranja esverdeado. Me espreitava no corredor, com medo. Lhe enxerguei brevemente e logo desviei o olhar, a retina ainda ardia, incapaz de me acostumar. E então mais uma vez a ouvi gritar. Não aguentei, declarei mal estar e fui embora, mas a coisa me seguiu.

Sua presença era incontestável, constante. Enlouquecedora. Eu a via de olhos fechados, escutava seu murmurar até no vento e vomitava só de senti-la por perto. Passei a faltar ao trabalho e dormir na casa de amigos, incapaz de pedir ajuda, de confessar sua existência, mas o esforço adiantava pouco, em meras horas ela me encontrava. Até que começou a me acompanhar a todo o tempo. Ficou mais ousada, chegava mais perto e gritava até em meu sono, sem cessar. Ninguém mais parecia percebê-la, era um pecado só meu para carregar. Me mantive firme o quanto pude, mas depois de um ano não aguentei.

Abri os olhos com a pele queimando, ardendo em brasa. A coisa havia se deitado comigo e cravava os dentes em meu ombro. Não conseguia me mover nem gritar e sua memória parecia infectar minha mente. Senti sua cólera, me vi sob sua ótica. Foram 40 minutos de agonia pura, pareciam horas. Ela rasgava minha carne sem dó, mastigava pedaços grandes invisíveis, como se comesse minha alma. Quando acabou, desabei. Chorei copiosamente, chegava a me faltar o ar. Era demais. Liguei imediatamente para a polícia. Gritava entre soluços, sem conseguir dizer mais nada.

— Fui eu! Fui eu! Fui eu que matei a menina do canavial!

FRANK BARBOSA

O Sétimo Padre

DA AUTORIA



Frank Barbosa, de Caruaru, Pernambuco, é poeta e compositor influenciado pelo rock pernambucano, hardcore, grindcore, death thrash e death metal. Inspirado pelos causos da cultura popular e pela vida urbana, seus contos exploram a angústia, violência, loucura e degradação do ser humano, provocando um impacto visceral no leitor.

Fazendo o gesto com a ponta do polegar direito e acompanhando com a reza pronta:

“Pelo sinal da Santa Cruz,
Livra-nos, Deus,
Dos meus inimigos.”

E ainda continuou:

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

Pacientemente, o Padre esperou para que pudesse falar:

— Meu filho, quando foi a sua última confissão?

— Costumo me confessar todo ano na

Sexta-Feira Santa, como hoje. Desculpe incomodar o senhor hoje, acredito que seu dia é de recolhimento e preparação para a Páscoa. — respondeu o penitente, que, para o Padre, era um novo rosto em sua capela e até nas visitas e trabalhos em outras da paróquia.

— Não se preocupe, meu filho. Eu abraço sua obrigação com o sacramento assim como abraço minha missão sacerdotal.

De fato, após seu ordenamento, o Padre poucas vezes se questionou sobre sua missão e já fazia muito tempo que havia feito isso. Entregou-se por inteiro a cada capela e às ordens da paróquia e diocese. Servir à Igreja era a simples obra da sua vida.

— Que a graça de Deus, que ilumina nossos corações, esteja contigo para que faças uma boa confissão. — dando assim permissão para que o rapaz pudesse iniciar a contar seus pecados ou sua vida mundana.

— Confesso a Deus Todo-Poderoso e a vós, Padre, que pequei. — Naquele instante, o Padre reconheceu que seu novo penitente conhecia todo o ritual de confissão e os preceitos católicos. — Confesso que pequei, e não é de hoje nem de ontem. Já faz tempo que venho pecando. Reconheço, antes mesmo da orientação e penitência, que sou pecador. A atração que sinto pelo pecado tem sido irresistível, ou minha fé é pequena demais para resistir.

— Meu filho, como você sabe, para Nosso Senhor nada é impossível.

— Sei sim. Por saber que na sua missão cabe intermediar com Deus sem julgamentos, eu lhe procuro até para que a aflição não me atinja.

— Eu entendo, meu filho, e estou aqui para isso. Por favor, prossiga.

— Como lhe disse, já faz anos que recorro ao mesmo erro, e a cada vez me parece causar mais prazer. A culpa talvez venha apenas da possibilidade de ser descoberto e do que as bocas falarão caso os olhos vejam. O gosto, o cheiro, todo arrepio que me causa só me trazem memórias de felicidade. Senhor Padre, procuro ser diferente e nada muda. Acredito que o perdão de Deus distância do caminho, mas não me tira dele.

O começo da confissão, que nada falava, só aumentava a curiosidade do Padre. Perversidades, segundo a Bíblia, já eram comuns para aquele confessor. Seria só mais um caso. Então, o Padre mais uma vez usou da palavra para consolar antes da entrega total do pecado:

— Meu filho, o Senhor está em tudo e em todos os cantos. Por mais que você ache que saiu do caminho, Ele continuará ao seu lado, e com fé fará que o torto se torne reto.

— Eu entendo, senhor Padre, mas o senhor ainda não entendeu. Deixe-me continuar. Como o senhor não imagina, sou uma abominação perante os olhos sagrados. Talvez os anjos que ainda ficaram ao lado do trono divino se rebelem também ao saber que fui perdoado.

— O que de tão grave poderia afastar o olhar perfeito que tudo perdoa de um homem?

— Eu não posso mentir e também tentar enrolar, fazendo que seu feriado santo seja gasto à toa. Então, senhor Padre, agora saiba o que fiz. Eu matei.

Era a primeira vez que o Padre tinha uma confissão de assassinato. Talvez nem soubesse qual a penitência teria que aplicar. Só sabia que deveria manter o sigilo, apesar do pecado, e no máximo orientar que o pecador fizesse a entrega do seu crime à justiça dos homens.

— Eu matei e gostei. Isso faz de mim um demônio?

— Não, meu filho. Talvez você não entenda o verdadeiro poder de um demônio e as possibilidades do amor divino.

— Eu matei e gostei. Preciso dizer como foi. Aquela voz grave, baixa e doce me seduzia desde o fim da infância. Sua roupa preta totalmente composta me trazia desejo de saber como era aquele corpo, aquela pele. Sentia ciúmes de outros homens, meninos, meninas e mulheres que atraíam seu sorriso. Sim, eu sentia ciúmes e queria só para mim. Aquilo passava do sexual. Não queria seu corpo do jeito que se entregava escondido aos homens casados. Esse segredo eu sabia e guardava só para mim. Queria mais: uma relação familiar, colocá-lo no altar como uma imagem e santificar, algo só meu e que não sei como explicar. Resolvi sacrificar seu corpo como se fosse redimir até seus pecados. Planejei cada detalhe, e foi em um dia como hoje. Eu pequei na Sexta-Feira Santa.

O que dizer para redimir o pecado? O que faria aquele homem se entregar à polícia? As palavras não se encaixavam para ter lógica e aconselhar aquele cristão, que continuou sua confissão:

— Senhor Padre, foi em um momento vulnerável. Deixei que me ouvisse e, antes da sua terceira palavra, cravei meu punhal subindo em sua garganta na direção que saísse na sua nuca. O sangue espirrou no meu rosto e aquele cheiro me dominou. Foi o melhor perfume que já senti. O que me ajudou naquela ação foi que não permiti que saíssem gritos. Esperei

sua queda como se já soubesse o que estava fazendo e, assim acontecendo, arranquei o punhal.

— Meu filho, você não precisa dos detalhes para a penitência e absolvição.

— O senhor ainda não entende. São os detalhes do pecado que vão provar que não há perdão. Por favor, me escute. — E assim o Padre fez. — O cheiro do sangue já me perturbava, me dava prazer, e com o punhal nas mãos eu lambi a lâmina de um jeito que não me cortasse. Eu gostei do que provei. Senhor Padre, eu gostei do gosto do sangue. Fazendo isso, percebi que aqueles olhos me miravam fazendo o que fiz e tinham uma mistura de terror e pedido de ajuda. Não resisti. Vi que não tinha força para reagir e arranquei aqueles olhos que não olhavam só para mim. O corpo tremia ainda mais de dor quando fazia isso, o sangue não parava de jorrar. Procurei o buraco feito no pescoço e, voltando com o punhal, passei por cada veia que não sabia que era. A morte chegou.

Com o corpo esfriando e nauseado, o Padre arrumou forças para falar:

— Meu filho, por mais grave que seja, para Deus todos os pecadores têm perdão. Foi por isso que, em um dia como hoje, Seu Filho se entregou. Foi por nós. Perante os olhos divinos o seu arrependimento sincero redime seu pecado, mas você precisa encontrar a lei dos homens.

O Padre esperava uma resposta que ajudasse a ajudar, que levasse aquele homem a pagar entre os homens e perante Deus.

— O senhor não entende. Não me arrependi. Eu gostei daquilo, e foi só o primeiro. Isso já acaba com minhas chances de perdão. Naquela Sexta-Feira Santa matei pela primeira vez. Já cheguei a seis, e hoje matarei o Sétimo Padre.

HANNY SANTANA

Despedida

DA AUTORIA



Hanny. Hanny Santana. É uma mocinha de 19 anos do município de Maceió que depois de passear por tantos livros, aperreios e avenidas de ônibus, decidiu aglomerar tudo e criar algo que preste. Quando finalmente senta na cadeira, escreve umas histórias malucas desse mundo mais insano ainda.

Saudei-o com um copo de afeto, apesar de já passar das cinco. Sinta-se à vontade, lhe disse, contendo as feições de monstro que costumam me aparecer quando escurece o dia.

Ele te ama, sabes? Pensei. E acreditei, pois seu rosto lembrava os bons momentos da família. Nele, os beijos de mamãe se eternizaram. O riso das conversas deixou sulcos; uma espécie de aura iluminada o abraçava, mais um escudo que o protegia de mim. Ele sorriu. E como foi bom o riso, ou melhor, o antídoto: de repente, aceitei a duração dos dias, a dualidade da vida, a

existência de dor necessária para o ser feliz. Ia falar. Contive a respiração e esperei.

Vim lhe buscar. Como assim? Vim lhe buscar, é o aniversário de mainha, vamos comer alguma coisa. Ah... Se senta. Não, espero aqui. Por que não avisou antes? Você ia inventar desculpas. Não. Sim. Não. Sim. Ela sabe? Vai ser surpresa. Hum.

Emburaquei no quarto sem saber o que vestir. Percebi meu cheiro, fui ao banho. Deixe a água fria. Deixe a água fria.

Fazia uns 2 anos que nos afastamos. Uma briga boba, provavelmente por mesquinhez minha. Um bolo caro demais? Ressentimentos, também demais. 9 meses, como aguentamos?

Ela queria que eu saísse logo. Me expulsou de si. Nasci sem pés, ainda com brânquias e uns olhos ineficientes. Até hoje, mal enxergo o azul. O céu

tem uma cor verde lamacenta, como se fosse o esgoto do Paraíso. Quase como as íris da minha mãe, que me lembravam duas poças de vômito.

Saí do chuveiro ainda suja. Mesmo distante, o perfume amadeirado de Gabriel ia me tornando pequena, invisível. Lá, talvez só ela me percebesse. Diga o quanto eu mudei, o quanto a tristeza me digeriu, o quão pouco colágeno resta na minha pele.

Queria ir com André. Queria trazê-lo de volta. A data, imperiosa, soube o momento certo: eu estava sozinha. Meu único escudo sobrevoava o Atlântico, em busca de oxigênio para nós dois.

O vestido de algodão, rosa, me cai bem. Era o suficiente. Saí, fechei a porta. Gabriel apenas assentiu. E aí, como está? *Feio*. Não. Como está você? *Ah. Eu estou bem*.

Agora percebo que ele perdeu um pouco do brilho. Meu irmão, antes gentil, agia feito bicho. Olha para mim. Ele olhou. Era mentira. Por trás da máscara de ignorância eu via suas partículas colidirem.

O carro era novo. Cheirava a mulher e a sanduíche. Sentei na frente, próxima a ele, conversamos.

Por favor, seja legal, tá? É sério. Ela não é a mesma. Seja legal.

E então, seguimos em silêncio.

O restaurante era desconhecido. Metido a burguês. Entramos.

Havia uma moça muito parecida com a prima. Outra, com a tia.

Elisângela!

Eram elas. Fantasiadas de si mesmas.

A mulher, na cabeceira, não era minha mãe; pois era pequena, raquítica e muda; pois existia sobre uma cadeira de rodas; pois tinha as íris cinzas. Não era minha mãe, aquela.

Me olhou como a uma desconhecida.

Seja legal, Gabriel disse.

E eu fui.

Olá, mãe.

E ela me olhou como a uma desconhecida.

Ela se acidentou, as cópias disseram, entre verborragias que num instante sumiram.

E não me avisaram?

Ela queria assim.

E não me avisaram?

Ela pediu.

Vamos comer.

Umas bruschettas esfriavam no centro da mesa.

Todos falavam. Estavam todos bem.

Me perguntaram uma única vez sobre o trabalho.

Depois, fui esquecida.

Mamãe, também.

Comi restos de pizza.

Uma lasanha.

No final da noite, Gabriel, como antes, veio até mim devagarinho.

Você precisava saber.

Ela vai viver?

O bastante.

Posso ajudar. Eu...

Tem o dinheiro da previdência.

E agora?

E agora, você vai para a Suíça. Antes da demência, ela falou que... falou que queria te esquecer.

E você?

Fico.

Mas, e a família...

Nunca existiu.

INGRID TORRES

O peso do Verde

DA AUTORIA



Ingrid Torres é amante das letras e da literatura, lê sempre que pode e escreve sempre que precisa. Moradora de Maribondo, estuda Letras na Universidade Federal de Alagoas e busca enxergar o mundo através das palavras.

Bati a porta do carro com a leveza que sempre tento aplicar ao fazer isso. Meu corpo já me avisava que aquela nova semana cobraria ainda mais esforço do que a anterior. Encostei a cabeça no assento e, de olhos fechados, dei bom dia aos outros passageiros.

Todas às segundas-feiras, os carros que nos levam do interior a Maceió vêm mais lotados do que o normal. A vida no campo depende, em parte, da grande pulsação da cidade. Se não fosse por ela, definitivamente não estaríamos aqui, nesta segunda-feira, dentro de um carro com uma música brega tocando e o ar condicionado no máximo.

Observei atentamente meus companheiros de viagem, que raramente são os mesmos de uma semana para outra. Através de suas roupas e bolsas, tentei imaginar o que os levava tão cedo à capital. A moça sentada na janela oposta carregava uma bolsa infantil — talvez fosse mãe ou babá de alguém. O homem ao meu lado, por sua vez, atendia mais uma ligação com um ar de superioridade (já eram pelo menos quatro desde que me sentei). Imaginei que fosse alguém importante. Nos dias de hoje, fazer tantas ligações ainda é um luxo.

Depois de me distrair com essas pequenas adivinhações, voltei-me para a janela, como de costume, para contemplar a paisagem. Era a mesma de sempre — o verde de sempre, as estacas de sempre, os animais de sempre, as pequenas casas de sítio, as placas de trânsito... tudo igual.

Suspirei profundamente, tomada por um tédio inevitável. Nada dentro do carro me prendia a atenção, e nada fora dele parecia ter mudado. Mas, como ainda restava mais de uma hora de viagem, me forcei a olhar.

Os açudes, os rios e as pedras estavam lá, exatamente onde deveriam estar. Os animais faziam o que sempre faziam. Se não fossem algumas pessoas caminhando pelas ruas e estradas, ocupadas com seus afazeres, eu não teria nada novo para ver. Foi então que, ao desviar o olhar para elas, percebi um movimento que prendeu minha atenção.

Lá no fundo, com uma majestade imensa, tremulava ao vento uma grande grama verde e branca. Ela era linda — encheu meus olhos de uma paixão que transbordava dentro do peito. A maneira como dançava suavemente à orquestra do vento me fez desejá-la por perto. Mas o contato visual durou pouco, pois o carro seguiu seu caminho.

De repente, senti uma inquietação extrema. "O que era aquela grama que se movia tão lindamente?", perguntei a mim mesma, incapaz de esquecer aquela visão. Dentro da normalidade habitual da paisagem, aquilo era anormal. Meus olhos voltaram à estrada, mas agora tudo parecia diferente. A grama ao longo do caminho era pequena e seca, os animais estavam magros e doentes, as árvores quase sem vida. Em alguns pontos, onde antes corriam rios e açudes, só restava a seca. Meu coração estremeceu, meu estômago revirou.

Não consegui mais olhar para fora. Minha mente fervilhava, e, de repente, meu interior gritou comigo:

— TRAÍRA!

Com muito esforço, voltei a encarar a paisagem. Mais adiante, vi outro pedaço de grama verde, alto, tremulando ao vento com a mesma leveza da primeira. Abaixei a cabeça. Minha mente, traiçoeira, trouxe de volta a lembrança de ontem. Ontem, quando eu fui a paisagem. Ontem, quando outra pessoa foi a grama. Ontem, quando alguém abaixou a cabeça enquanto

eu secava meus rios, matava meus animais, devastava minhas gramas e derrubava minhas árvores.

Meus olhos, antes secos, voltaram a se encher. Meu coração, pouco a pouco, se tornou oceano. Para que ninguém visse minha dor, virei-me para a janela e me obriguei a ver. A ver-me.

E então entendi.

Não foi a paisagem que se destruiu sozinha. Ela se renova, ela se enche, ela revive. A natureza é perfeita — o mesmo ciclo que seca, também molha. Quem mata a grama, os animais, as árvores e os rios somos nós.

Humanos.

Então, quem desmatou meu corpo e minha alma... não fui eu.

JESUS FERREIRA

O menino que não se conhecia

DA AUTORIA



Jesus D. F. Ferreira, 22 anos, natural do sertão de Alagoas, mora em Maceió há quase 3 anos. É estudante de Letras - Português pela (FALE/UFAL), e sua pesquisa envolve a valorização da herança Afro-brasileira na Literatura de Língua Portuguesa. É fã da literatura por apreciar como a vida é drasticamente bela, e essas são suas primeiras obras publicadas, inspiradas pelo mundo da performance artística, envolvendo identidade e representação subjetiva

Um dia, me contaram a história de um menino que não se conhecia. De início, fiquei desconfiado. Pensei:

— Como pode alguém conviver consigo mesmo e não ter ideia de quem é?

Ora, você existe como você, desde que você exista.

— Como pode não saber quem é?

Mas, me disseram que era um caso raro. E que, na primeira vez que o menino teve contato consigo mesmo, foi um estrondo. Ficou semanas em frente ao espelho. Estava encantado com o que via. Diziam que isso era o que aconteceu com Narciso, segundo a profecia de Tirésias: “o homem teria vida longa se nunca se conhecesse.” Acredito que o menino também acreditava nisso.

De início, ele ficou fissurado pela beleza de cada detalhe de si. Achava que tinha sido esculpido por deuses. Depois, começou a amar cada movimento, cada ângulo do seu corpo, e tudo o que seu corpo era capaz de fazer. Na primeira semana, ele se encantou tanto que começou a desprezar tudo o que via. Inicialmente, havia achado tudo bonito, mas depois, ao se conhecer mais, começou a perceber os seus defeitos e falhas. Viu tanto, que achou que só havia isso.

O encantamento inicial se esvaiu como o vento. Ele odiava tudo o que via, mas curiosamente não se atrevia a sair da frente do espelho. Estava

fissurado em cada defeito que possuía, hipnotizado pelo próprio desfoco. Agora, se achava ridículo, feio e horrível. Não era capaz nem de listar algo bom sobre si. Adorava observar os movimentos desengonçados, que sentia não merecer, existir como existia.

Na terceira semana, ele passou a se amar novamente, mas agora, de uma maneira diferente. Conseguia ver beleza nos seus erros, nos seus defeitos. Ele se conformou consigo. Conhecia tanto a si mesmo que já não era capaz de emitir uma opinião sobre si. Não sabia mais se era bom ou ruim.

Eu não sei exatamente o que aconteceu com o menino. O que sei é que passou os anos odiando e amando seu próprio ser, preso eternamente nas próprias formulações de como deveria ser. Preso na ideia do que deveria aparentar.

O menino que não se conhecia, finalmente, encontrou um sentido para se amar.

KAROL

Maré de azar

DA AUTORIA

Escrevo desde os 14 anos, encontrei na leitura um refúgio e na escrita a liberdade para dar voz aos meus pensamentos tão barulhentos, com ela sou capaz de criar diversos mundos além do que estou presa e ajudar outras pessoas a viajarem para a fantasia.

Na volta para casa, Lilith viu um grupo de alunos no beco, em volta de uma garota jogada no chão, sendo brutalmente espancada. Tudo que Marilyn conseguia fazer era proteger o rosto, escondendo-o entre as mãos. Lilith reconheceu a jovem: Marilyn. As duas estudavam juntas, mas não tinham muita intimidade. A colega vinha enfrentando assédio constante, especialmente do seu ex-namorado, que começou a chamá-la de "puta" por aí, por rejeitá-lo após uma agressão e se impor. Mas a pobre garota preferiu acreditar que não chegaria tão longe... Já tinha ido até a delegacia fazer uma denúncia, mas ouviu coisas como: "É normal namorados dizerem coisas ruins sobre a ex após algum término conturbado" e "Você deve evitá-lo." Ainda assim, lhe deram um papel como medida protetiva, mas ela não entendia como aquilo iria ajuda-la quando ele se aproximasse. Tudo que queria era ser esquecida e deixada em paz.

Quando a viram, os colegas pararam e mandaram que saísse do meio para acabarem com aquela "puta" qualquer. Em resposta, a rebelde Lili os encarou nos olhos e os desafiou com raiva: "Eu já chamei a polícia. Se eu fosse vocês, sairia daqui agora." Mentiu para que fossem embora, ainda não tinha dado tempo. Eles se entreolharam assustados e saíram correndo. A sós, Marilyn não conseguia completar uma frase que fizesse sentido aos ouvidos de Lilith. Quando a colega colocou sua cabeça no colo, e pegou o celular para chamar uma ambulância, a violentada botou uma golfada de sangue para fora e tentou pedir: "Fa...fa... fa...la pa... pa... ra o Ar..." Lilith pensou que ela estava dizendo que estava sem ar e insistiu que tentasse respirar até o socorro chegar.

O velório de Marilyn foi no dia seguinte, realizado na casa de sua mãe, uma casa simples e cheia de lembranças. Os pais estavam divorciados há alguns anos, mas se uniam para chorar pela filha. Lilith compareceu, mesmo não a conhecendo tão bem, pois se sentiu no dever de ir vê-la e se desculpar por não a encontrar a tempo. Os chutes perfuraram seu baço, e ela sangrou por dentro até morrer. Os médicos disseram que foi uma morte bem dolorosa. Os três que a atacaram foram soltos sob fiança uma semana depois de serem presos e, quando julgados, só ficariam presos até completarem a maioridade.

Coisas ruins começaram a acontecer com os criminosos. Lucas quebrou a perna, e seu sonho de se tornar jogador foi por água abaixo. Por muito pouco, não foi o pescoço. Ele jura que foi empurrado da escadaria da escola, mas as pessoas sabem que ele só ficou com vergonha de admitir que caiu como um idiota.

As coisas começaram a ficar estranhas quando Pedro perdeu a mão, brincando de arremessar coisas num triturador. Ele jura ter sentido algo para desequilibrar e, para não virar um picadinho de corpo inteiro, sacrificou a mão direita. Ainda assim, só tiveram certeza de que algo estava errado quando Guilherme, o ex-namorado de Marilyn, perdeu a direção do carro ao dirigir bêbado e bateu a cabeça no volante. Graças ao acidente, ele perdeu a visão.

Lilith também foi afetada. Não de forma tão grave quanto os outros, mas ainda assim envolvida na maré de azar. Grudaram chiclete em seus cachos, e ela realmente não sabe de onde veio a mão travessa. Teve que cortá-los. As coisas não pararam por aí: atrasou a entrega de alguns trabalhos e, o que nunca havia ocorrido em anos de ensino, ficou de recuperação. Seu namorado terminou com ela, convencido de que estava paranoica. A insônia causada pelos pesadelos com Marilyn a consumia. A amiga insistia que ela deveria fazer algo que havia pedido, mas Lilith não sabia o que era. Não entendia... após mais uma noite sem dormir, acordou

com os olhos cheios de olheiras e, exausta, admirou a própria carcaça no espelho.

Foi ao cemitério da cidade e levou flores ao túmulo da mãe e de Marilyn. Uma pessoa estava limpando as lápides mais sujas e a cumprimentou. Nunca a tinha visto por aquelas bandas; devia ser parente de algum falecido. “Você a conhecia?”, perguntou a senhora, e Lilith assentiu. “Um pouco, nunca trocamos muitas palavras, mas de alguma forma me sinto culpada por ela ter morrido”, disse a moça. “Por que se sentiria assim? Fez algo de errado?”, a mulher insistiu. “Naquela tarde, eu fiquei conversando com o João na lanchonete. Se eu tivesse voltado no horário de sempre, talvez pudesse tê-la salvado a tempo de ser espancada até a morte”, justificou, triste. Não tinha desabafado com ninguém até agora. “Acho que ela está feliz por alguém se importar de verdade que ela morreu”, sorriu a senhora complacente e completou: “Se eu fosse ela, ficaria aliviada por saber que não me esqueceram.”

Lilith limpou umas folhas que caíam da cerejeira na catacumba e revelou: “Ela queria que eu fizesse uma coisa, mas não a ouvi com atenção, e agora ela está me punindo.” A mulher sorriu e a questionou com imensa sabedoria: “Por que ela te puniria se, pelo que fiquei sabendo, você impediu que ela morresse sozinha naquele beco?” Lilith ficou surpresa que ela soubesse. “Acho que ela está perseguindo quem a fez mal.” A senhora finalmente se aproximou e leu as palavras na lápide: “‘Sentiremos sua falta e a amaremos para sempre.’ Ela também sente falta de quem a amou”, refletiu e prosseguiu: “Os mortos não voltam para punir ninguém. As pessoas se punem sozinhas, quando se sentem culpadas. Olha só quem está vindo...” sorriu doce, apontando entre as catacumbas e saiu a deixando sozinha.

Arthur, o irmão mais velho de Marilyn, se aproximou dela e do túmulo a sua frente, colocando um buquê de lírios sobre a lápide. “Não tinha tido coragem de vir vê-la”, falou por alto com Lilith, que nunca havia trocado mais de duas palavras com ele até então. “Fiquei sabendo do que fez por ela. Obrigado. Eu deveria estar lá para protegê-la.” Lilith sorriu, tentando

consolá-lo. “Não tinha como você saber.” Ele a olhou por cima dos olhos. “Marilyn morava com nossa mãe no sentido oposto, enquanto eu morava ali, com o papai. Ela devia estar vindo fazer as pazes, por causa das minhas idiotices”, deu uma pausa, respirando fundo. “Eu a culpei por namorar aquele babaca, quando eu havia avisado que ele não prestava. Ela deve ter vindo atrás de mim, para se desculpar. Se eu tivesse ficado e dito que estava tudo bem, que não era sua culpa, que eu ia protegê-la... Eu estava bravo, não com ela, como fiz parecer, e sim comigo, por não protegê-la daquele covarde nojento desde o início.” Limpou uma lágrima no canto do olho, se fazendo de forte. Então sentiu os braços de Lilith à sua volta, o consolando.

“Como é seu nome?”, a garota perguntou, alisando as costas dele.

“Arthur. E o seu? Desculpe não me apresentar antes”.

Se afastaram e, olhando nos olhos dele, Lilith disse: “Arthur? Foi isso que ela disse. Ela também te amava. Queria que você soubesse disso. Ela não sentiu raiva de você nem por um minuto, tenho certeza disso.” Sorriu, animada por se lembrar e triste também pela história deles ter terminado de forma tão trágica. “Ela queria que eu estivesse lá para defendê-la...” Arthur cobriu os olhos, não conseguindo se conter. “Tudo bem... ela te perdoou antes de partir, disse para você ser feliz por ela, que enquanto não seguisse em frente, ela também não conseguiria, e que trouxesse lírios para sua lápide no seu aniversário, que não ficasse bravo, por ela ter que ir primeiro para o céu, pois vocês se encontrariam de novo na próxima vida, e ela seria uma irmãzinha menos teimosa dessa vez, para que você não precisasse se preocupar tanto” disse enquanto ele a encarava com os olhos cheio de água. Lili sabia que ele precisava ouvir isso para seguir em frente, Marilyn não ficaria brava por ela mentir com seu nome, pois sabia que era isso que elaalaria no seu lugar “ela morreu sabendo que você a amava”.

Os três assassinos violentos ficaram presos por alguns anos, mas a onda de azar os perseguiu eternamente. Lucas morreu na cadeia em uma briga. Pedro se afundou nas drogas e na bandidagem. Guilherme entrou na igreja e tentou se arrepender, mas nunca foi capaz de se perdoar

completamente. Teve depressão e se matou. Arthur nunca se esqueceu de Marilyn e guardou seu amor por ela no coração. Depois daquele dia, ele e Lilith se tornaram bons amigos, se aproximaram, se apaixonaram e casaram. Marilyn se transformou em símbolo da resistência feminina contra o feminicídio.

MARIA EDUARDA

Panela de Pressão

DA AUTORIA



Sou Maria Eduarda da Silva Ferreira, tenho 18 anos. Nascida e residente da cidade de Maceió-Alagoas. Sou discente do curso de Letras-Português, pela Universidade Federal de Alagoas. Desde pequena escrevo como uma forma de me expressar, pois quando sinto que minha voz não dá conta de externar os meus sentimentos, as letras escritas fazem do meu interior uma realidade importante. Escrevo para poder ser ouvida, escrevo para viver.

Nada melhor que o cheiro do almoço, sendo preparado em dia de segunda-feira. À esperança de saber que, depois das aulas maçantes e terrivelmente complexas, que parecem durar uma verdadeira eternidade, chegarei em casa e uma bela refeição estará me esperando.

Tudo parecia bem. Sai da escola com a única certeza que possuía na vida até então: Eu odiava física. Tudo bem que esse troço é necessário. Eu sei que ela está em todo lugar, nos processos que ocorrem no corpo humano, nas velocidades dos carros, na gravidade que impede que pequenos seres estúpidos, desolados e destruidores, que são os seres humanos, saiam voando

pelo espaço sideral. Eu sei de tudo isso, mas porque raios tenho que saber qual é o ângulo de inclinação de um bloco de madeira em um plano inclinado? Eu, mera mortal, que só quer passar o resto da vida escrevendo e lendo. Eu podia excluir a física da minha vida. Bom, essa era a certeza que eu tinha. Mas aí tudo muda...

Tudo normal. Sair da escola, caminhar três ruas para chegar em casa, almoçar e descansar. Até que, chego em casa e ouço um chiado que já me é amedrontador de longa data, xiiiiiiiiiiiiiii. O som do feijão sendo preparado. A panela com seu chiado chispante, sinalizando que aqueles grãos duros e selecionados em breve, seriam cozidos. Eu odiava aquilo. Sempre tive medo daquele troço. Pra mim não faz sentido, ter algo que pode explodir minha cozinha em casa.

Aquele simples chiado fez o prazer de esperar o almoço ser preparado em uma mistura de horror, ansiedade e desespero. Até que perguntei pra minha mãe, que estava cozinhando com a bendita panela, porque não podíamos cozinhar feijão com uma panela normal e excluir a panela de pressão da nossa vida. Ela prontamente respondeu que demoraria uma eternidade para cozinhar aquele alimento, se não for na pressão e, além de demorar, ele não sairia bem cozido. Naquele momento, eu não acreditei nela. Como as pessoas poderiam inventar uma coisa dessas e criar uma máquina mortífera para não levar mais 10 minutos para cozinhar um feijão? não podia ser tanto tempo de diferença entre usar a panela e não usar, né?

Até que o tempo fez o seu papel, ele passou, e levou consigo os dias em que as minhas segundas-feiras eram resumidas em: ir pra escola, sofrer nas aulas de exatas, odiar física e chegar em casa para sentir o cheiro do almoço sendo preparado pela minha amada mãe. Agora, eu tinha que sofrer no trabalho, passar horas e horas preenchendo papeis em um escritório fechado para, só depois de um longo e maçante expediente, chegar em casa.

O único luxo que pude me permitir foi contratar a mais maravilhosa e paciente ajudante do mundo, a Lara, para me ajudar no almoço. Pois, se o cheiro e a certeza de que minha mãe fazia o almoço para mim me confortaram depois de uma aula de física, a certeza de saber que Lara faria o almoço com tanto carinho confortava-me no tempo presente. É um luxo, eu sei, mas um luxo que me permiti sentir.

Até que Lara ficou doente e não pode confortar-me com seu almoço. Então, prontamente, arregacei as mangas e fui desafiada a enfrentar o fogão e as panelas. Mas, poxa, o feijão, eu tinha que fazer feijão. Você pode me perguntar:

— Por que você não almoça sem feijão?

Aí eu te respondo:

— Para mim, almoço sem feijão não é almoço.

Mas eu não podia enfrentar aquela máquina mortífera que chamam de panela de pressão, ou melhor, eu não queria. Foi então que decidi fazer o feijão na panela comum.

Então, horas, horas, horas, tic... tac, tic...tac. Nada. Horas, horas, tic ... tac. Nada. Esse feijão não cozinha.... Horas, horas, tic... tac. Nada.

Minha mãe estava certa. Não era uma mentira coletivamente aceita para que a praticidade fosse elevada. Passei horas e horas, adicionando água e temperos, abrindo e fechando a panela, chegou a hora do jantar e... nada, nada de feijão, nada de conforto, nada de nada.

Foi então que a panela de pressão me ensinou algo que, anteriormente, a física já me indicara. Não é porque você tem medo de algo ou acha aquilo desafiador, que você pode tirar aquilo da sua vida. Eu posso odiar física, mas ela sempre vai estar ao meu redor, na velocidade dos carros, no tempo de apodrecimento de uma maçã que eu desejo conservar, nos processos que acontecem no meu corpo, na pressão que, nos limites de uma panela de alumínio, faz o meu amado feijão ser cozido ... mesmo que eu queira excluí-la, não conseguirei. Da mesma forma, se quiser um feijão bem cozido, não há outro jeito. Só tem a panela de pressão.

MAYCON DE CARVALHO

Montanha-russa

DA AUTORIA



Sou Maycon de Carvalho, 24 anos, apaixonado pelas palavras desde que me entendo por gente. Estudante de Letras - Português, encontro na literatura meu porto seguro e minha forma de expressão mais autêntica. Aos 14 anos descobri que a escrita não seria apenas um hobby, mas sim o ar que respiro.

Havia tantas estrelas no céu quanto nos meus olhos, brilhando, enfeitando e demonstrando o quão bonita e emocionante a vida era. Eu me encontrava em êxtase, pois logo eu estaria um pouquinho mais perto das estrelas, lá no alto, e meus olhos virariam uma galáxia. Eles estavam prontos para isso.

Primeiro seriam os adultos, depois as crianças. Sorte do primo Vinícius, que conseguiu correr tão rápido e entrar na fila junto com eles. Ele não deveria ter feito isso, uma pena; seu espírito aventureiro o fez se divertir menos, pois seria bem mais legal ir

conosco, as crianças, gente da sua idade. Enfim, primo Vinícius foi cedo demais e na hora errada. Eu não tenho muita pressa. Olhei para trás, nosso ônibus nos esperava. O motorista olhava para nós, ele sorria.

Vovó Célia foi a primeira a subir, trêmula, receosa, mas corajosa. Ela nunca quis imaginar que um dia andaria de montanha-russa, mas hoje ela imaginou e desejou, cedeu, reuniu forças para subir e ainda disse: "Todo mundo tem que passar por isso um dia, não é?" Então, de cabeça erguida, ela foi. Papai e mamãe subiram em seguida, de mãos dadas, mas sorridentes. Olharam um para o outro como se recordassem momentos felizes das suas vidas, e que aquele entraria para a coleção, mas não seria apenas mais um momento feliz, talvez fosse o mais especial de todos. Depois subiram os meus tios, minhas tias, amigos da família. Todos receosos, com pernas bambas, mas mesmo assim não deixaram de ir. Tia Berna fez um escândalo, recusava-se a subir naquele brinquedo perigoso, mas depois

de muito espernear, subiu.

No fim das contas, ligaram o brinquedo. Os gritos e os risos começaram. Alguns levantaram as mãos e deixaram a sensação conduzi-los, outros ficaram parados, feito estátuas, com os ombros levantados. Pude sentir o medo deles de onde eu estava. Achei emocionante assisti-los, mas também queria passar por toda aquela emoção. Será que as lágrimas que saltaram de seus olhos viraram estrelas?

Chegou a minha vez. Meus primos pulavam, meu coração também. Papai e mamãe disseram "te vejo em breve" ao passarem por mim. Fiquei paralisado por alguns segundos; por alguma razão, senti um leve medo, um frio angustiante na barriga, como se todas as madrugadas estivessem dentro de mim. Entrei, sentei-me, pus o cinto. Olhei para fora, toda a minha família me esperava; o motorista ligou os faróis, e a luz cobriu todos eles, não permitindo que eu pudesse vê-los. A montanha russa subiu, meu coração saltou. Eu não gritei, não chorei, apenas vi tudo acontecer. Quando ela descia os trilhos, meu estômago gelava, algo apertava o meu coração, e minha respiração ia embora por alguns segundos. Mas, quando ela subia, era como me sentir realizado. Eu abria os braços, sentia o vento passar dentro de mim, como se fosse a terra me alimentando de vida; as estrelas estavam lá, olhando para mim. Era inexplicável. Mas a tristeza voltava quando descíamos, mas logo eu voltava a sorrir quando estávamos no alto.

Desci completamente trêmulo do brinquedo, minhas pernas mal obedeciam aos meus comandos. Uma lágrima havia escorrido de um dos meus olhos, e eu nem sei o porquê. Os faróis do ônibus ainda estavam ligados, e minha família nem estava mais lá. Haviam entrado no veículo. Eu olhei para trás; outras pessoas se preparavam para subir. A única coisa que pude pensar foi: "Foi divertido", e tive muita vontade de agradecer pela diversão, mas eu não sabia para quem.

Era hora de ir embora; virei-me novamente para o ônibus. Só havia aquele clarão na minha frente. Minha família me esperava. Eu não podia vê-los, mas sabia que eles estavam lá. E assim eu caminhei na direção da luz.

MOANA SOUZA

Zona de Inércia

DA AUTORIA



Moana Souza nasceu em 1993, em Arapiraca. Graduada em Serviço Social e graduanda em Letras/Português pela UFAL, alimenta um grande interesse por filosofia e artes. Leitora viciada, se perde no fantástico, no lúdico e no mitológico. Tem como inspiração Fernando Pessoa, Graciliano Ramos e C. S. Lewis.

E-mail:

moanassouza@gmail.com

A primeira lei de Newton, diz que um corpo em movimento se mantém em movimento, um corpo em repouso se mantém em estado de repouso. Existiram, no entanto, momentos que me fizeram questionar esse princípio. Quando me movia em matéria, o mundo transmutado ao redor, mas minha essência permanecia em paralisia completa.

Andei pela cidade clara, sol à pino, pensamentos em colisão. Notei, como se outra pessoa habitasse meu corpo, que a cidade não tinha parado junto com o coração dele. Desde então, corpo em repouso e mente em aceleração. O mundo lá fora seguia pulsando, o mundo aqui

dentro deserto. Neste momento de parálise, o mundo volta a ser novamente o que era antes de sua criação: nada. Vazios beirando a compreensão.

Prendi-me em uma cela sem chave, apenas grades. As paredes, tão firmes ao redor, me sufocavam e, quando lembrei de respirar, o coração comprimiu contra o pulmão. Não pela primeira vez, senti que ocupava uma vida que julgava não merecer. E, quando finalmente quis pressionar os braços contra a parede, as senti tão distantes, que o ar parecia me afogar. Formava-se neblina densa, dia a dia a mente oscilava entre movimento e parada, encontrava um lugar médio, preenchido por tons cor-de-bege. A textura do cabelo ainda ralo, o perfume do banho recém tomado, respingos de sangue em uma parede lisa, memórias em procissão infinita. Encontrei, nas galerias vazias, lembranças do meu desassossego e

tentei forçá-las para longe. Fechei-me novamente em uma prisão sem carcereiros, encolhi os braços, esgotei as lágrimas, triturei os olhos. A pele vazia de essência continuava lá, gelando meus dedos em sua completa imobilidade.

Madeira fechada, tinta branca. Olhos miúdos, ainda abertos. Choro tremido, mãos agarrando os braços em busca de força, qualquer força que restasse. Interditava a esperança de que o tempo se desfizesse junto com o nada que me possuiu, de que voltasse atrás. O tempo, em relativa verdade, deixou de existir.

Passava dias como uma testemunha do mundo bege, segurava o choro e firmava os braços. Era preciso ter os braços fortes naquele lugar, não para se apoiar, mas para não se deixar cair. Embora vozes poluíssem os céus nublados, não havia mais ninguém lá, me tornei único habitante de uma zona de inércia. A prisão, no entanto, ia e vinha, como se adivinhassem os momentos em que o ar estava prestes a faltar ou inundar.

Andei por templos abandonados, vi muros decaídos e vozes que desciam dos céus, para me avisar que ainda não era hora de me perder. Encontrei muitas árvores ressecadas, ecos de algum outro lugar que não tinha porta de entrada, assim como esse meu lugar cor-de-bege não parecia ter saída. Crescia ao meu redor e dentro de mim, brotava do chão como se pudesse significar vida e não morte, sangrava partes de mim para adubar seu parasitismo. Ainda assim, me mantive numa constante de repouso e movimento.

— Uma fatalidade — o médico repetiu.

Também repeti incontáveis vezes. Consigo olhar para as paredes cor-de-bege e ver as pichações nas paredes. *Fa-ta-li-da-de*, tão fácil de soletrar que já havia tatuado nos meus braços e, com eles, buscava amparar outros enquanto perdia o meu centro de equilíbrio. Eixo deslocado, corpo esvaziado, mente bege.

Movimentação mecânica: comer, dormir, amparar. E a minha zona tão vulgarmente bege lotava-se de prédios abandonados,

telhados desmoronados, paredes rachadas. Quando não precisava mais me amparar, deixei os braços caírem flácidos, deitei-me sem lágrimas. Esperei, esperei, esperei, esperei e esperei. Não que o tempo fosse passar, já havia aceitado que não passava. Todos os dias seguiam o mesmo roteiro, um cortejo de paredes iguais com a mesma cor, a mesma textura, a mesma temperatura.

Ocasionalmente, via vermelho nas paredes bege e as esfregava até sentir os dedos arderem, ocupava-me desse serviço como se ele fosse o único. Queimava luvas ensanguentadas e repetia com prontidão “Fatalidade”. Olhava para o céu à procura de movimento, qualquer sinônimo da passagem do tempo, mas tudo permanecia igual. E, quando nada mudava, voltava para a cela, fechava as grades, me encolhia no chão e buscava sorver o ar em dosagens subterapêuticas. Às vezes, o relógio lhe dizia que o tempo havia passado, então se levantava e procurava arrumar os traços da cara, preenché-los com algo além do nada que habitava dentro. Saía, sem querer sair. Vivia sem gozar do respirar.

Não é que não tentassem lhe visitar naquele lugar tão bege. Muitas mãos se estendiam, buscavam de porta em porta encontrar um resquício, espremido contra as paredes do tórax, daquilo que o nada esmagava. Vez ou outra encontravam suspiros de existência, puxavam com força para fora das grades, nunca deixavam que a prisão ficasse apertada ou larga demais.

De vez em quando, a zona de inércia se realocava, suas ruas sumiam como se não mais existissem. Nesses momentos de rara sobriedade, conseguia ver o tempo se mover novamente, lembrava de amigos e de livros, lembrava que viver não era apenas cor-de-bege, que meus braços podiam se amparar. Então escrevia nas paredes da inércia, nas páginas de uma vida como ato contínuo, e falava sobre pulmões, que ainda procuravam se ajustar ao simples ato de respirar.

LAVINYA TEODÓSIO, NATHALLY PIMENTEL & RONIVALDO VIEIRA

SEM TÍTULO

A questão é simples: *levantar e seguir*, era o que ela pensava quando acordava de segunda a sexta, às 4h da manhã e corria para cozinha, ainda de pijama e com remelas nos olhos, preparava o seu café e de quebra atuava como mãe, pois seus filhos acordariam em seguida para tomar o café da manhã e seguir para escola.

Elena já pensava no caos que estava por vir quando estivesse indo em direção a sua peregrinação: pegar o primeiro ônibus que levaria para o terminal e lá pegar um segundo ônibus em direção ao trabalho. Depois caminhar uns 800 metros até chegar lá. Elena afastou-se de seus pensamentos com o choro do filho mais novo querendo o colo que só ela poderia dar. Como sempre, ela foi até o quarto que Miguel dividia com Alice, pegou seu filho no colo e partiu em direção a cozinha, fazer o que tinha que ser feito, o mingau de Miguel, o café da manhã de Alice, a lancheira da menina levar para a escola e sua xícara de café. Com seu menino mais calmo e sua xícara na mão, ligou a televisão para ver o primeiro jornal do dia. Mais uma greve, mais um golpe, mais uma mulher morta pelo ex companheiro, mais um dia quente, mais um jogo do CSA. Elena não tinha tempo para se aprofundar nas notícias, tinha que ficar ouvindo enquanto se arrumava, aproveitando a trégua do seu filho. Além do noticiário, ela gostava de ouvir os slogans das propagandas, achava interessante as frases motivadoras e tentadoras, por mais que não entendesse algumas.

No primeiro ônibus, por trás dos bancos adesivados com “lute como uma garota”, ouvia as outras passageiras falando sobre a possibilidade de ter trânsito maior que o normal por conta de manifestantes que iriam bloquear uma rua. Ela não sabia o motivo do protesto, até pegar a próxima condução. O assunto ficou mais claro quando foi dito que um grupo de

moradores, de um determinado bairro, estava revoltado com o assassinato da líder comunitária. A mulher havia sido morta pelo então companheiro, com um tiro nas costas, enquanto entrava em casa, voltando do trabalho.

Seguiu sentada, e que bom que dessa vez sentou, um dos privilégios de acordar às 4h. Pensou em Alice. A filha de apenas 11 anos, que precisava ficar sozinha em casa, pois naquele momento não havia outra alternativa. De certa forma a admirava por também conseguir dar conta de tudo, ou quase tudo, sozinha. Esquentava o almoço, separava o uniforme e ainda fazia as atividades escolares sozinha. Mas seu coração apertava. Lembrou do choro de Miguel, que escolhia os piores dias para acordar com birra e atrasar todo o andamento da manhã.

Não queria que enxergassem tais pensamentos como reclamações, até porque uma mulher nunca pode reclamar, apenas estava sendo mais uma guerreira. No entanto, se perguntava de onde vinha tamanha exaustão e solidão, se tudo o que fazia não era mais do que sua mãe também fez por ela, assim como sua avó havia feito, sem que ela nunca tivesse escutado nenhuma queixa. Tudo sempre imposto e aceito.

Foi tão longe nos questionamentos que não percebeu que estava próxima do ponto de chegada. Levantou-se. Puxou a cordinha para solicitar a parada e desceu do ônibus, sendo recepcionada pelo calor daquele que seria um sol escaldante. Não demorou muito, na verdade foi só o tempo de caminhar por 100 metros, para concluir que o sol já escaldava os pedestres desavisados. Ao chegar na clínica, como de costume, começou a organizar sua mesa na recepção e abriu sua agenda para ver quem seriam os primeiros clientes.

Já chegava próximo do meio-dia e o horário de seu almoço era sagrado, pelo menos isso depois de fazer a simpática durante uma manhã inteira. Ainda faltavam mais 6 horas de trabalho. Diante de seu hábito de ver TV, Elena espiou o que estava passando naquele momento. Típico do horário, estava no ar um programa policiaisco, que se esbaldava no “assunto do dia”, o assassinato da líder comunitária. Delegados, familiares, especialistas

se revezavam nas entrevistas ao programa. Até que durante sua espiada, Elena leu no canto da tela a seguinte informação: identificado e preso o assassino da líder comunitária. O interesse foi imediato, igual sua surpresa ao reconhecer o rosto do criminoso: seu ex-marido, o pai dos seus filhos.

O choque a paralisou, mas fez um alerta ao seu corpo: *não reaja, todos estão olhando*. Elena precisava sair dali, foi ao banheiro, se olhou no espelho, estava pálida. Na sua cabeça um grande alarme soava, mas ela não sabia o que fazer, para quem ligar ou para onde correr. Não conseguia chorar, pois seu corpo estava inerte, apenas sua cabeça tentava processar aquela informação que ecoava sem parar. Seu ex marido, o pai de seus filhos. Assassino.

O restante do dia passou como se Elena estivesse em piloto automático, ela recepcionou os clientes com o sorriso de sempre, fechou a empresa com cuidado e pegou o último ônibus em destino ao seu bairro.

Ao chegar em casa depois de buscar Miguel, encontrou Alice já assistindo televisão, mais um dia comum. Na cama, ficou inquieta a noite inteira, não conseguia parar de pensar que seu nome poderia estar estampado no canto da tela das TVs de outras pessoas, como sendo a vítima daquele assassino, que foi seu marido e que é pai de seus filhos. Com isso, concluiu: “poderia ter sido eu”.

Um homem que a conhecia e fazia parte do seu cotidiano, mesmo que quinzenalmente. Um homem que dormiu ao seu lado e que lhe disse palavras bonitas de amor. Algum dia ele havia dado sinais de violência que ela não conseguiu perceber? Será que ela teria alguma culpa na morte daquela mulher? Elena via se repetir em sua vida algo que assistia todos os dias na televisão, mas ninguém a disse o que fazer, como se proteger, como lutar, como ser uma guerreira. Não sabia como contar para seus filhos, nem se contaria aquela barbaridade. Mas como explicar a ausência do pai para as crianças? Ela pensava em como quebrar esse ciclo, em como não deixar que Alice fosse a próxima. Era sobre isso aquele slogan que havia escutado

outro dia que bradava “O futuro é feminino”? Como, meu Deus, educar Miguel para não reproduzir a sua ausente figura paterna?

//04:00

O alarme toca.

DA AUTORIA

Nathally Aciole é estudante de letras-português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é interessada em literatura, linguística e música. Em sua jornada acadêmica participou como bolsista do PIBID, da Residência Pedagógica e do ISF. Nas horas vagas lê, toca violão e canta.

DA AUTORIA

Ronny Vieira, 31 anos, estudante do curso de Letras - Português da UFAL e um quase jornalista. Tenho planos para escrever tantas coisas. Admirador da teledramaturgia brasileira, sonho em atuar na escrita de audiovisuais.

WILLIAN CARLOS SEMPRE

Tessália. tessália.

DA AUTORIA



Ele escreve, mas deseja parar.
williancarlossempre@gmail.com

Verde. Antes de todas as cores discerníveis, entendidas, entendíveis ou não, verde. Os cabelos vivos da porção seca da Criação. O que você disse, perguntou o Homem. Os cabelos vivos da porção seca da Criação, respondeu Ela se agachando, roçando a grama com os dedos das mãos. eu subia lentamente pelos braços de uma planta ainda não nomeada, de natureza semi

inventada, de fotossíntese pouco sofrida. e a eterna presença silenciosa das coisas visíveis não me apavorava menos que o silêncio das tramas invisíveis. eu, outro semi inventado, sem dores físicas sofridas, sem cansaço considerável, com um nome que eu nunca ouviria, o meu próprio. há sofrimento maior que nunca saber seu nome verdadeiro? Daí, em minha danação, imaginei sons, palavras, elementos de signos. O Homem se agachou ao seu lado com certa dificuldade, parecia ainda não ter se acostumado com aquela ausência repentina, O que aconteceu enquanto Eu dormia, ele perguntou mais para si mesmo, mas Ela respondeu, pois possuía uma dúvida parecida, O que acontecerá quando eu dormir. como podia uma planta ser tão imensa? eu olhava suas irmãs ao redor, e nenhuma outra parecia ser tanto assim. assumi que era mais uma falha em minha memória essa ideia de grandiosidade inédita das coisas, tudo era tão novo, e de novo, e de novo, e de novo, não poderia ser possível ser assim, mas assim era. de alguma forma, por alguma mecânica desconhecido do tempo ou pela natureza absurda dos dias santos, existia um pedaço de eternidade. como podia uma planta ser tão imensa? eu queria chegar ao topo para apreciar melhor a vista. que empreitada é a subida, a descida, no entanto, é

súbita. Diga-me, você não se lembra realmente de nada? perguntou Ela. À luz, lembrete de algo impossível, iluminava-os: o Homem, vermelho, cor de terra, quase jambo, Ela, cor de madeira, marrom, quase âmbar. Ambos iluminados pela Invenção suspensa que abarcava tudo, aliás, todos. Deitaram de costas na grama, olhos abertos, mirando não sabiam exatamente o quê. Lembro que eles vieram aqui, cochicharam, Eu havia concluído meu trabalho, pareciam satisfeitos, mas também não posso afirmar com certeza, eles secretam coisas demais, agem com suspeitas, às vezes, dissimulam, disse o Homem. Você tem medo deles, Ela perguntou. Você também terá quando os vê, Eu garanto. Olharam-se, Estão todos dentro de mim, disse Ela, estão todos dentro de mim, estão todos dentro de mim, repetiu. Acredito que nada que não é comunicável pelos olhos, pode ser pela boca, disse o Homem, Eu não entendo. Ainda que repetisse outras milhares de vezes, você não entenderia. Como podia uma planta ser tão imensa? Que árvore é aquela. Qual, disse o Homem. Ela apontou na minha direção, eu ainda subia. É uma figueira, disse o Homem, mas eles deram um nome diferente e uma maldição. soprou subitamente um vento de algum lugar além do rio. caí.

CRÔNICA



NANA

O trânsito das 13h00

DA AUTORIA



Nascida em 2005, estudante do curso de letras - português, uma grande amante de arte e escritora no tempo livre.

O engarrafamento acentuava mais ainda a falta de diálogo dentro do carro. O homem batia freneticamente o polegar no volante e virava o corpo para enxergar lateralmente aquela imensa fileira de automóveis, agora imóveis. A mulher, sentindo o estresse causado pelas batucadas irritantes, ligou o rádio colocando alguma música *country* de mal gosto aos ouvidos do parceiro. Só então o silêncio foi quebrado.

— Troca essa merda — não ordena, somente pede —, sabe que não gosto dessa linha. Coloca naquelas populares, aí não tem erro.

— Eu colocaria caso eu quisesse realmente ouvir algum *pop* genérico — retrucou —, no momento estou querendo relembrar da época que vivíamos no interior.

Ele odiava o campo - é daqueles que prefere o fedor de fumaça e lixo espalhado do que o de fezes de vacas -, então revirou os olhos com os argumentos da esposa, que novamente irritada com os ruídos do rapaz, aumentou o som.

— Mas o carro não é só seu, se os dois estão aqui, ambos decidem qual será a música, e por mim seria alguma boa de verdade ao invés dessas suas de caipira — em nenhum momento ele encarou o rosto da mulher, permanecia o olhar fixo na estrada, mesmo que não se fizesse necessário nesse trânsito estagnado.

— Achei que pelo menos uma vezinha eu poderia escolher algo por mim e para mim. Sempre que decidimos juntos sua opinião é a favorecida.

Hoje poderíamos mudar um pouco isso, não acha? — Não responde irritada, seu semblante assemelha-se ao de uma pessoa cansada e infeliz.

— Isso é porque você deixa. Como vou saber se discorda de mim se simplesmente abaixa sua cabeça e me deixa seguir com minha decisão?

Finalmente ao focar seu olhar nela, vê sua expressão cabisbaixa. Bufante, continua: — Está fazendo de novo. Sinceramente, não dá para lidar com seus dramas, tudo isso começou por uma simples e idiota rádio, está vendo? Seria mais fácil ter mudado quando pedi, nada disso estaria acontecendo.

— A culpa, ao seu ver, sempre será minha. Não vejo problema em querer escutar a música de meu gosto, eu sempre escuto aqueles seus *traps* mal feitos sem reclamar.

— Os *traps* que escuto são ótimos! — Argumentou feito adolescente.

— E meu *country* é nostálgico! — Ela então ri, negando com a movimentação da cabeça, questionando se valeria a pena realmente prosseguir essa discussão banal. — Quando o sinal abrir vamos estar perto do restaurante?

— Não muito, seriam uns 15 minutos, mas como houve protesto no centro hoje, vamos passar mais de meia hora até chegar.

Pensando se aguentaria mais meia hora de discussões em seu relacionamento frágil, chegou a uma conclusão. Com a fisionomia ainda mais exausta, abaixou o som do rádio e mudou para a principal da cidade. Não tocava *country*, nem *trap*, nem *pop*; noticiava e cobria o protesto que parava a avenida, e sem trilha sonora, a viagem prosseguiu. Não sabemos o que ocorreu no jantar, pode ter sido uma conversa tranquila de fim de tarde, uma discussão passiva agressiva, ou um imenso silêncio disfarçado na distração de ler o cardápio; mas sabemos exatamente o que ocorreu na viagem de volta quando a rádio foi ligada mais uma vez.

JAERLINGTON PAULO DOS SANTOS SILVA

Observar de Longe

DA AUTORIA



Jaerlington Paulo é um estudante de administração que encontra refúgio nas palavras quando seus sentimentos o emboscam, insistindo em se tornarem versos. Entre a rotina e o café, expurga as inquietações da alma em suas folhas em branco.

Ah... A vida.

Os sorrisos deslumbrados com uma piada boba, os choros com a emoção de estar vivo, é simplesmente fantástico.

Eu queria poder ter uma linguagem toda polida pra falar sobre o estalo de lucidez que é estar vivo. Mas a vida é espontânea. Sem edições e retificações.

É fato que estar sozinho é um saco. Você não gosta. Eu não gosto. Ninguém gosta. A maturidade talvez tenha como consequência o fardo e a percepção de que você não pode se prender ao outro quando

se trata de viver.

Importante colocar que maturidade não tem a ver com ser sozinho, sabe? É bom separar as coisas. Maturidade é saber que a solidão é um estado, não uma definição. Você pode andar com as próprias pernas e querer companhia ao mesmo tempo; pode estar rodeado e querer um quarto branco para oxigenar. Não tem nada mais humano que a nossa volatilidade. Não se demonize.

Por mais que doam as despedidas, é aconchegante sair de ambientes e ciclos e ver que, mesmo sem nós, eles continuam. Seu antigo emprego contratará outra pessoa; seus melhores amigos de infância se transformarão e terão novos melhores amigos; aquele projeto que te acolheu seguirá em frente sem você; a pessoa que você amou e não foi correspondido, encontrará um amor para ela; em algum lugar você é uma festa, enquanto outro sente falta.

E como reagimos diante disso?! Estamos tão imersos na revolta de termos sido substituídos naquilo que fizemos; no luto de não termos a finalização do que julgamos como adequado para um vínculo; na culpa recorrente sobre o que poderíamos ter feito para aquele projeto; na mágoa de não termos sido o amor da vida de quem queríamos.

Ficamos tão imersos sobre o que poderíamos ter sido para algo, que esquecemos do que realmente fomos. E mais do que isso. Esquecemos de que nem sempre seremos uma boa passagem, mas sim uma oportunidade de aprendizado. É tão bacana encarar um acontecimento e pensar que aprendemos algo com a situação, sempre ofuscando o pensamento de que também somos os professores de alguém.

Talvez você e eu precisemos só...

Encarar.

Sem clichês de leveza. Apenas... passarmos por isso. Só então poderemos digerir o que realmente foi. Mas tenhamos em mente que, ao mesmo tempo em que todos somos protagonistas em nossa história, estamos sujeitos a sermos coadjuvantes, personagens secundários, recorrentes, vilões ou alívio cômico no enredo de alguém.

JOSENILDO BARBOSA

Conexões Desconectadas

DA AUTORIA



Estudante de Letras (Português), 22 anos e assumidamente caseiro. Apaixonado por músicas internacionais – mesmo sem entender todas as letras, o que não me impede de me emocionar com elas. Recém-chegado ao universo da literatura, meu primeiro texto nasceu de uma desilusão amorosa. Será que a escrita se tornará uma nova paixão?

Algumas histórias começam com um match, mas a minha terminou com um “on-line agora”

Tudo começou com mais um simples match. No entanto, esse parecia ser diferente dos outros. Não só por causa da foto de perfil ou da biografia, mas também pela troca genuína de mensagens. Era a combinação perfeita: gostos em comum, risadas fáceis e aquela sensação de que, por um acaso do destino, duas pessoas finalmente se encontraram.

A conversa era diferente das que tive com outras pessoas. Era como se ele soubesse exatamente o que dizer para manter o meu interesse, e eu...bem, eu já estava imaginando finais felizes antes mesmo de conhecer o meio.

Ele não era como os outros. Ao menos, era o que eu achava. No primeiro encontro, ele veio à minha casa. Eu estava nervoso antes de ele chegar, afinal, já fazia um bom tempo que não conhecia alguém. Tinha organizado a sala e borrifado perfume pela casa. Quando ele finalmente chegou, com aquele sorriso tímido e com aquela barba tão bem feita, era como se a ansiedade se dissolvesse no ar.

Nos sentamos no sofá, naquela tarde quente, enquanto o ventilador girava e a luz dourada do fim do dia atravessava a janela. Passamos a tarde nos conhecendo e descobrindo mais coisas em comum: estilo musical e preferência por lugares tranquilos, como praia e cinema. O primeiro beijo

aconteceu e o silêncio se instalou por um momento, mas não era desconfortável. Era o tipo de silêncio que dizia mais do que as palavras. Naquele momento, parecia perfeito demais para ser verdade. E, às vezes, é exatamente aí que mora o problema.

Quando sugeri um cinema no segundo encontro, tendo uma parada rápida na minha casa depois, eu tive a certeza: era diferente. Aquele tipo de diferente que faz você acreditar que, desta vez, a história vai ser real.

Mas, sabe, tudo mudou em um piscar de olhos: uma pausa na conversa que parecia durar segundos a mais, respostas curtas demais, e o silêncio de um bom-dia que nunca chegou. Foi nesse momento que as desculpas se multiplicaram.

Foi durante um desses silêncios que minha intuição falou mais alto que a razão. Ele levou horas para responder meu ‘Oi, bom dia!’, quando antes costumava responder quase no mesmo instante — às vezes até enviava primeiro. Algo em mim sabia que havia mudado, que ele não era mais o mesmo homem que me fazia acreditar em finais felizes. Foi aí que decidi baixar outro aplicativo, no qual, talvez, ele pudesse estar. Só por curiosidade, só para provar a mim mesmo que minha intuição estava errada.

Mas lá estava ele. A mesma foto do perfil do *Tinder*, a mesma camisa que usava no dia em que veio à minha casa. Era inacreditável vê-lo ali, especialmente depois de ter me dito, no segundo encontro, que não precisava mais de aplicativos porque já havia encontrado o que procurava. Senti como se uma faca tivesse atravessado minhas costas, mas, no fundo, eu sabia: meu coração tinha percebido muito antes de minha cabeça estar pronta para admitir.

O que dói não é o fato de tê-lo visto on-line lá, disponível para todos. É o fato de ele ter feito parecer que estávamos construindo algo, enquanto eu era só mais um perfil na lista dele. No fundo, não foi ele quem me enganou. Fui eu quem colocou um significado maior nos gestos, nas palavras ditas com leveza e nas mensagens carinhosas trocadas. Eu esperava mais. Ele só esperava o próximo match.

Eu queria que fosse você, mas eu também precisava sentir que você queria que fosse eu.

Josenildo Barbosa — off-line agora.

JULIA V. BONFIM

no meio do caminho (sem aviso prévio)

DA AUTORIA



Natural de Maceió-AL, reside há quatro anos na cidade de Arapiraca, onde está concluindo a licenciatura em Letras – Português. Flerta com os estudos literários de tal modo que é pesquisadora em Literatura pelo PIBIC. Atualmente, leciona Língua Portuguesa em três escolas da rede de ensino privada, aproveitando brechas na rotina para agarrar suas letras e lentes aos instantes de poesia na prosa do dia a dia.

gosto de me encontrar comigo mesma sem aviso prévio. sem formalidades. estar com a mente e passos a mil — como de costume — em direção a algum lugar, prestes a fazer algo e — sem nem imaginar que isso é possível — encontrar, no meio do caminho, a mim mesma.

ocupada. lotada de coisas pra fazer, mas disposta a ver a mim mesma.

olhar em volta e perceber a mim mesma. coração pulsando, pulmões respirando. e perceber à volta, a natureza que também me respira e também me pulsa.

sentir que estou viva.

cumprimentar o meu passado, contando-lhe do meu presente: que todo o caos que há em mim, foi solicitado por mim, graças a minha estranha necessidade de movimento.

sentir que vida é gerúndio.

nesse processo, ainda sou surpreendida por muitas coisas, apesar dos clichês que já conheço de cor e salteado, e como qualquer pessoa, estimo e desejo as coisas grandiosas da vida. contudo, assumo que muito mais me encanta o fascínio das coisas simples e ordinárias — como me ver sempre

ao meu lado, mas nem sempre estar do meu lado. (e essa percepção, pra mim, faz parte da graça de ser conhecedora da Língua Portuguesa: a mudança de sentido graças a uma simples preposição...)

não é sobre olhar o que o espelho reflete. pouco me contento com a superfície. quero saber o que meus olhos refletidos comunicam ao outro par idêntico, que os encara, desperto às descobertas do que há anos acreditase ser tudo.

redescobrir, enfim, este mistério de encontrar a mim mesma, todas as vezes como se fosse a primeira, na qual me foi dada a consciência da existência. e quem sabe, por justamente não recordar em que momento se deu, viver na eterna busca de ter a certeza que existo, que sou e que as coisas também são.

que somos todos um “ser”, transformando-nos em polissemia — porque somos substantivo, porque somos também verbo.

K. NAEYLI

A verdadeira alma de penedo

DA AUTORIA



Escritora e estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), K. Naeyli é uma amante da literatura, que faz uso da melancolia em suas obras, resgatando memórias e transformando vivências em arte.

É fim de tarde. Pela primeira vez, me permiti explorar a cidade histórica de Alagoas, que acorda e adormece ao som do rio São Francisco, como se ele cantasse uma canção ancestral que só os ribeirinhos entendem. Meus passos até o Mirante da Roqueira são lentos, assim como a vistoria que meus olhos fazem por cada canto por onde passo. O sol se despede vagorosamente de Penedo, como quem não quer deixar a cidade. A luz dourada contrasta com as águas do rio e espalha-se pelas ruas estreitas, iluminando as fachadas antigas e tocando as paredes que guardam

histórias de séculos. Não é um fim de tarde silencioso. Há música e pessoas ao meu redor, o som das conversas e das risadas. O murmúrio das vozes se mistura ao som do rio, criando uma melodia que ressoa pelas ruas. Sinto-me parte dessa melodia, como se cada passo meu fosse um compasso na sinfonia da cidade. Crianças brincam, correndo pelas calçadas, enquanto as construções antigas observam o tempo passar, como se guardassem segredos que suas paredes ainda sabem contar.

E então, quando me encosto no parapeito de pedras, tudo fica em silêncio. Ao longe, visualizo um barco e um pescador. À medida que o sol afunda lentamente no horizonte, uma leve brisa se faz presente, trazendo o cheiro de terra molhada e de história viva. Fecho os olhos e respiro fundo. A cidade parece respirar comigo. A vida, por um breve momento, parece suspensa, como se o tempo se rendesse à magnitude do rio e ao espírito acolhedor de Penedo. Mas, ao abrir os olhos, a realidade me atinge: há cansaço no rosto daquele pescador, que, mesmo diante da beleza inegável

do cenário, carrega nos ombros o peso das longas jornadas. O rosto marcado pelo tempo e pelo sol reflete uma vida simples, mas também repleta de dificuldades que não se veem à primeira vista.

Ao redor, as pessoas seguem com suas conversas, risadas e gestos apressados, como se o fim de tarde fosse apenas um intervalo entre as obrigações do dia e as promessas do amanhã. Mas, naquele momento, a realidade de Penedo se impõe de maneira silenciosa.

Observando o pescador, percebo que a cidade, em sua beleza encantadora, não esconde o sofrimento de muitos que a habitam. Enquanto uns chegam para turistar e contemplar o município, uma mãe acorda cedo para garantir o alimento do filho. Ela carrega, nas mãos calejadas, o peso da sobrevivência, mas também a esperança de que, ao final do dia, encontrará um pouco de paz. Uma jovem caminha pelas ruas que outros admiram, em busca de emprego e reconhecimento. Seu olhar, carregado de sonhos e receios, percorre as vitrines das lojas, as portas dos estabelecimentos que parecem sempre fechadas para ela. E lá, no rio, o pescador segue sua batalha diária.

Em volta de mim, a cidade se adapta ao ritmo do final do dia. As luzes das casas se acendem, e o céu, agora mais escuro, começa a se encher de estrelas. O tempo aqui é outro. E, nesse contraste entre o olhar de quem chega para ver e o de quem fica para viver, é onde reside a verdadeira alma de Penedo.

LUNA DE ARAÚJO

Finito e Eterno Tempo

DA AUTORIA



Luna é uma mulher trans de 25 anos, estudante de jornalismo e amante da literatura. Apaixonada por todas as artes, encontrou na escrita uma maneira de se expressar e sentir que tem uma voz própria a ser ouvida.

Tempo. Algoz e consolo. Um amigo sempre presente e um rival incansável. É curiosa a qualidade do tempo. Já reparou como sempre estamos esperando algo e, depois do algo chegar já começamos a esperar de novo? Nós nos alimentamos da ânsia de ver as horas passarem, mas sentimos aflição a cada tic tac que o relógio insiste em realizar. Sempre esperando, mas nunca querendo “perder” tempo.

Faz pensar, como poderíamos perder algo que é simultaneamente completamente intangível e palpável demais para se deixar passar. O tempo nos acompanha diariamente, um companheiro fiel que nos observa e nos marca, de maneiras tão pessoais. O mesmo dia nunca terá o exato mesmo peso para duas pessoas diferentes e essa é a beleza do tempo, em meio a própria eternidade ele se torna finito, particular e único para cada um de nós.

A pergunta que me fica porém é: se o tempo é essa misteriosa entidade que molda nossas vivências enquanto também se molda as nossas particularidades, por que insistimos em cobrar que o usemos bem, como se houvesse um manual que determinasse o certo e o errado do uso do tempo. Temos tempo, seja para aprender algo novo, seja para parar, respirar e absorver as belezas ignoradas do dia a dia. Não há resposta errada, ter tempo é está viva e está viva vale a pena, com cada particularidade que trazemos conosco.

Abracemos o tempo e a pequena eternidade particular que ele concede a cada um de nós.

MARIA LAURA GOMES DA COSTA

Linhas do inconsciente

DA AUTORIA



Totus Tuus Mariae. Me chamo Maria Laura, sou graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Escrevo para dar forma aos sentimentos que me transbordam. Por meio da escrita, espelho e eternizo minhas emoções.

Escrever, para mim, é uma transfiguração dos meus sentimentos mais profundos - aqueles que não podem ser ditos em voz alta, especialmente para quem eles são dirigidos. Comecei com cartas, que depois evoluíram para pequenas poesias, e hoje, escrevo em um pequeno caderno lilás, nomeado, carinhosamente, de Portal. Através das palavras, consigo dizer o dito e o não dito. Por meio delas, libero pensamentos, objetivos, sonhos, medos e angústias.

Torço para que meus pensamentos não se estacionem em minha mente. Que eles sempre consigam fluir em textos e poesias, em sílabas e palavras. Que eu liberte meus anseios e também minhas alegrias. Cada palavra escrita representa uma palavra não dita, uma palavra pensada. Logo, ao reler os escritos, revivo cada pensamento e sentimento, obtendo perspectivas diferentes em - quase - todas as vezes.

Espero que meu desejo pelas palavras e pela escrita renasça a cada dia. Assim como meus pensamentos e sentimentos. Meus textos possuem pedacinhos de diversas partes de mim. Pedacinhos de diferentes momentos; de diferentes fases. Pedacinhos que eram explicitamente dedicados a certas pessoas. Pedacinhos que só podem ser revistos por meio deles; pedacinhos meus que não existem mais e pedacinhos que originaram outros.

De repente, ao ler um texto antigo, me encontro pensando: e se eu não tivesse te escrito? Como eu saberia de tudo o que eu já pude sentir? Como eu veria minhas falhas e acertos? Como eu perceberia as falhas e acertos

que me afetaram? Ao ter o meu Portal em mãos, minhas palavras absolutas, automaticamente, localizo-me em um êxtase incapaz de ser descrito. Cada letrinha parece me compor. Cada fonema parece me tirar do silêncio. Cada encontro parece me completar.

Imagine: um ser humano composto por letras e, conseqüentemente, palavras. De quantos substantivos sou feita? Quantos verbos sou capacitada a realizar? Quantos advérbios caracterizam as circunstâncias dos momentos mais memoráveis da minha existência? E o principal: quantos significados o meu ser apresenta? Ao mesmo tempo que dou vida às palavras ao escrevê-las, elas me integram. Em todos os sentidos.

MOANA SOUZA

Águas de verão

DA AUTORIA



Moana Souza nasceu em 1993, em Arapiraca. Graduada em Serviço Social e graduanda em Letras/Português pela UFAL, alimenta um grande interesse por filosofia e artes. Leitora viciada, se perde no fantástico, no lúdico e no mitológico. Tem como inspiração Fernando Pessoa, Graciliano Ramos e C. S. Lewis.

E-mail:

moanassouza@gmail.com

Decidi, outro dia, em incomum impulso de energia, regar as plantas que ladeiam o muro de minha casa. Casa grande, muro extenso. Comecei a atividade com muita satisfação, era incomum que me dessem esses arroubos de generosidade vegetais – minhas plantas quase sempre exibiam um tom verde-amarelado típico de um local quente e de cuidador negligente. Enquanto me dedicava à atividade com zelo, pensava no que mais havia para fazer, coisas totalmente mundanas, nada que pudesse chocar ou mesmo interessar.

Fui resgatada dos meus pensamentos enfadonhos quando, de repente, um estranho-conhecido se aproximou. Era uma daquelas pessoas que, quando nos perguntam se nos conhecemos, respondemos com confiança “não, mas sei quem é”.

— Molhando as plantas, né? — disse.

Pensei que aquela era uma frase curiosa, estava mais do que claro o que eu estava fazendo e, como ele não deu continuidade de imediato à conversa, nem mesmo pude presumir que ele queria puxar papo. Assumi de pronto que isso se dava pela condição de ser senhor. Ninguém sabia muito bem qual era o diagnóstico, mas avisavam que a sanidade às vezes lhe faltava. Deixei de tentar fazer sentido da sua frase, apenas acenei afirmativamente e soltei uma palavra qualquer muito chocha.

— O tempo virou, parece que vai chover — completou depois de algum tempo.

Enquanto o via se afastar, continuando sua caminhada, percebi a incongruência do momento. Para ele, a louca era eu.

RAQUEL MORAES

SEM TÍTULO

DA AUTORIA



Aquelas mãos estavam rígidas, segurando o copo de vidro. A garganta estava seca mesmo com os infinitos goles de cerveja barata, as palavras enfim esgotaram. No fundo daqueles velhos olhos havia o medo de lembrar da própria história. Com os músculos frágeis subiu a bebida pela última

vez, sem o sorriso que o acompanhava por toda a tarde que estivera naquela mesa. As ruas estavam vazias, a música inaudível. A trivialidade daquele bar o torturava, com o usual gosto que queimava sua língua e as mesmas melodias que acariciavam seus tímpanos.

Ele ainda tentava falar sobre alguma pessoa que lembrava em meio a pensamentos desordenados, mas balbuciava sílabas que não possuíam qualquer significado. Encarou o Norte, o Sul e o Leste, depois o Oeste, sozinho naquele lugar, seus dizeres tinham sido solitários durante todo aquele tempo. Segurou a vontade de vomitar suas entranhas, sua respiração cansou, eles não sabiam de nada. Cada ruga formada em seu rosto contava uma história extraordinária, como podiam presenteá-lo com a vergonha da solidão depois de testemunharem a grandeza de sua face?

Não poderia perder-se em suas memórias, porém era tudo que lhe restava, era tudo que tinha conquistado e tudo que até o fim da sua vida teria. Os corações que roubou, a esperança que tomou, os amores que evitou e a vida que desperdiçou. Não, não havia desperdiçado a vida, era um herói. Os heróis não desperdiçam tempo e ele, ele era o maior de todos, era um príncipe, um barão, ninguém era como ele.

O herói criava rosas vermelhas espinhosas com suas mãos, dando para todas as belas moças que o olhassem com afeição. Trazia água para todos os lugares que fossem secos e derrotava os monstros que

contradiziam os seus feitos. O herói nunca sussurrava, ele bradava com orgulho e vencia o mundo, bom ou mau, com sua pura violência. Violência tão genuína, nascida no fundo das suas orações, com muito ódio e coragem tirados de todas as suas aflições. Ele colocava seu medo em seu punho e sua raiva em sua voz, era incapaz de experimentar as emoções frágeis e covardes porque assim sempre seria capaz.

Sua recompensa eram as festas, embebedava-se de vinho barato e prostitutas sem amor. Sua dor aparecia no fim da madrugada, quando deus pintava o céu de azul, um azul tão frio que evocava o vazio do seu espírito. A facada era lembrar do dono do seu coração, um velho amigo que entendia sua verdadeira canção. Era seu antes de ser herói, somente seu, eles eram reis de todos aqueles povos e com inocência amavam as falhas amargas da vida vasta. Seu amigo longe estava, há tempos nem sabia o que cantava.

Quando as cortinas fechavam, o herói chorava. Dançava para palcos sem plateia e louvava todos os deuses extintos. Oprimia sua alma com todos os amores que tinham sido perdidos, lembrando com dor dos conhecidos que não o olhavam com pudor. Seu pobre amigo que tinha a selvagem essência que nunca seria capaz de roubar, estava longe e jamais iria voltar. As belas moças que sangravam os espinhos deixados nas rosas. O fracasso corroía seus ossos. A paixão matava tudo aquilo que ainda existia. Tirava sua roupa e gritava com o vento esperando arrependimento. O herói era forte. Ele acreditava.

Todos aqueles que sabiam seu nome estavam debaixo da terra, decompondo com as larvas que antes foram pisadas. Não entendia o porquê do seu ódio amargo estremecer todo o seu corpo. Enquanto entregava-se para as meias verdades do seu passado, não enxergava o inimigo ao seu lado, aquele que espadas e escudos eram incapazes de penetrar. A morte o açoitava, ela sussurrava nos seus arrependimentos e escondia-se nos seus ínfimos temores. Veio antes da sua vida terminar e o encontrou naquele bar.

Levantou daquela mesa velha, disposto a voltar para casa, mas não tinha mais lar, nem as moças, nem as prostitutas, nem o brado, nem o rancor

e nem o seu amigo. Estava sozinho naquele mundo, sem a história extraordinária que formou aquele corpo enrugado. A música aumentou, ele voltou ao seu único lugar. A solidão o pertencia, era aquilo que o fazia. Bebeu mais um copo, não seria o último do dia.

Ele era fraco, fracassado. Sem nome. Ele que venceu. Ele que nunca temeu. Ele que nunca amou. Ele que nunca cantou. Ele que não era diferente. Ele que era um sonhador. Ele que sempre fugia e sempre se arrependia. Aquele que todos temiam. Ele que era você.

TIAGO TORRES

Cochilar ou resistir

DA AUTORIA



Sou maceioense, estudante de Letras - Português na UFAL, estou construindo uma carreira como escritor e sou ávido pela arte, tanto em apreciá-la quanto em produzi-la porque enxergo nessas coisas as formas mais potentes ao meu alcance de crescer como pessoa nesse processo eterno e inacabado de viver.

Tem uma história curiosa que me aconteceu. Uma história que se você ouvisse de outra pessoa talvez ela diria que é uma história engraçada, mas que eu não a enxergo tanto por esse ponto de vista. Quer dizer, eu só tô contando porque é realmente interessante mesmo.

Enfim, o meu fone de ouvido tinha quebrado e por isso eu fui ao shopping comprar um novo com o tempo livre da tardinha. O preço foi meio salgado, mas eu não tinha mais nada pra fazer em lugar nenhum, então ainda gastei minha grana no Burger King com um Whopper, o maior pacote de fritas disponível e um copo de guaraná e peguei uma mesa a sós na praça de alimentação.

Foi um momento muito simples, talvez um dos mais inúteis que eu já tive, mas só de poder sentir a carência da comida ao longo da boca, por menos saudável que ela seja, e o prazer das melodias que eu gosto ressoando nos tímpanos me trazia o alívio que não podia ter ao longo da semana, sabe? O de não me preocupar com o trabalho, com as contas, ou de perceber ninguém no fluxo da praça e se intimidar com isso. Isso sem contar com o barulho dos burburinhos, é claro.

Mas um incômodo ainda ameaçava ser mais barulhento que o da minha música: um bloquinho de carnaval em alto e bom som no andar abaixo do meu.

A folia dele tinha circulado o shopping inteiro e parecia estar terminando por onde fica o vão da praça de alimentação em que eu comia.

Pelo que invadia meus ouvidos, claramente contra a minha vontade, era como se houvesse uma brincadeira junto com toda a música. Infelizmente, precisei aceitar que comer na minha paz plena não era viável naquele dia, por isso fui até o vão assim que acabei com meu Whopper e com as fritas, estando com o copo de guaraná na mão e sem o fone no ouvido pra dar uma curiada no andar de baixo.

O que eu vi foi um palco ornamentado com uma espécie de trono e um homem fantasiado de Pierrot sentado; magro, delicado, bonito, mas não sabia dizer direito se ele parecia tranquilo ou preocupado naquele momento. E ao redor do Pierrot estava o bloco e a bateria que meteram confete e serpentina no shopping inteiro com um estandarte meio jocoso em vermelho, branco e preto dizendo “BLOCO DO PALHAÇO CARENTE”, além de uma fila de quinze a vinte mulheres em fantasias próprias de Colombina se formando em direção ao trono. Elas estavam dispostas em turnos de uma espécie de desfile de moda, onde elas iam até o palco e posavam para o Pierrot para receber apenas dois tipos de aval: um joinha pra cima ou pra baixo do palhaço carente. Só que aí tava a tal graça no “número” que ele fazia, porque todas as Colombinas só receberam o joinha pra baixo. Sem exceção nenhuma.

Daí, quando todas as Colombinas se gastaram, o mestre da bateria chamou a atenção do bloco pra criar um clima realmente de finalização do dia. Ele pegou o microfone pra fazer um discurso falando: “Ah, infelizmente o Pierrot não achou sua Colombina de novo”, porque aparentemente esse bloco tava por aí faz anos e eu nunca tinha me ligado, “mas muito obrigado pelo bloco de hoje, galera! Vocês são show! Aproveitem a música final!” E essa música final, eu não conhecia ela antes, mas é aquela de MPB que diz assim: “*Em retalhos de cetim/ Eu dormi o ano inteiro/ E ela jurou desfilar pra mim*”. E tá, tinha a ver com o Carnaval mas não trazia um clima legal. Pelo menos não pro Pierrot porque ele só pegou uma boneca em tamanho real vestida de Colombina também pra ter uma dança de casal com ela de um jeito bem tristonho. Todo mundo no bloco tava só no fluxo da música,

cantando, tocando, até jogando dinheiro pro “casal” por nada, mas ninguém parecia ligar pro fato do palhaço estar desolado de tanto chorar na boneca, como se o benefício da dúvida tivesse ficado ou pior ou mais claro com isso. Sério mesmo, não dava pra entender o que era sério e o que não era na minha cabeça e eu precisei prestar mais atenção no Pierrot pra entender alguma coisa.

Com o fim da música, o bloco foi se dissipando e cada um foi pro seu canto, mas o Pierrot ficou encostado num canto do palco mais escondido, segurando a boneca Colombina de lado. Era como ver uma criança de rua sem alguém dar atenção suficiente pra ela. E eu decidi finalmente ir falar com o palhaço carente; desci as escadas, cheguei perto e perguntei na seriedade se ele tava bem ou precisava de alguma coisa. Ele só respondeu que tinha fome e mais nada. Como uma barraca de pipoca estava por perto, eu perguntei de novo se ele queria isso; ele aceitou e comeu tranquilo um saco de pipoca salgada com manteiga. Agora que eu tinha me metido e o palhaço tinha pipoca pra comer ele parecia menos tristonho, mas o olhar dele ainda parecia cansado, vazio. Eu ainda perguntei se ele já teve uma Colombina de verdade; e o Pierrot só virou a cabeça pra me olhar nos olhos e disse:

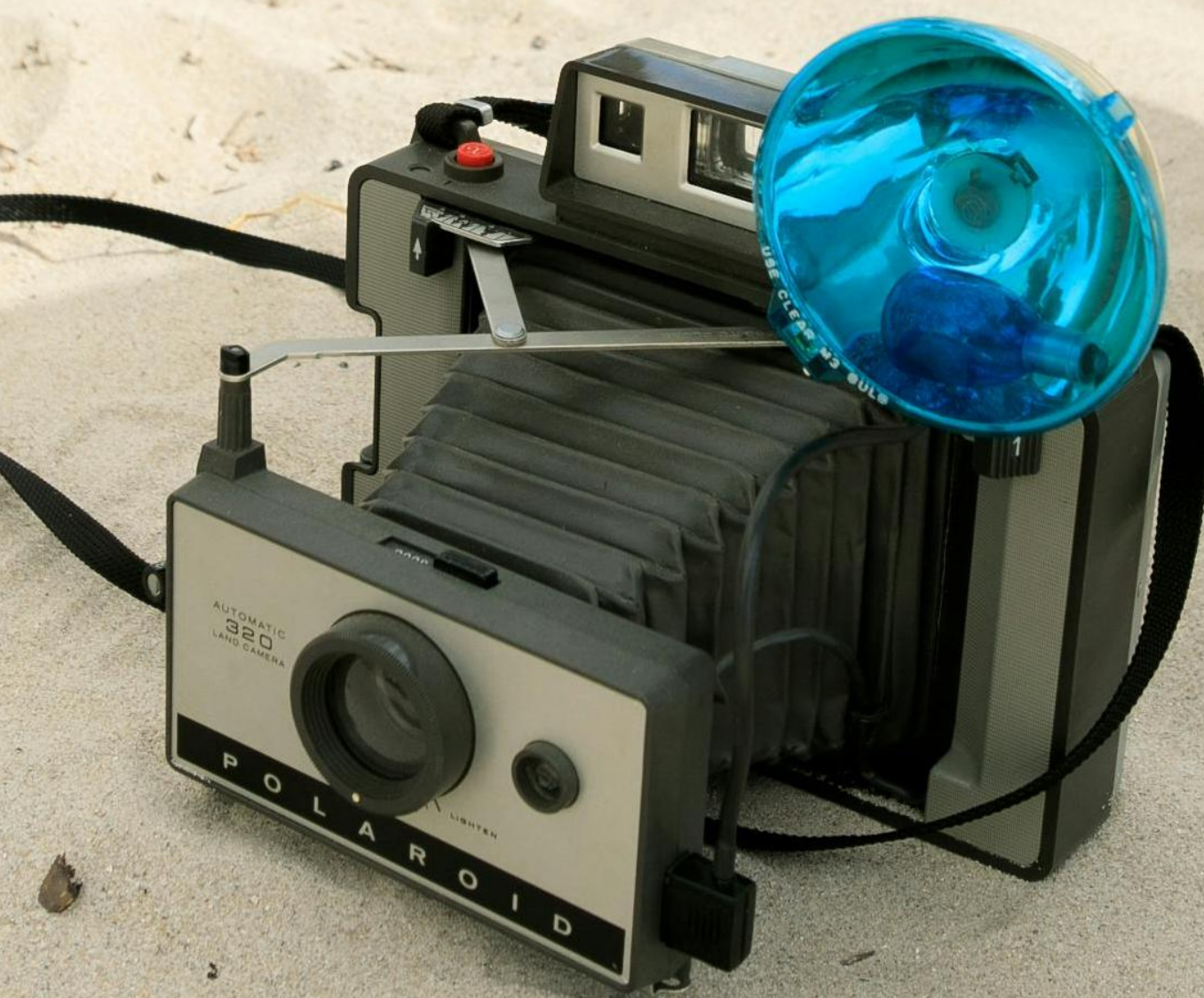
“Ela morreu de insolação há uns doze carnavais.”

Não sei o que me deu na hora, talvez foi como ele falou com pouca ânsia, mas ouvir isso me fez chorar, do nada mesmo. Eu abracei o palhaço, ele tava meio sujo, mas só ia me recompor nos braços de alguém, podendo sentir alguma forma de apoio pro meu calor. Rapidamente desfiz o abraço com vergonha, pedindo desculpa, mas o Pierrot não parecia tão incomodado. Pelo contrário, ele parecia estar em um transe mais confortável pelo olhar e ainda agradeceu pela pipoca e depois disso eu só me despedi pra ir pra casa imediatamente.

Nunca mais eu o vi pessoalmente e às vezes essa memória parece um sonho, porém, eu te garanto que isso foi real, tanto é que uma vez eu vi o mesmo Pierrot no jornal dado como desaparecido. Não tenho ideia de onde

ele esteja, mas qualquer lugar parece mais feliz pra aquele palhaço carente do que um bloco só pra ele. Uma companhia lhe faria bem.

FOTOGRAFIA



FOTOGRAFIA

ISADORA KELLY

Olho d'Água do Horto

DA AUTORIA



Mulher parda, alagoana, é estudante de letras, com pesquisa sobre os meios de interação em contexto digital online, na área da Linguística Textual. É batuqueira no Baque Mulher, grupo de maracatu e movimento de empoderamento feminino. Também tem interesse pela arte digital, colagem e fotografia, com publicações na revista Luminescências, incluindo as imagens "O mar como ofício", "Pele de gigante" e "Alagoinhas em pedras".

FOTOGRAFIA
Isadora Kelly

Cobogó de galhos



FOTOGRAFIA
Isadora Kelly

TERRA-CÉU

FOTOGRAFIA
Isadora Kelly

UMBRÁLIA

FOTOGRAFIA

GUIGO

DOIS AVIÕES SE ENCARAM



DA AUTORIA

Higor Barbosa Rodrigues é graduado em Letras - Português pela FALE/UFAL e pesquisador na área de Linguística Textual. “Guigo” é um de seus apelidos, utilizado afetuosamente pelos mais próximos: foi assim durante 24 anos em que conviveu com sua Tia Sirlene (*in memoriam*). Seus bolos, pães, pizzas, entre outros quitutes, não cabem no Currículo Lattes mas são atos de serviço que constituem sua linguagem de amor e seu “espírito de merendeira”, como diz Isadora.

REGINA ADMIRA O CÉU, O SAL E O SOL DE MACEIÓ



SINTONIZANDO DELÍRIOS



FOTOGRAFIA

JULIA BONFIM

DA AUTORIA



Natural de Maceió-AL, reside há quatro anos na cidade de Arapiraca, onde está concluindo a licenciatura em Letras – Português. Flerta com os estudos literários de tal modo que é pesquisadora em Literatura pelo PIBIC. Atualmente, leciona Língua Portuguesa em três escolas da rede de ensino privada, aproveitando brechas na rotina para agarrar suas letras e lentes aos instantes de poesia na prosa do dia a dia.

FOTOGRAFIA MARIA ARAÚJO

DA AUTORIA



Oi, sou Mel Araujo, resido em União dos Palmares. Amo fotografar tudo aquilo que me encanta, desde a pequenos detalhes que encontro no cotidiano, como também retratos ou ensaios pessoais. Sempre estou buscando estar em contato com a natureza, especialmente com o mar, que me traz uma sensação única de paz e de pertencimento.

Instagram de fotos: @fotografias.mel

FLORES

FOTOGRAFIA – MARIA F. ARAÚJO

ARTE



FOTOGRAFIA – MARIA F. ARAÚJO

MÚSICA

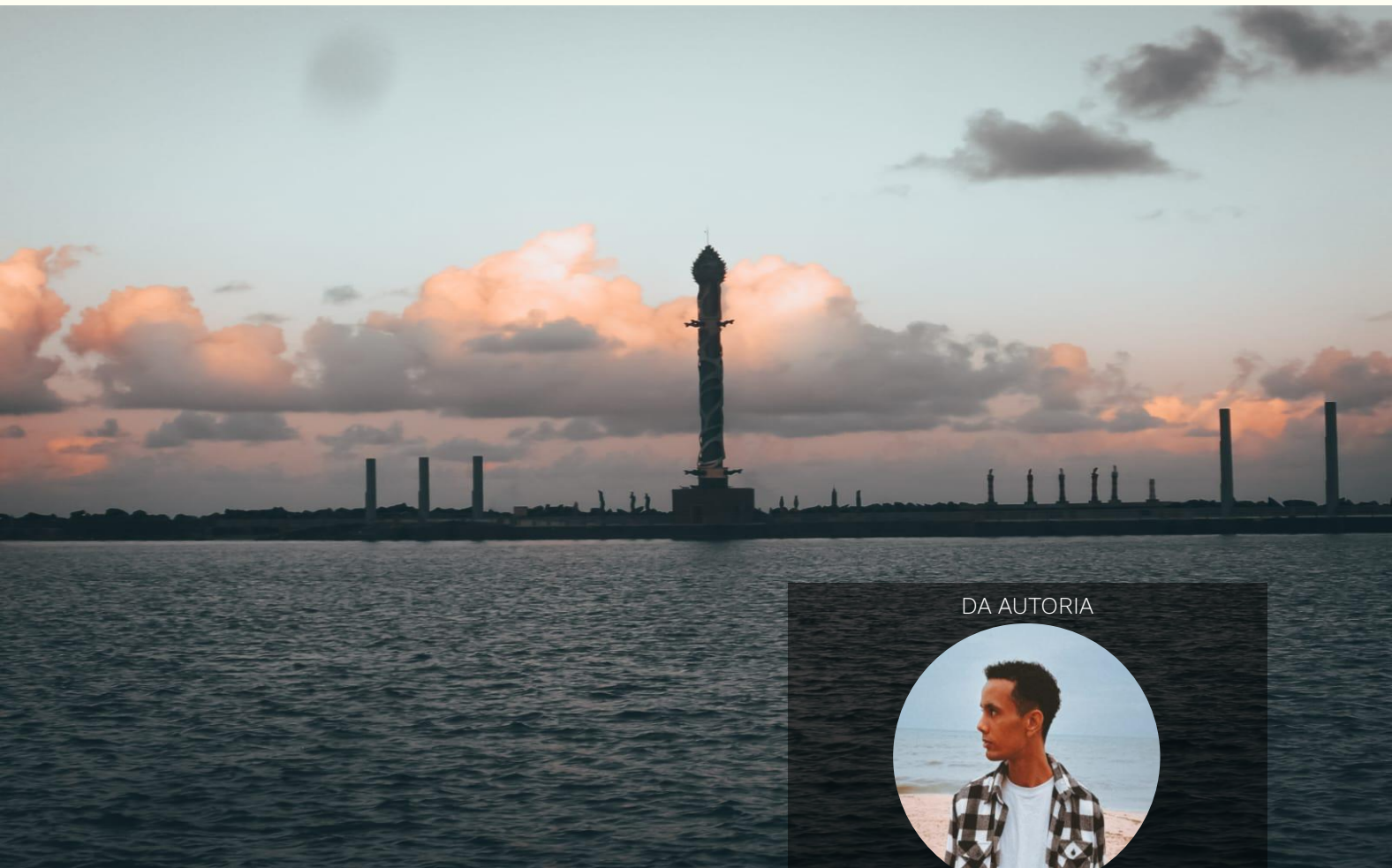


FOTOGRAFIA

TALLYSSON CÉSAR

Memórias de Barro e Céu - Brennad no Capibaribe

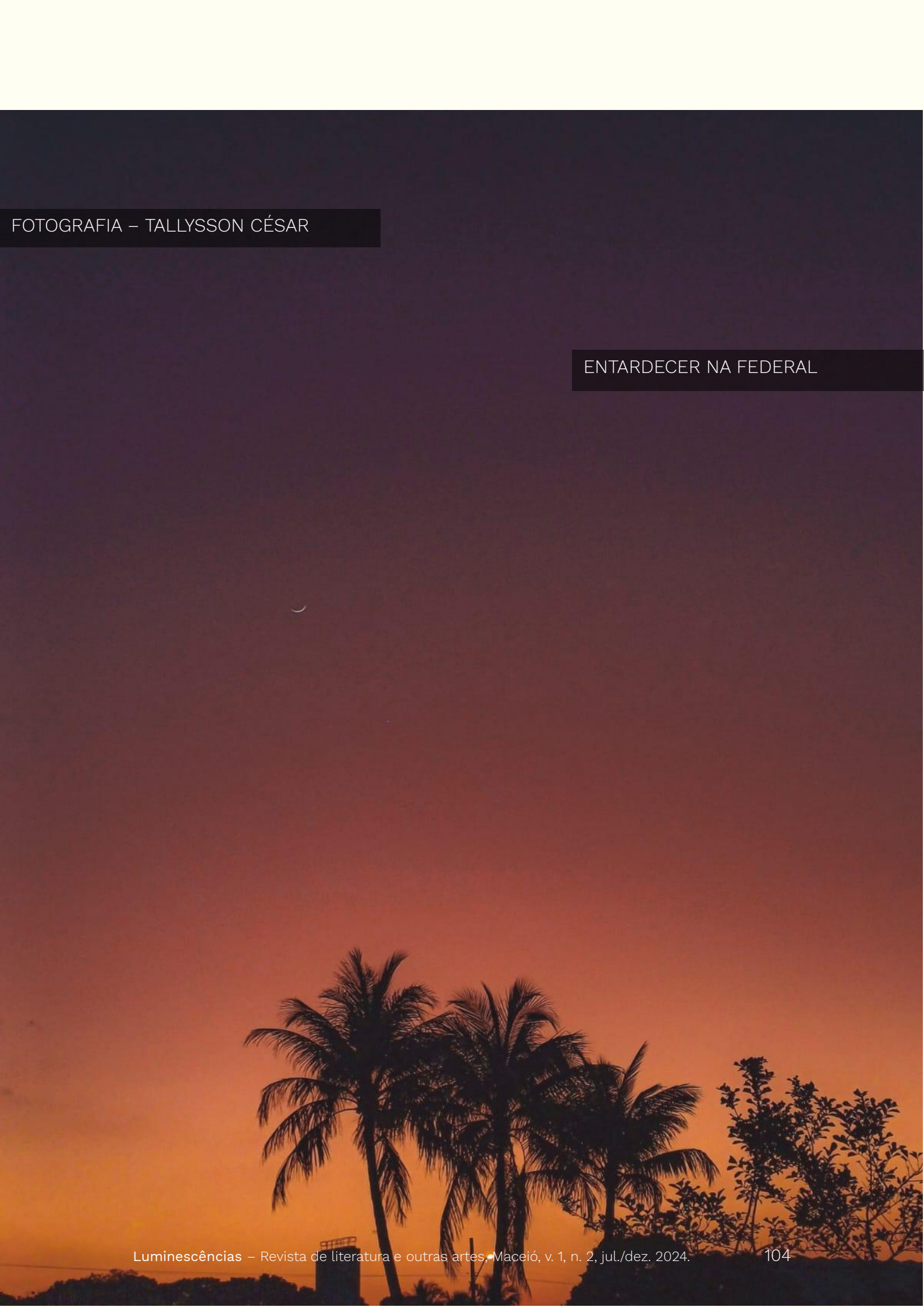
FOTOGRAFIA



DA AUTORIA



Tallysson César, 21 anos, escreve poesias desde o ensino médio, apoiado por sua professora de linguagens. Estudante do curso de pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, compartilha seus textos e reflexões literárias no Instagram @tally.docx.



FOTOGRAFIA – TALLYSSON CÉSAR

ENTARDECER NA FEDERAL



IMAGENS ARTÍSTICAS



DESENHO

SAPHO



Ventre 042

DA AUTORIA

Maria Lais, estudante do curso de letras português. Assino minhas artes como Sapho, em inspiração a autora Safo da ilha de lesbos. Minhas artes são inspiradas na mitologia greco-latina e no amor entre mulheres.

Desenho – Sapho



O mundo de medusa



Medusa

Desenho – Sapho



Casual

DESENHO
VERÔNICA SOUZA



DA AUTORIA



Verônica Souza é escritora, leitora assídua e desenhista por passatempo. Atua como analista de qualidade, formada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Uninter) e graduanda em Comunicação Organizacional (UTFPR). Publica no Entre Verônicas (Substack), explorando memórias, vivências negras, textos literários e poesias autorais. Integra os coletivos Marianas e Pretas com Poesia (Curitiba-PR). Também compartilha suas artes em @veronica.souza.p.



Desenho – Verônica Souza

Autocuidado da mulher negra - veroS



Desenho – Verônica Souza

Black Power



ALICE GUEDES

ZUMBI



Mulher negra, lésbica, nascida e criada nas terras e nas águas de Alagoas. Artista visual, registra seus trabalhos com artes digitais, colagens e pinturas em tinta acrílica e aquarela no *instagram* [@ali.naesquina](https://www.instagram.com/ali.naesquina). É estudante de Letras-Português, batuqueira de maracatu, entusiasta de samba, coco de roda e banho de mar, constantemente movida pela ancestralidade.

LARYSSA MONTEIRO

LINHAS DE FUGA

DA AUTORIA

Multiartista, psicóloga e mestranda em Políticas Sociais (UENF). Desde 2021, dedica-se às colagens digitais, retratando pessoas negras e seus regimes de sensibilidade. Explora o resgate e a criação de sentidos através do processo de (re)composição de imagens e recortes. Artista integrante da Casa Afroraiz, participou das exposições coletivas "Decolonizando as Cinco Peles" (2025) e "Ribeirar" (2024), e da exposição individual "Presentes Pro Futuro" (2024).



IMAGENS ARTÍSTICAS – GRAFITE

SAMARA MONTEIRO

ÁGUA VIVA



DA AUTORIA



(@sam.monteiro), alagoana, é uma artista visual independente que transita entre diversas técnicas e suportes. Desde 2023, vem se desenvolvendo na técnica do grafitti, utilizando os muros de sua cidade como telas para seus estudos. Traz, através desse estudo, uma série sobre a fauna marinha litorânea, destacando sua beleza e a importância de sua preservação.

ERMANS QUINTELA CARVALHO

RELIGAR E RECONECTAR

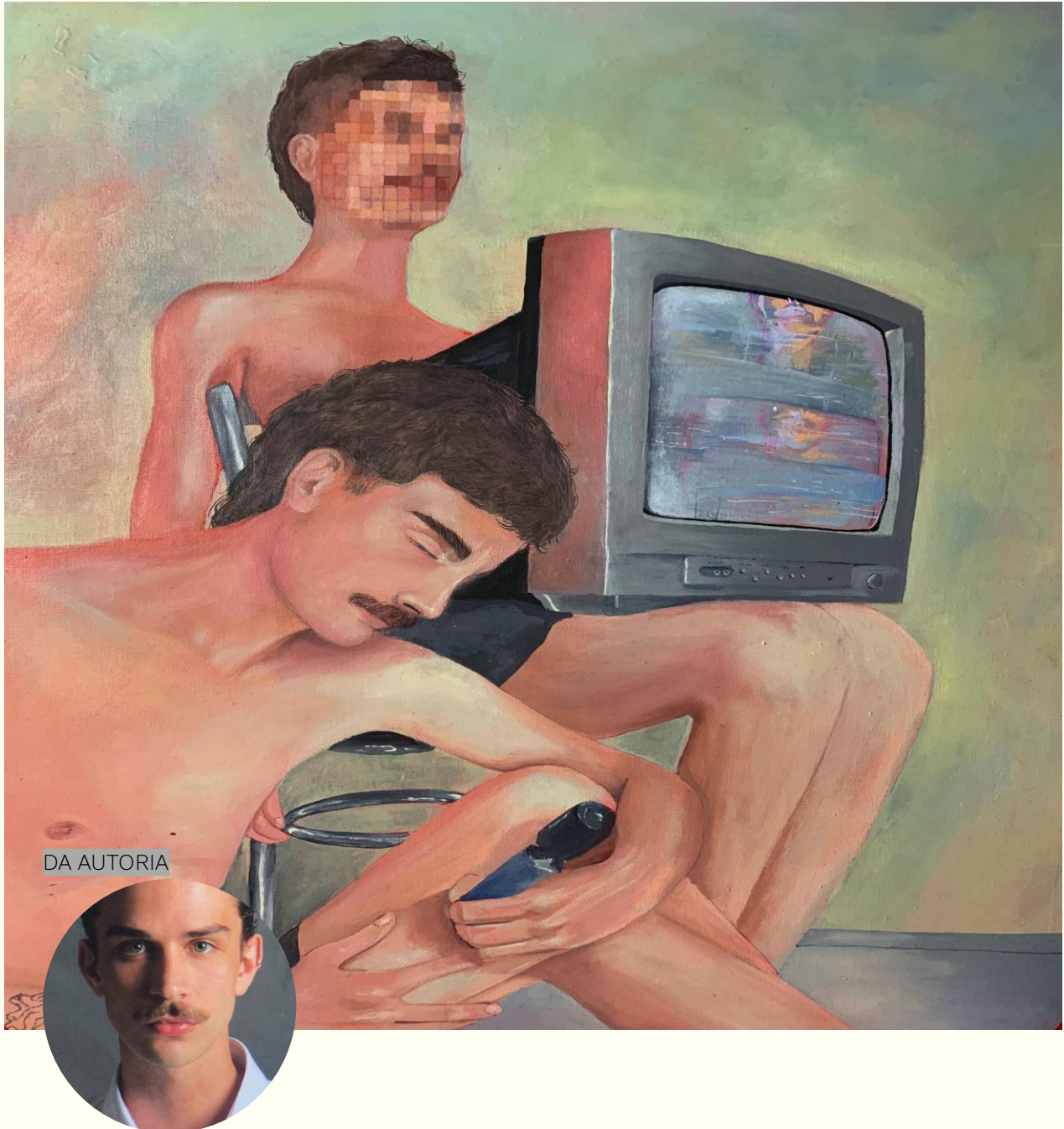


DA AUTORIA



Artista visual, pesquisador e arte-educador alagoano. É mestre em Educação Profissional e Tecnológica, possui formação interdisciplinar e suas obras são constituídas predominantemente em técnica mista de pintura e desenho. Vive e atua em Maceió-AL, teve projetos de Artes Visuais aprovados na Lei Paulo Gustavo e na Política Nacional Aldir Blanc e expôs suas obras em diversas instituições. Acredita na arte, na educação e na inclusão como transformação.

JOSÉ LAURO NUNES MARQUES



DA AUTORIA



José Lauro Nunes Marques (2000, RS) é bacharel em Artes Visuais pela UFSM. Sua pesquisa explora narrativas visuais que atravessam o pessoal e o técnico, promovendo interconexões entre subjetividade e materialidade. A partir da videoarte e da pintura, desenvolve obras transmidiáticas que instauram múltiplas camadas de significação, tensionando a relação entre imagem, corpo e memória.



IMAGENS ARTÍSTICAS – PINTURA

LUANA GREGÓRIO PEREIRA

ENTRE DILUIÇÕES E ENRAIZAMENTOS, SER



DA AUTORIA



artista visual que expressa em sua poética as místicas do Cariri paraibano, as mulheres, os elementos da natureza e do sensível a partir de uma estética surrealista e visionária. É professora de Arte da Rede Estadual de Alagoas e Mestre em Artes Visuais e seus Processos Educacionais, Culturais e Criativos pela UFPB/UFPE.

RAÍZES OCEÂNICAS



SER DAS ÁGUAS



SER DA TERRA



IMAGENS ARTÍSTICAS – PINTURA

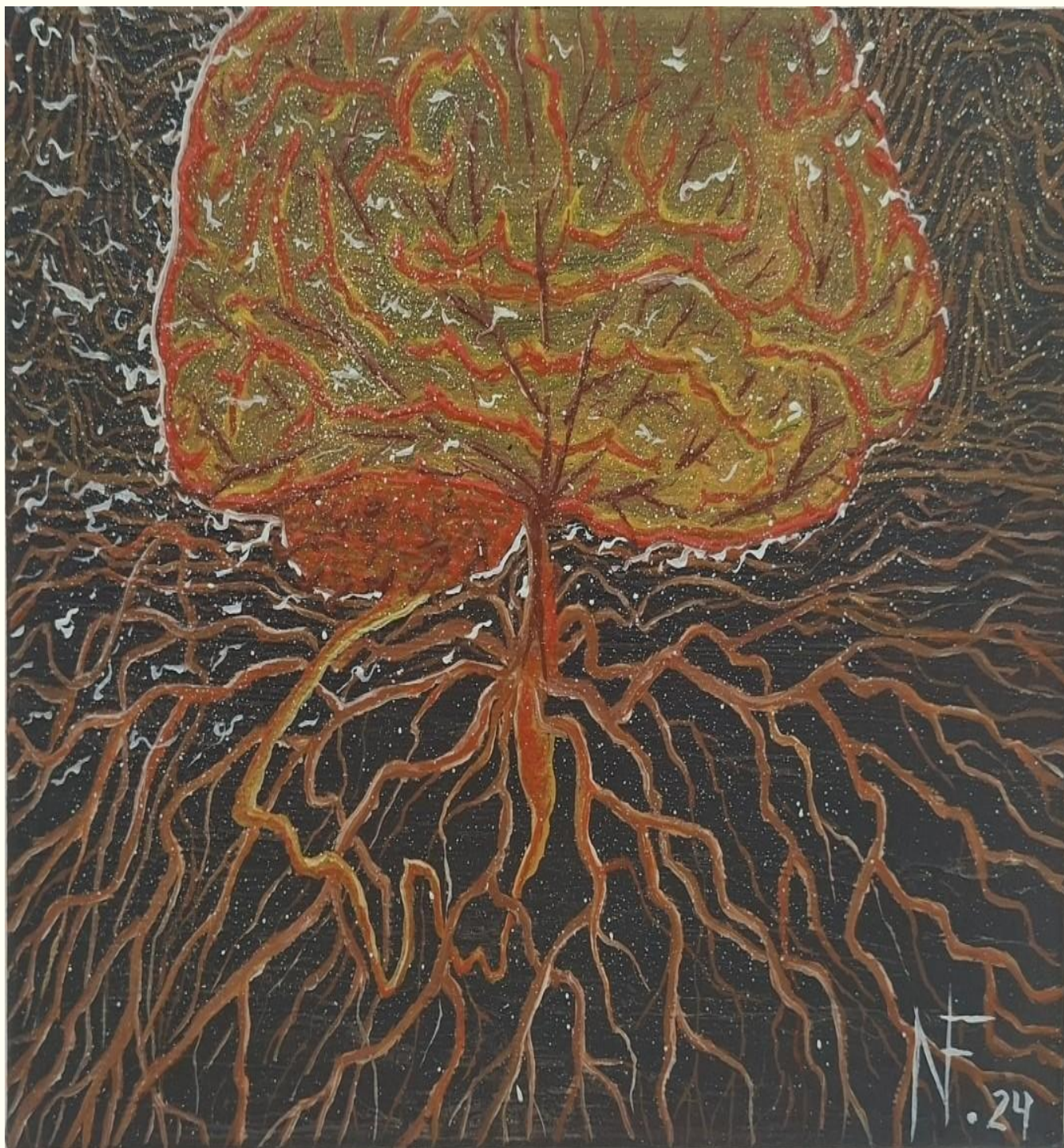
NAILTON FERNANDES DA SILVA

SEM TÍTULO



Sou Nailton Fernandes, filósofo de formação, professor em labuta e entusiasta nas artes plásticas. Meu intento nas artes é provocar uma impressão existencial simples e aberta no contemplador, com sugestões de paisagens, enfoques no humano em situações ou um misto dos dois. Em suma, pinto em óleo sobre tela e giz pastel oleoso para abrir mundos velados.

SEM TÍTULO



SEM TÍTULO



VINICIUS MARTINS LOPES

SEM TÍTULO



Vinicius Martins (Vine) é um artista plástico maceioense que categoriza seu trabalho como uma interlocução entre a arte abstrata e o neo-expressionismo. Sua arte é colorida e visceral. O artista não faz rascunhos, a sua pintura é intuitiva e já vai direto na tela, dando um maior dinamismo e experimentação na pintura.

SEM TÍTULO



SEM TÍTULO



SEM TÍTULO



MEMÓRIA



FABRIELE DE FÁTIMA SANTOS NUNES

Bastou um lençol-de-retalhos-vermelho-e-preto

DA AUTORIA



Fabriele de Fátima (25) é natural do interior do Rio de Janeiro, e dentre muitas coisas é assistente social e arteira. Devota das possibilidades da arte e da Educação, acredita na criação como caminho para expressão, conexão e transformação. Vive de artices-artesanatos-invenções-de-moda, experimentando diferentes formas de linguagem, entre elas, a escrita.

têm dias que a lembrança leva a gente pra passear. da ida da cozinha pra sala o lençol de retalhos em tons de preto e vermelho, recém forrado na cama de solteiro do meu irmão, me fez divagar. aproveitei o quarto vazio, entrei. passei a mão sobre o lençol com a delicadeza de quem toca algo santo. suspirei-saudades. e por instantes-que-parecem-horas, vi nitidamente as paredes de um dos quartos da casa na roça. a janela de

madeira amarelo-gasto. o guarda-roupa velhinho, cheio de outros lençóis-de-retalhos outrora cuidadosamente remendados. na sola dos pés senti o chão de madeira, tão gasto quanto a janela. fuzei na memória cada cantinho. as tralhas em cima do guarda-roupa, os papeis por baixo do colchão. o fardo de refrigerante atrás da porta – sempre achei ali um lugar um tanto quanto aleatório pra se guardar refrigerante e ri baixinho ao lembrar disso. e acredita que até o som da roça pude ouvir?! senti de corpo todo. cheiros. sons. cores. texturas. esfreguei os olhos. respirei fundo. voltei pra cá. mas uma partezinha ainda ficou. divagando. sentindo. os olhos um bocado marejados. sorri-saudades. agradei pela dádiva de manter as memórias vivas em algum lugarzinho aqui dentro. sai do quarto. segui o dia com o encanto melancólico que a nostalgia traz.

RAQUEL GOMES SILVA MORAES

SEM TÍTULO

DA AUTORIA



Mais um pesadelo assolava minha mente naqueles dias de inverno. Ainda era madrugada, o som da casa era de um relógio tímido pingado na parede da sala. Coloquei meus pés no chão, era gelado demais, andei rápido para a cozinha em busca de um copo para beber água. Chovia muito em toda a cidade, com direito aos sons de trovões e as imagens de raios. Segurei meu nariz por alguns segundos sentindo o quão frio ele estava, eu não iria dormir mais.

Não precisava de pesadelos para meus olhos abrirem durante a noite, há meses meu sono estava como uma pena. Meu corpo estava necessitado de algo, mais do que comida ou uma noite inteira sem

acordar. Encarei o objeto imutável em uma das prateleiras, a carta deixada pelo porteiro em março. A carta estava intocável, com aquela caligrafia e aquela assinatura. Talvez estivesse repleta de poeira, apenas encostei nela quando foi entregue. Bebi dois copos de água. Minha cabeça começou a suar, mas ainda sentia frio.

Nunca parecia que seria uma boa hora, nunca aparecia o momento certo para descobrir qualquer coisa que eu não soubesse. Os trovões eram cada vez mais agressivos e o sol demoraria quatro horas para dar um pingo de sinal. Minhas olheiras não ficavam mais bonitas. Eu poderia acabar com minha agonia e abrir aquele envelope, mesmo que não existisse uma garantia que meu ser ficasse em paz depois disso.

Caminhei em direção ao meu sofá, esticando minhas pernas e encarando o teto. Nunca tive medo de tempestades, era algo seu. Quando eu parava e pensava nos

pequenos detalhes do espaço e do tempo era quando sua lembrança entrava na minha cabeça. Tempestades, cachorros de porte grande e livros desinteressantes. Coisas corriqueiras, porém, não corriqueiras o suficiente para uma morada sua em meu coração. Mas ali estava eu, no mesmo sofá, pensando mais uma vez em como seu fantasma não existia mais para mim. E não existia mesmo.

Seu aniversário de vinte e quatro anos foi no ano passado, dizem que é uma idade importante. Eu não consegui te ligar, não lembro exatamente o motivo, não era algo que fosse importante a longo prazo. Lembro que pensei em te mandar uma mensagem, uma mensagem te desejando um bom dia, mas não consegui, por um ou dois motivos. Encarei sua carta mais uma vez. Sua estupidez era algo tão evidente. Um ano sem trocar palavras e uma carta com a leitura adiada. Seu dom de fazer eu me sentir uma insensível não falhava.

Era doloroso sonhar com sua memória durante todas as estações que passaram, eu nunca lembrava

dos sonhos, lembrava que sua presença estava ali, como aquele raio do céu. Suas palavras estavam apagadas, seu rosto desaparecia, sua voz estava distante, mas seu nome ainda era eterno. Era eterno em minhas palavras, em minha feição e em meus lábios. Levantei meu corpo lentamente, encarei a janela da varanda, o céu estava mais escuro. Meus olhos começaram a arder, lágrimas. Solucei. Estava cansada de esperar uma ligação ou algo novo, tudo que eu teria para sempre seria aquela carta.

Aquela manhã também chovia, não eram pingos pesados e violentos. Todos acreditavam que era uma tragédia, eu acreditava ser uma mentira bem contada. Não me aproximei da sua presença em nenhum momento e não perdi nada que aconteceu. O buraco era tão fundo, nunca pensei que te veria fazendo aquilo. Seu corpo descia cada vez mais até sumir. O padre rezou e o lugar de repente ficou vazio, conosco. Eu esperei no silêncio. Pensei que magicamente seu corpo voltaria para mim e pudéssemos dançar e escapar

daquela visão. Que pudéssemos cantar por todas as ruas da cidade qualquer música. Mas você ficou em silêncio para sempre, eu tive que te deixar pela última vez.

A sombra do seu corpo perseguia meus sonhos, ela não deixaria meu descanso em paz. As lágrimas dos meus olhos não cessavam, sua volta jamais aconteceria. Saí do sofá e caminhei até a estante, segurando a sua carta e sentando no chão. Era o momento da sua ida, sem novidades, sem sua alma e sem sua voz. Para sempre sentindo a sua falta.

REBECA COSTA CAVALCANTE

O passado do meu bisavô

DA AUTORIA



Rebeca Costa Cavalcante é uma jovem cristã, estudante de letras português na Universidade Federal de Alagoas, altamente apaixonada por romances e simbolismos. Ela ama pequenos detalhes nas escritas e na vida, dedica-se frequentemente aos estudos acadêmicos, de libras e de teologia.

Uma criança de sete ou oito anos não se lembra de muitas coisas com clareza, nem mesmo reflete em muitas delas com clareza. É nesse pensamento que inicio minha memória de uma tarde quente, em um sítio quase esquecido na divisa de Pernambuco, contudo, não esquecido por mim ou meus pais, pois era de lá que toda a minha família vinha e, exceto os que não saíram para desbravar capitais, muitos ainda estavam.

Nos hospedávamos sempre

na casa dos meus avós maternos e, se olhássemos pela parte de trás da casa, inclinando os olhos para cima, teríamos uma vista perfeita de um caminho que levava à casa do meu bisavô materno, pai da mãe da minha mãe. Sua esposa, minha bisá, já se tinha ido muito antes, mas ele, homem forte dentro do possível em seus oitenta e tantos anos, permaneceu.

Eu costumava passear muito por aqueles caminhos e lhe fazia visitas frequentes, aproveitando da liberdade que não possuía na minha capital Maceió. Em uma dessas idas, fui apenas para dar viagem, sem finalidades, até mesmo com pressa, porque tinha alguma coisa para fazer em seguida, e pronunciei em minhas tolices de criança algo com a palavra "passado".

Não me lembro mais do contexto da conversa, mas a resposta nunca fui capaz de me esquecer: "passado é um minuto

atrás. A gente aqui falando, o que falou nesse instante já é passado."

Meu bisavô enfrentou o olhar

de desdém da minha tia que cuidava dele, e eu concordei sem ver muita importância, mas hoje me importa. Me importa muito que a vida seja vivida por completo, que aproveitemos os instantes que temos, pois nem mesmo o olhar, a fala boba ou o gesto demonstrado há um segundo pode ser presente para sempre. Passou, e quando passa, fica no passado.

Atualmente, já faz uns anos que meu bisavô, que eu tradicionalmente chamava de "pai Noé", faleceu quando suas últimas forças o deixaram. Ele morreu de velhice, cheio dos seus passados acumulados pelo túnel do tempo.

Atualmente, sua casa foi demolida, minha avó se mudou e, mesmo assim, quando eu passo em frente daquele caminho em que o fim costumava me levar à sua casa, lembro-me do "passado" que ele mencionou, sabendo que no

VANUZA SOUZA SILVA

Uma solidão ancestral

DA AUTORIA



A solidão é uma força humana potente, uma das manifestações do divino, seja ele na perspectiva panteísta, teológica judaico-cristã, oriental, indígena. Os deuses gregos, um dos nossos aprendizados clássicos da educação eurocentrada, fala-nos de deuses engrandecidos, gigantes, titânicos, mas se analisarmos bem, vivem de uma solidão profunda. Hera com suas mágoas de traições, Zeus que de tantos amores e amantes, está ali sempre no topo de um eu ensimesmado, Afrodite, serva de sua beleza, Narciso, escravo de seu ego bonito. São tantas e tantas narrativas gregas de solidão e poder que muitas vezes se camuflam numa perspectiva de

existência que se basta em seu universo de sentidos. Isso não significa apontar o negativo da divindade e sua solidão, significa valorizar essa força e sentimento, muitas vezes negado na modernidade, como se solidão e morte, solidão e adoecimento fossem uma única coisa. Deuses gregos, o Deus judaico-cristão. Além do pantaleão grego, o Deus judaico-cristão também reina em solidão e Cristo, em solitude. O deus do velho testamento reina absoluto, cria tudo pelo verbo, para o verbo, ele é o próprio verbo, a própria força e forma. Em sete dias um mundo está pronto, ele descansa, mas ele é o único engenheiro da obra humana, ele vigia, ele pune Eva e Adão, onipotente, onisciente e onipresente, ele é a própria potência do poder que sozinho é; eu sou! Seguindo a mesma linha de pensamento poderíamos pensar na diversidade divina que o projeto colonizador violentou, onipotente,

A solidão é uma força humana potente, uma das manifestações do divino, seja ele na perspectiva panteísta, teológica judaico-cristã, oriental, indígena. Os deuses gregos, um dos nossos aprendizados clássicos da educação eurocentrada, fala-nos de deuses engrandecidos, gigantes, titânicos, mas se analisarmos bem, vivem de uma solidão profunda. Hera com suas mágoas de traições, Zeus que de tantos amores e amantes, está ali sempre no topo de um eu ensimesmado, Afrodite, serva de sua beleza, Narciso, escravo de seu ego bonito. São tantas e tantas narrativas gregas de solidão e poder que muitas vezes se camuflam numa perspectiva de onisciente e onipresente, ele é a própria potência do poder que sozinho é; eu sou! Seguindo a mesma linha de pensamento poderíamos pensar na diversidade divina que o projeto colonizador violentou, os deuses vindos do Atlântico! O que eles modificam em nossas perspectivas? Iansã, Ogum, Oxalá, Iemanjá estariam construindo outra perspectiva de

mundo onde a solidão divina se anula? Oxum nos rios, abençoando; Iemanjá nas águas salgadas limpando; Iansã e sua força tempestiva transformando; Xangô de suas pedreiras fazendo justiça; ogum com ferro ferindo, quebrantando demandas; Oxalá lá dos céus emanando paz. Haveria algo nessas forças ancestrais vindas da África que fogem do propósito da solidão? Olorum não estaria tão longe quanto o deus judaico e cristão? Afinal de contas a divindade seria sempre essa potência de poder e solidão? Por que então não ressignificar todo esse sentir solitário e de solidão tão camuflado na modernidade? Poderia continuar falando das divindades egípcias, mesopotâmicas, chinesas, caribenhas, mas tudo me leva a pensar em universos realizados em grandes doses de solidão em que nem mesmo Deus/deus/deuses a destituíram ou a inibiram. E talvez essa necessidade de me admitir em profunda solidão e de pensar não em um sentir solitário, mas ancestral, talvez essa percepção tenha me trazido até aqui numa

perspectiva de mergulho profundo em minhas subjetividades e memórias. O caminho de volta para casa, movido pela arte da memória nos conduz a muitos caminhos, dentre eles, a solidão, não a solidão que apenas deprime, mas também, e sobretudo, a solidão que ressignifica, que vem como bálsamo para dores tão intransigentes.

Eu habito tantas dores, tantas marcas de solidão, tantas dores e marcas de solidão me habitam. Nunca compreendi ao certo por que cresci em um lar onde a mãe era o tudo, a plenitude de minha vida e de meus irmãos. Ela era nosso império, não existia algo maior e mais bonito fora daquela imagem maternal, nada delicada, insistentemente forte, muitas vezes virilizada, dona de si, de suas quatro crias e do mudo ao redor. Ela trabalhava fora e nos criava, ela um porto de segurança que nunca me fez sentir falta de um pai, Pai era uma palavra exótica, nunca, até hoje, soube o significado dessa palavra monossilábica. Um nome estranho. Fui crescendo

observando a solidão de minha mãe e sua luta para criar seus quatro filhos sozinha, sobre meu pai, soube já com sete anos, vivia em São Paulo, sozinho, alcoolizado, amando qualquer mulher. Eu e meus irmãos, quatro existências vazias e solitárias que ia se bastando quando a mãe não estava. Uma das irmãs foi trabalhar na casa de uma mulher rica para melhorar nossa renda, outra irmã estudava, eu era entregue a uma prima que me falava o tempo todo que minha mãe morreu. Lembro de mim e do meu irmão sozinho s em uma casa de uma fazenda, sozinhos, onde cobras silvestres muitas vezes apareciam para assombrar ainda mais nosso medo já tão persistente. Essa mãe tão batalhadora muitas vezes tentou amenizar nossas tristezas com as visitas ao cariri paraibano, onde nasceu e foi criada. Cada visita só internalizava em mim dores profundas que me faziam perceber uma solidão medonha nas histórias apresentadas à minha infância. Naquela casa do cariri velho, as memórias trágicas nos engoliam, a primeira delas, o

suicídio do bisavô, pai de meu avô Cícero Hermenegildo, por ter enterrado dinheiro e nunca ter encontrado; as narrativas de meu bisavô Emanuel Félix, um cangaceiro do bando de Antônio Silvino, que abandonou a mulher e filhos para conquistar terras e se livrar da prisão. Como se não bastasse tanto, a narrativa de minha bisavó Senhorinha, abandonada pelo marido cangaceiro, que foi viver sozinha de artesanato para criar seus filhos sozinha. E minha avó Olívia, filha do cangaceiro? Dava aulas para ajudar a mãe, casou, teve sete filhos, aos 35 anos faleceu de câncer no útero. Toda propriedade que hoje temos, vem de sua luta para construir patrimônios. Meu avô materno, passou a vida toda solitário, casou de novo, mas seu semblante era revelador sobre a dor e falta de minha avó Olívia. Os filhos desta minha avó que morreu acometida pelo câncer, criaram-se sozinhos, perdidos, dois enlouqueceram, a mais velha, Maria Socorro, falecida recentemente, tentou criar seus irmãos e aliviar tanta solidão. Meu avô paterno, um

indígena encontrado no mato, casou com uma branca, ficou viúvo logo cedo, passou a vida sozinho e doente no Cariri Velho.

Eu cresci em um lar solitário, vendo minha mãe sozinha criando quatro filhos. Quando ela falece em 2019, todas as nossas feridas e fragilidades vêm para a pele da emoção, ficamos visivelmente vulneráveis, dois dos quatro irmãos se medicam para contornar a situação solitária, a irmã mais velha cria gatos para distrair a mente, eu estudo e escrevo. Eu analiso essa força da solidão ancestral que vem de tão longe e constrói morada em nossas almas. Não é uma solidão apenas da minha família ancestral, principalmente das mulheres ancestrais, mas de todos que foram subjugados a essa conjuntura colonizadora e imperial. Os indígenas foram retirados de suas terras, os negros foram trazidos violentamente para essa terra para serem escravos. Desde o projeto colonial e até antes estamos vivendo processos históricos e ancestrais que sangram nossas existências. Precisamos, dessa

forma, ressignificar essa força muitas vezes devoradora, a solidão, e pensarmos como podemos amenizar essas dores que não são necessariamente do mundo moderno e pós-moderno, ver como criar fugas nas quais as dores sejam transformadas em arte e possam fazer a existência, uma força criativa. Falo e escrevo de um lugar que dói, como forma e libertação, de fuga, como diz Deleuze, e como enfatiza Blanchot, escrever para não morrer de tanta solidão, Como mãe solo que sou, me sensibilizo com a solidão de minha bisavó, de minha avó Olívia que se foi tão precocemente e de minha mãe Maria que nos criou sozinha. Trata-se aqui de uma solidão ancestral, que vindo de tão longe, não cabe em nossos papéis e que de tão profunda transborda em nossas memórias e nos convida a criar uma maquinaria discursiva que cure, que nos cure enquanto sujeitos marcados pela tragédia de se percebe só, solidão.

YANA CAMILA BRASIL MARQUES

SEM TÍTULO

DA AUTORIA



Yana Brásques é Terapeuta Integrativa, Doutoranda em Psicologia da Saúde pela UMESP, Atriz em formação pela UFBA, Artista por essência e apaixonada por letras. Através de seus escritos, consegue acessar seu mundo criativo e transpor em palavras seu imaginário vasto, dinâmico e pulsante.

Tudo começou com o nascimento e com ele o percurso a ser trilhado, sua essência mantinha-se consigo em seu centro, próximo ao peito, sentindo o coração aconchegante a cada movimento.

Em meio aos desafios da vida, precisou de sua essência para equilibrar-se, moldar-se ao que era solicitado, encaixar-se para ser aceita e com passos curtos, um em frente ao outro, iniciava seu legado em uma área que lhe agradava, contudo não era o que almejava.

Ao longo do caminhar, decidiu alterar as passadas, o ritmo, a distância entre um pé e outro e sua essência que antes era apoio para caminhada, transformou, ou melhor favoreceu que ela fosse livre, l-i-v-r-e, pois agora, poderia trilhar o seu próprio caminho, sem preocupações com opiniões, julgamentos quer da família, quer da sociedade.

Não há apenas um caminho a seguir, só porque possui uma formação estruturada é obrigatório estar engessada/paralisada? Há várias dela que querem surgir, fazer história, sentir, ouvir, existir, isso mesmo: e-x-i-s-t-i-r!

A maturidade e as vivências lhe mostraram o que é mais importante: o seu querer. Ela caminhou, virou, dobrou, tropeçou, contudo, sua essência a conduzia livre, leve, com sorrisos cativantes, passos largos, conquistas, sonhos realizados, agora sim, estava no caminho certo, no caminho que tanto desejava. Sorria e sua essência a conduzia, ou melhor, a

conduz dia a dia, tornando cada vez mais clara a sua luz, o seu brilho que reluz e arrasta.

Há 37 anos, ela nasceu, cresceu, engatinhou, andou... Antes ela caminhava, mas não se encontrava. Mudou o percurso e percebeu que à frase ouvida em um dado momento, estava certa: “É preciso se perder, para se encontrar.”

POEMA



ADRIANA DAMASCENO

Ventania

Calma, não é amor!
Nós nunca poderemos nos amar,
Você não soube me esperar
(Foi o que me falou).

Esperar? Eu sempre estive à espera de você;
Todas as noites clamei por ti, e nada de ninguém me ouvir.
Sempre sem demonstrar, mostrei-lhe tudo o que ainda senti,
Mas você nada de me ouvir.

Ainda de muitas coisas não sei,
Principalmente o que me fez pensar tanto em te escrever
Uma carta que só falava de amor,
De como era bom tirar seu cabelo de seu delicado rosto,
E te mostrar quem sou.

De como gostávamos de nos encontrar no cais do porto,
Mas não era amor.
Em meados de 86 me deixou
No prazer da amargura, onde tudo se entronchou.

Por que me deixaste tão sozinho, meu amor?
Sem estrada e sem caminho, em frente ao pelourinho.
Foi ali onde tudo começou,
Onde a última vez me encantou.
Foi ali onde tudo começou
E acabou, quando você foi embora e jamais voltou.

1986

Após debruçar-me aos degraus do descontentamento,
Percebo que o tempo passou rápido ao dançar mais uma canção.
Observo, ao percorrer a estrada de ladrilho, que me vejo perdido.
Em seguida, dobro a esquina e vejo tua frente,
E ao olhar em teus olhos me sinto revivendo uma poesia antiga.
Era noite de uma quinta pretérita,
E teus pés corriam na praia deserta do Sobral.
Ao darmos as mãos, corremos sem direção,
Até decidirmos passar pela igreja de São Sebastião.
Sem papel e sem caneta, escrevi-te um recado
No verso do meu retrato, com a ponta do compasso.
Meu desejo era ver-te, assim como as estrelas
Que se veem no espelho das ondas que no mar se fazem presentes.
Que as estrelas continuem a iluminar teu caminho
Com sabedoria e graça,
E com o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões.
E só assim entrelaçar vossos corações,
E ter em dois uma só batida,
Mas esqueceram que vossos já foram embalsamados.
E hoje, só esperamos o dia
Em que a luz do sol irradiará pela retina.

Encanto de ser um serafim
E no mesmo instante, meus olhos se esquecem do que estão vendo,
Me levam a imaginar algo tão distante de voltar a existir.
Assim, vejo-me farto dos meus anseios ao ponto de pensar em desistir.

Sei que consegue ver de longe o princípio do declínio ao subir as escadas
da desilusão,

E sentir o último suspiro ao rever aqueles trilhos que me levaram à exclusão.

Enfim, assim aprendi que os ventos sempre vão mudar de direção.

Ficou em seu legado deixar suas quimeras queimarem a fogo ardente em meio à escuridão,

Mas "agora, vemos por espelho em enigma; mas então, veremos face a face."

Não sei se foi só um sonho, será que tudo aconteceu?

Ou será que tudo se passou de mais um sonho meu?

"Agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido."

Na boca, o doce amargo gosto do café.

Não é por eu não falar que minha promessa ainda não está de pé.

Encontraste luz em meio ao vigésimo segundo dia, e assim preferiu pensar igual a São Tomé.

Elul de 5767 foi o ano que escolheu deixar de ser só soul e admirar o brilho da maré.

Foi ao relento que descobri: eu fui criado para ser assim,

Aferrado ao modo de ver, e trazendo o nó na garganta por não ser um serafim.

No sereno da madrugada, senti o brilho do seu batom vermelho em mim,

Me fazendo lembrar do tempo que me perdi em seu jardim.

Janela alta

Voltaste a ver com os olhos

De quem observa as estrelas

Que cintilam nos olhos

De quem as ver.
Todos os dias se tornaram brincadeira
Quando vejo as cores que destilam
Da tua imaginação.

Chegaste noitinha,
Enquanto o céu sucumbia
Em uma ventania serena e atroz,
Enquanto o pau-a-pique partia
Em direção ao encontro
Do céu com o mar feroz.

E, em um breve sussurrar,
Dos lábios de alguém,
Escapa a fatídica frase final:
"Se foi por mim que choraste sangue,
Então dá-me de beber,
Que tenho uma sede sem fim".

Essas palavras ecoaram aos ventos
Até soarem em minha janela.
Em uma poção mortal de doce ilusão,
Uma fria manipulação
Com gosto de madrugada amarga
Pairava no céu de tua boca.

Na cidade portuária, chegava
O mais novo indivíduo,
Pronto para se encastelar,
Por medo de tudo
Que pudesse te refugar.

Ao cravar uma adaga no coração,
Fizeste escoar o desespero
De sua glória duvidosa
Em suas mãos.
Vendo o filme passar,
Agora percebo o que sempre vi,
Mas nunca enxerguei.

Assim, com os pés na areia
Do deserto do Atacama,
Deliro ao pensar em quanto tempo
A chuva de aflição irá passar.

Na janela do andar número sete,
Há três rosas da cor rosa,
E os luzeiros refletindo nos vidros
A brindar.

O abismo se fincou
Ao subir as escadas de desilusão;
Tudo não passava de uma mera confusão.
E, ao abandonar o fascínio
Da loucura dos degraus,
Encontraste a planície
Diante da seclusão.

Cores

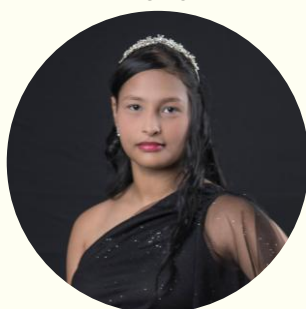
Tudo muda, mas o bom é que tenho o agora
Pra mudar a minha história,

Fazer de conta que tudo um dia voltará
Em forma de memória.
As cores dos teus olhos me encham de alegria,
Me ensinam a ver as cores da vida.
Tudo se acabou, mas é só recomeçar,
Olhe para a chuva e deixe ela passar.

Hoje não sou mais o que era antes, isso até que é bom.
A chuva já passou, e eu tive um sonho em que nada mudou.
Mas eu sei, é difícil se sentir sozinho,
Parecendo que a felicidade pegou outro caminho.

Mas se olharmos para frente,
Vemos o quanto somos felizes.
E quando paramos e percebemos,
Que a vida passa, e nós corremos pro começo do fim.

DA AUTORIA



Adrima, natural de Maceió-AL, nascida em 2007, é Téc. em Edificações pelo IFAL e graduanda de Engenharia Civil pela UFAL. Seu gosto pela escrita começou aos 14 anos e é nutrido por sua paixão pela música, especialmente pelas letras dos anos 80, que influenciam seu estilo literário. Na escrita, ela se conecta com suas emoções e experiências. Entre versos e cálculos, busca equilibrar a razão e emoção, sempre com o olhar ao mundo ao seu redor.

POEMA

ALEXANDRA BEURLLEN

O Corpo

O Corpo
estendido no chão
já não mexia
já não tocava
já não falava
aos olhos
de quem via

e quem via
O Corpo
que bulia
na vista
na vida
nos corpos
de quem a queria

a moça
outrora bonita
não tinha mais preço
nem incomodava
barulho não fazia
despercebida
agora passaria

não fossem os Urubus

DA AUTORIA



Alexandra Beurlen, Promotora de Justiça em Alagoas, que busca na poesia colete salva-vidas.

Aos bondes que me atravessaram

teu frio ferro me lascera
toma meu arco-íris
o mundo é cinza

tua força me sufoca
aperta os ossos, rompe as carnes
o mundo é vermelho

tornas-te translúcido
não mais te vejo
não mais me vejo

a um deus anil
suplico
o sol se dissolve

bailam sementes douradas
brotam em meu sangue
volto a ser página em branco

POEMA

ALMÍRISTA SILVA

Corpos

Corpos

Pequenos corpos

Corpos grandes

Médios corpos

Violência

Violação

Vilão

Mulher

Moça

Menina

Até quando?

Parem...

Parem.

Parem!

DA AUTORIA



Almírista Matias da Silva, nome inventado por seu pai, Cícero. Deu a ele seu próprio significado: "aquela que estuda a alma, espiritualidade e busca a conexão com o eu interior". Nordestina, alagoana, nascida em Colônia Leopoldina/AL, mudou-se aos sete anos para Murici/AL. Graduanda em Letras-Português. Libriana. Gosta de animais, livros, filmes, séries, fantasia, romances e questões relacionadas ao místico.

POEMA

AMANDA MARQUES

DA AUTORIA

Pau a pique

da janela de minha casa,
sonho.
sonho sobre o que desejo,
o que não preciso,
o que mereço

sonho com água,
com chuva,
com arco-íris.
sonho com a ida,
talvez com a volta.

sonho com risos,
dança, brincadeiras.
sonho com verde, vibrante.
com rosas, com girassóis.

o filtro de barro,
a tigela de plástico.
o fogão a lenha.

da janela de minha casa,
sinto o vento balançar
meus cabelos.
a brisa suave trazendo junto
os grãos de areia,

a voz de mainha,
o grito de painho,



Amanda nasceu em Maceió, no dia 6 de março de 1996. Graduanda do curso de Letras Português, desenvolveu seu amor pela literatura ainda pequena. Cristã, escritora, poeta, ama divagar em sua escrita. Apaixonada pela poesia de Fernando Pessoa, literatura brasileira, hqs, literaturas infantis, animais e sorvetes.

a benção de voinho e voinha.

da janela de minha casa
existo, coexisto
e hábito.

João de Barro

João de Barro,
me explique
esse tal de amor
reza a lenda,
que viraste pássaro.
um tal de ato de amor.

mas torna-se pássaro,
é prisão ou liberdade?
me responda, João.
o amor é assim?
uma aprovação?

e se a luz do sol
não iluminasse
esse teu amor
valeria a pena
mesmo assim (!?)

ajude-me, João.
como saber
se tal risco vale a pena.
meu ninho é de barro,
frágil,
não aguenta tempestades.

ajude-me João!
Me ajude, João!
quero ter asas também,
mas também razão.

eu

busco pertencer,
antes de qualquer coisa
ou alguém,
a mim.

quando criança,
sonhava o tempo todo
era sonhadora.
tinha vergonha.

na inutilidade
de sonhos não realizados
guardo a fotografia
de família

sonhos que percebi,
não serem meus.
é como um ato de tradição,
um passa para o outro,
quando não consegue
realizado.

a carga de uma
estrada de memórias,
com curvas que
na qual derrapo.

ainda há vergonha,
sonhos, memórias,
tentativas infinitas.

e de tanto tentar,
só sei ser
eu.

amor ágape

desde o princípio,
sempre foi,
sempre será, é.
o único.
capaz de sentir,
de ter e ser.

uma decisão,
uma renúncia,
mesmo não precisando,
o fez em amor.

nos livrou
pagando um
preço, preço de cruz.
mas o trono não está vazio.
em sua glória
voltará.

amando uns
aos outros,
como nos ensinou,
seguimos fazendo
o ide.

para mostrar
o amor que é
o caminho,
a verdade
e a vida.

AMANDA SILVA

Prelúdio

Mesmo que eu quisesse gritar do fundo da minha alma tudo aquilo que, desde cedo, aprendi a reprimir, você daria de ombros em meio à escuridão e me deixaria perecer em total solidão.

E mesmo criando mil cenários na minha parede em branco, nenhum deles poderia ser recriado.

Artistas cegos do castelo: eu, e só eu.

Nunca me ocorreu estar em praça pública, expressando tamanho querer, tamanha vontade de viver. A excitação precede o desânimo, o descontentamento, a solidão, o prelúdio.

E, sendo tudo aquilo o que já havíamos dito e feito, não sobra nada: nem os rebeldes em praça pública, nem as páginas emboloradas, tampouco eu.

E, esvaindo-me em total silêncio, me retiro.

Espaços pequenos não me cabem, não me dou com pares.

Sou ímpar,
sou o fim de tudo,
sou prelúdio.

DA AUTORIA



Oie! Eu sou a Amanda, estudante de pedagogia, ativista e mulher preta, apaixonada por educação popular, arte, música e movimento estudantil. Entre a luta e a criatividade, gosto de uma boa caipirinha.

POEMA

ANNA CAROLINA LUNA

Tudo passa

Quando a primavera chegar, o outono ter-se-á ido. Venha o fôlego, afaga-me os cabelos.

Estremece os ossos, quentura a alma.

Ternura o coração.

O fogo do vão, ressoa aos campos.

A liberdade me veio encontrar.

Conta passos, passos cantos,
canto versos, versos conto.

Estriba, ecoalizada.

O folheto do inverno veranoa.

A necessidade de ir às proas.

Resgate ao resgatador.

Tudo passa.

DA AUTORIA



Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas. Estudante do 4º período e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Escreve textos diversos ainda não publicados e fala palavras que, para além de publicação, são ouvidas.

POEMA

ANNY LOPES

DA AUTORIA



oximoros possíveis

escrever
e (ainda)
crer.

Desejo

Crio um bicho estranho
por dentro.

Um bicho mal adestrado
que se fez morar
entre a derme
e o meu ser
que não aprendeu
a responder comandos.

distrai-se por
qualquer
vento.
perde-se por
qualquer
brincadeira.
escapa por
qualquer
alegria.

Mas a criatura

É graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Literatura Contemporânea e mestra pelo programa em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora de poesia e de políticas contemporâneas de vida e professora de Língua Portuguesa no estado de Alagoas. Interessa-se pelo lirismo que é libertação.

se alimenta de mim
e me alimenta
em retorno.
Guia onde caminho
enquanto guarda
quem sou.

Talvez o bicho me crie.

E quando sigo suas rédeas
corro solta
como nunca

poema-meta

com as mãos
escrevi
tudo o que tinha de bonito
pra você.
na língua
sobrou
apenas amargo
travo na garganta
como
comer
caju.
e isso
não era para ser sobre amor.

cotidiana (mente)

tenho agonias.
acordo respirando errado.

tenho impressões que vou me curar desta inquietude
exatamente trinta e sete vezes
ao dia.
conto.
não curo.
conto mentiras
ao meu pé do ouvido
que pretendem desacelerar
esse ritmo cardíaco assombroso
que me acompanha.
não freia.

prossigo.
a estrada é íngreme e furiosa.
perdi o leme naquela tempestade da semana passada – ou foi na vida passada? –
digo a uma voz que não me responde na outra linha.
as unhas pintadas de esmalte café
não escondem as bordas do sangue
incrustado na ponta dos dedos.
mordo a língua e impeço um grito.
o barulho que cobre meus ouvidos vem de um peito
oco.
o eco transpassa meu esterno.
me sinto um amplificador de vazios.
o embaraço da vista combina com a agitação ao meu redor.
de pessoas, de casas, de cachorros.
tudo-tempo passa.
minha pele sua e eu sinto frio.
guardo imóvel até
uma chuva
qualquer
bater no portão.
na pele

tenho decalcado cicatrizes
que aprendi por gerações.

Mas de noite
sonho.
eu respiro direito no sonho
e no sono.
quando não dá pra enxergar. quando o escuro é maior do que eu:
inspiro len-ta-men-te.

POEMA

ÁRTEMIS

“manchas, borrões e palavras”

empunho a caneta

posiciono sua ponta

e apunhalo o abdômen

repetidamente

vomito

rimas perfeitas

nos ouvidos alheios

como instruído

minha linguagem transviada

reflete em estouros

nos meus dentes de navalha

e na tua mente

DA AUTORIA

Nascida e criada em Maceió, Alagoas, encontrei na arte, especialmente quando expressa como poema – este acompanha-me desde os onze anos – ou dança, modos de sobrevivência que, após maiores contato e entendimento, tornaram-se vias de existência dotadas de potencialidades inter e intrapessoais. Atualmente, aos dezenove anos, sou graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

eu

que

brei

a tua língua em peças

de

vo

rei

elas e tuas promessas

não

sa

ciei

minha fome só com tuas rezas

deixe de pressa

não há conversa

deixe de pressa

sua hora é essa

deixe de pressa

não há fé expressa

não [há]

não se expressa

(se desespera)

(se desconversa)

[they]

se recomeça

em verdadeira graça

própria grandeza

maior que as pernas

e maior que as quelíceras

de tarântulas mal- ben- des- ditas

que cobrem avenidas, cidades, vidas

recém-renascidas

afetadas

comprometidas

[elu-

[A'e]

se recomeça

além das manchas

dos borrões

e das palavras

em terras desprometidas

-lândias desmatadas

às vezes nos confins de megalópoles colonizadas

às vezes longe de ditaduras

[civilizadas

humanamente desgarradas

POEMA

BEATRIZ

O anjo perverso

Na sombra maldosa dos desejos,
vejo meu reflexo nefasto.
Catatônico.

Incerto,
deserto.

A brisa fresca me abraça,
pecadora.
infame.

Não há tempo para destino,
a terra molhada entre os dedos dos pés descalços cai sobre a madeira
antes que se possa suspirar.

O vento sussurra em meu torto ouvido
os ecos do abismo,
os segredos guardados espalhados,
semeados pelo caminho.

Não há verdade que deva ser desvendada.

Não se é possível estender os braços à aurora,
tão alto para que te puxe,
quando se é pecador.

DA AUTORIA



Nycolly Beatriz, ou Beatriz, como prefere ser chamada, nasceu no interior de Pernambuco, numa cidade pequena que pouca gente conhece. Acredita que sua mente, por vezes, expande tanto, que é melhor endireitar as coisas no papel.

Viúva

Há uma gratidão incerta

num sorriso tão cretino.

Saliva costuma curar as feridas,
mas ninguém pode mexer os ponteiros malditos do tempo.

no fluxo bagunçado de todas as desgraças,
a infecção é certa.
Flores não cheiram bem sobre a morte de ninguém.

Flor de camélia,
não se perdoa
o que não levam
as gotas de chuva.

BIA COSTA

DA AUTORIA

Seus olhos-corrigido

Busquei o brilho das estrelas
Procurei incessantemente
por pelo menos um resquício de bondade.
Esgotei-me na procura por um afago sincero
Um olhar
Apenas um olhar
Olhos negros e brilhantes sobre mim.
Deram-me asas e pude enfim alcançar o brilho mais sincero e profundo
Seus olhos



Bia Costa, 27 anos, nasceu em uma cidade ribeirinha do interior de Alagoas. ARMY e amante de romances de baixa qualidade, encontrou na escrita um refúgio para sua mente ansiosa e agitada.

A casa 20/07/24

Uma casa antiga, vazia - mas preenchida de móveis
A luz que atravessa a grande janela da Sala não é suficiente para iluminar o cômodo
No canto, uma cadeira de balanço que costumava estar sempre ocupada,
Nas escadas que ligam os quartos já não se ouve mais barulhos de passos
Os risos das crianças não existem mais
Até a linda roseira branca que poderia
ser observada da mesa de Jantar partiu
Murchou e definhou pouco a pouco. Todos foram embora e a casa, que
antes estava cheia, agora só é preenchida de móveis.

Ansiedade

Ela chegou
Tão devagar, quase não a percebi

Que mal-educada, dessa vez ela nem avisou
Fiquei tão preocupada
Que meu coração acelerou
Não vou te chamar pra tomar um café
Porque quando você está aqui o café fica ruim
Dá má digestão e minha mão fica trêmula
Mas você está aqui
Você é fiel, não me abandona
Está sempre comigo sorrateiramente
Eu achei que dessa vez era o fim
Mas você me mostrou o para sempre
Querida, eu não te quero aqui
Eu abro a porta e é para você sair
Vá embora, eu não quero mais ser sua amiga
Você me fez largar tudo, tirou tudo de mim
Não vou mais ser educada dessa vez
Vou enfiar minha mão na garganta
E arrancar você de dentro de mim

Sombrio Pesadelo

Eu olhei para ele de novo
O quarto está escuro mas
Consigo ver ele saindo da porta
Mais uma noite ele chegou devagar se rastejando e se sentou na ponta da cama
Ele não tem rosto
Minhas entranhas ficam congeladas quando ele chega
É o meu terrível e sombrio pesadelo sem rosto
Eu sinto ele se aproximando,
Acariciando meus pés

Deita confortável entre a parede e eu
Sinto o abraço gelado e minha respiração diminuindo
Meu terrível e sombrio amigo sem rosto
Você está vindo com mais frequência ultimamente.
Eu te espero sempre porque você é o único a não me deixar.
Venha, se aproxime aqui do meu lado
Quando você tá aqui eu não me sinto sozinha
O espaço é pequeno mas você cabe
Eu sei que cabe, mas por favor não me leve novamente com você.
A sua casa é fria e seu quarto me dá calafrios
Eu prefiro te encontrar aqui
Meu terrível e sombrio amigo sem rosto.
Tire essa máscara
E me mostre quem você é de verdade,
Mostre a sua monstruosa escuridão.
Me preencha com ela e assim não me sentirei vazia.

Borboleta 🦋

Não olhe nos meus olhos
Não chegue muito perto de mim
Estou perdida na minha própria escuridão
Meus olhos contém a cor do vazio
E você é Bela demais para o escuro
Flutue sobre mim pequena borboleta
Bata suas asas e voe para longe
Onde minha dor não lhe alcance
Borboleta, minha pequena borboleta
Você é Bela demais para o escuro
Atravesse o vale, eu só posso chegar até aqui

Bata suas asas e voe para longe
Eu estou perdida na minha própria escuridão
Vá! pequena borboleta.
A dor não mais lhe alcançará
Eu vou guardá-la aqui comigo até que me consuma por inteiro.

POEMA

BRENO FERREIRA

As palavras

Se puxar qualquer assunto com a intenção de passar horas conversando com quem a gente gosta por uma demonstração de amor, então, as palavras são ferramentas de amar.

DA AUTORIA



Breno Ferreira, Nuancista ou Aprendiz, tem as palavras como amigas guardiãs, a leitura como o maior de seus fascínios e a escrita como o antídoto do esquecimento. Nascido em São Joaquim do Monte, no dia 16 de março de 1996, e adotado por Caruaru no ano 2000 (ambas cidades pernambucanas), Breno serve ao Pai Eterno, ensina Língua Inglesa, se aventura na Pixel Art e se apaixona por diversas formas de arte, enquanto interage com seres de papéis fundamentais em sua jornada espiritual, terrena e literária.

CEZAR AMORIM

Olhos Castanhos

O último beijo teve gosto do primeiro,
Mas a profusão de lágrimas
Deixou-lhe mais amargo que o rotineiro.
Um beijo na chuva, uma lástima.
Vadeio por águas tempestuosas
Molhando o corpo por inteiro,
Enquanto arfas com hálito de rosas:
“Nada acaba mais rápido que um amor verdadeiro”

Volto agora para onde nunca parti
E na falta acentua-se a beleza,
Já que não sobrou tanto para ti.
A mim ficou a clara certeza
Da veracidade de pensamentos estranhos
Quando algo no peito se parte,
Que os teus olhos castanhos
Fazem mais sentido sob a luz escarlate

Agora frio está o quente leito,
Mas nunca traí Melancolia com Saudade.
Traio apenas princípios, não conceitos.
E por isso imputaram-me gênio de maldade,
Porém, é no sorriso cínico que me lanças
Que vejo escrito sob teus lábios palavras tais:
“Abandonai todas as esperanças,
Vós que aqui entraís”.

DA AUTORIA



Residente de Recife, Cezar escreve sobre os sentimentos comuns a um morador da capital. Possui 22 anos, formado em Letras Português-Inglês, sendo professor e revisor de textos. Escreve poemas e contos com temas que envolvem tristeza, melancolia, amor, fantasia e solidão.

Mas não vá embora com tanta pressa,
Só por hoje vou fingir ser feliz.
Beije-me e não faça mais promessas,
Quebrei todas que já fiz.
Agora tudo é dito em pretérito perfeito
E o silêncio preenche o ar.
Vou guardar para mim o que foi feito
E partirei para me encontrar.

Guerra Santa

(Amigas)

Ouçam, toda terra canta
Do oriente ao mar d'além
Mulheres na guerra santa
Cantam por Jerusalém

(Vassalo)

Guerreiros valorosos, vamos ao combate
Iremos ao ferido pelo santo rei
Ao fossado vou inda que a sina me mate
Contra os turcos infiéis não recuarei

Armaduras e brasões de armas no deserto
Marcham bravamente até a terra sagrada
Apenas com espada, cruz e o credo incerto
Que em destronar os serracenos Deus se agrada

(Amigas)

Ouçam, toda terra canta

Do oriente ao mar d'além
Mulheres na guerra santa
Cantam por Jerusalém

(Senhora)

Só há um Deus e Maomé é seu profeta
Repete todo fiel o dito divino
Temendo só Allah, não espadas e setas
Dos inimigos da fé e de Saladino

Sou a mais velida entre minhas amigas
Nos campos não existem jasmins como eu
Com meu olhar encanto sultões, calo intrigas
Homem que não se enfeitice nunca nasceu

(Amigas)

Ouçam, toda terra canta
Do oriente ao mar d'além
Mulheres na guerra santa
Cantam por Jerusalém

(Vassalo)

Com grande coita me aflige, minha senhora
A batalha que travo entre a hora e o dever
Pois meu coração quer possuí-la sem demora
E a alma sabe que a ela não devo mais ver

(Senhora)

Ai! Como dói não poder ter o meu amado
Não posso vê-lo pois nosso amor é haram

Nosso trágico destino foi decretado
Quando no jardim Eva provou da maçã

(Vassalo)

Exército celeste, ouvi minha trova
Declamada à mulher mais bela da Síria
Agora acho que Deus pôs meu amor à prova
Para saber se ao santo dever eu trairia

(Senhora)

Que na morte meu amado vá ao paraíso
E que no fim da vida eu o encontre lá
Mas se para um dia tê-lo, morrer for preciso
Por amor desço à sepultura, inshalá

(Amigas)

Ouçam, toda terra canta
Do oriente ao mar d'além
Mulheres na guerra santa
Cantam por Jerusalém

Espírito

Agora o vinho tem gosto amargo
Com sabor de passados não resolvidos
A garganta arde para mais um trago
E a fumaça leva o que poderia ter sido
Mas cada gole, cada cálice, cada instante
Atordoa os pensamentos cambaleantes
Dose após dose, então nada está tão mal

E o aroma lembra de velhos perfumes
Que ficaram para trás como de costume
Dose após dose, esta é uma cena tão normal

Mordendo levemente o pescoço
Tentando levar o copo até a boca
As palavras escorregam com esforço
“Não me diga que nunca foi chamada de louca”
A uva, o suor, o sabor, o gosto
O que resta é o cambalear torto
Um piscar de olhos pode ser fatal
E o calor que sobe pelos corpos
E o vinho que enche os copos
Num momento tão perene um olhar é tão mortal

Uma tristeza sem motivo que chega subitamente
Este vinho já não arde mais a garganta
E os goles já não mais anuviam a mente
Mas som da garrafa vazia nos encanta
Os lábios vermelhos doces como sangria
Ainda não vendem uma dose de alegria
Nem sei bem se alegria é mesmo real
Então bebo para enfim poder esquecer
O que a ressaca lembrará no amanhecer
A melancolia é uma amante leal

Cinza

Há algo dentro de mim, não sei o que
Como uma névoa cinza e disforme

No fundo do peito, não sei por que
Em sono inquieto aqui em mim dorme
Sem saber explicar bem o que eu sinto
Sendo algo mais que o nada, afinal
Corações bombeiam o sangue tinto
E até nisso, o meu coração faz mal

Se pudesse sentir nada, não algo
Não sentiria esse vazio profundo
Essa falta sono e de afago
Mi'alma está dissociada do mundo
E se vertesse em lágrimas meu drama
E se em ardor eu chorasse meu luto
Até que apagasse a última chama
Não amo nada, muito menos tudo

Meu espírito já quer ir embora
E não quero mais fingir ser quem sou
Estou exausto de esperar a hora
Em que a névoa sumirá com o sol

DANIELE MEIRELE

Meu Escape

Através das palavras,
busco o que chamam escape.
Perco-me em cada parágrafo,
tentando-me encontrar.
Cada verso,
cada linha,
buscando respirar
em cada falar.
Faço do caderno
meu companheiro,
e do lápis,
meu amigo.
Pois, no pouco que escrevo,
deixo um pedaço do meu tudo,
encontrando em quem lê
abrigo e refúgio.

DA AUTORIA



Sou pernambucana, professora graduada em Letras – Português (UNINASSAU – PE) e especialista em Literatura e Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa (UNOPAR – 2022). Mãe e apaixonada pelas palavras, faço da escrita uma forma de acolher e expressar emoções. A leitura e a poesia são minhas maiores fontes de inspiração, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Como educadora dedicada, busco transmitir essa paixão pela palavra e pela arte literária, incentivando o encantamento pela língua e pela literatura em cada aluno que passa por minha sala de aula. @meujardimdeletras

Encontros

A vida é feita de encontros
Alguns são belos
Outros nem tanto.

Há aqueles
Que acontecem sem esperar
Chegam sem avisar.

Existem os que ficam
E os que voam
Com o tempo.

Muitos encontros
São marcantes
Alguns
Deixam gosto de saudade.

Principalmente
Os que não acontecem
De verdade.

Último

Nunca saberemos
Quando será o último abraço
O último suspiro.

O último beijo doce
A última canção
Cantada juntos.

O último olho no olho
O cheiro sentindo
O prazer vivido.

O último pode ter sido ontem
Pode ser amanhã
Mas também, pode ser agora.

Palavras

Existem palavras
Que nunca serão faladas
Existem palavras
Que jamais serão imaginadas.

Palavras que foram jogadas ao vento
Palavras que não tiveram tempo
Para serem ditas
Ou até mesmo apreciadas.

Há aquelas
Que foram mal interpretadas
Ou as que da boca
Foram retiradas.

Palavras que nunca chegará
Ao destinatário desejado
E as palavras
Que do remetente não saíram nada...

A Felicidade no Agora

O desejo de ser feliz
vem sem avisar,
mas, por vezes,
é preciso planejar.
Algo que deveria
ser natural,
muitas vezes,

custa a solidão.
Não é só hoje,
amanhã talvez...
Ser feliz não é linear,
e dá trabalho pensar.
Parece até que demora,
mas, na verdade,
viver cada momento
é ser feliz **AGORA!**

POEMA

DAVI ASSUNÇÃO

devir-sensível

Vi um poema seu
parado entre
nosso bom e velho amor

nessa cena trágica de agora
muito ou pouco
nos reconhecemos
e por isso as tantas
frases com nomes de plantas
e caules

nossa sensibilidade vegetal
nem liga para a falta
de nomes próprios

sabemos lidar
com as idas
e vindas
crescendo por cima

não se incomode
se ao retornar
pareça mais visível
uma camada
por entre a pele de antes

é que estou em

DA AUTORIA



Davi Assunção, homem negro, soteropolitano, poeta e artista-pesquisador, professor de Capoeira e Literatura. Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS), licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Jorge Amado, Bahia. Autor dos livros: "Aparato de Artista - Iluminuras Indestináveis" (independente, 2019) e "Envelope-de-Artista" (editora Arroyo, 2021). Integra o grupo de pesquisa Clínica de Artista: escrita, arte e pensamento – UEFS, BA, e o Grupo de Capoeira Angola Mourão – GCAM.

contato próximo
com antigos gestos:

quando mover-se
e fazer mover
era nosso melhor recurso
em favor dos hospedeiros

aqueles que espalham
por aí
a nossa vida
nem imaginam o bem
que fazem ao abrir a boca

deixando cair um lastro
de nossas possibilidades.

Alguns combinados

Cheguei no horário marcado
E o dia estava lindo
Escolhi sair ao encontro
De uma força ascendente
Com vênus em aquário

Entre bons convívios
Eu começo a perceber que preciso esperar
Sentir o corpo querendo

Do futuro eu sei um pouco intuindo
Mas ela, inventiva
Dá seus toques inimagináveis
Com desvios alternativos
Enquanto direciono uma energia para o alvo
Ela questiona com desejos de
"Podemos ficar por aqui
e respirar um pouco mais"
Veja, é maravilhoso isso.

Aceito, é claro
Porque respirar é para um mamífero aquático de porte
Uma boa oportunidade para ir mais fundo

Ficamos
Exibindo um vermelho intenso
Da minha blusa do seu vestido
Eu desconfio de que nada tenha sido combinado
Estamos distraídos
Logo, coisas passam por nós
Com mais facilidade

Sáímos sem nenhuma pressa
No entanto
Atravessamos as ruas
Encontramos a casa
E tudo estava bem encaminhado

Será que ela sabia também disso
Seu sol igualmente intuitivo

Dá pistas de que reservamos juntos
Aquele lugar

Era um dia bom para saber
O que acontece quando o corpo
Quer ir e não quer deixar

Sáímos, portanto
Para os que ficaram.
Ficamos, portanto
Com os que estavam
Já do lado de fora
Aproveitando
A alegria que circula
E vive solta nos bares

Acompanhados estávamos
De uma entidade
Dizendo coisas
Do nosso presente
Não permitindo nos distanciarmos
Tanto do agora

O que essa presença queria
Era evidente
O corpo desejando
Isto seja, construindo
Outras combinações.

**O acaso apenas
como resposta**

Quero lidar com a mudança
Pondo-me em relação
Com uma outra coisa

Sentir o corpo vibrar nesse trânsito

Não há o que esquecer
Deixa-se escorrer
pelo corpo
Os efeitos de uma troca

Uma sensação impressa
Se pouco antiga, desliza
Diante de novos experimentos

Ficaremos bem, te juro
Já estou por cá
Fazendo mover uma alegria
Como essa em escrita

Veja, estávamos diante
De um só animal
E querendo o mesmo
Atentos demais aos seus gestos
Como se fosse nos entregar algo
Que não uma selvageria própria

Fomos matando o bicho
Por querer o nosso
Algo mais precioso
Ignorando a necessária condição
De termos cada um seu mundo
Seus signos
Suas imagens

Está ainda longe, mas ele se aproxima
Em algum momento seremos também devorados

Se estou decidindo sair desta cena
É porque aprendi que a fuga é um movimento solitário
Dramático apenas se quisermos que ela seja

Logo-logo você entenderá
Não se preocupe
Tudo ainda segue
Demandando uma atitude
No seu tempo.

um terreno do poema

um poema reage
ao mínimo desejo
pondo-se na frente
mantendo-se
instável na linha da palavra
ele salta

para um terreno qualquer
e chama por tudo que é vida
solta que o veja
e o queira.

o poema passa
nos cumprimentando
você há de concordar
basta uma mínima atenção
(e como pode ser generoso um poema)
de um outro qualquer, e ele ergue
o braço é apenas o seu jeito
de ir mais adiante
cria-se chão firme apalpando-o.

um poema se oferece
aos riscos de não saber
dizer tudo
e por isso ele quebra
vira uma esquina
um beco
quem quiser - vá, pegue!
e o conduza pela principal
e ele vai
fazendo valer o seu esforço

na primeira vez
que o poema não soube
o que fazer com a dor
ele foi alargando-se

de verbos no gerúndio
tendo sua vida
cada vez mais situada.
quanto mais cedo
o poema finda
mais ele vaga.
(e quantos poemas flutuantes
fantasmáticos)
veja bem, não é que queiram
assustar ninguém
só que, de tão leves
movem-se com qualquer sopro
caso veja algum desses
por aí, favor, acenar de volta.

EMANUEL VENÂNCIO

Devaneios que o vento (não) levou

Um dia, o sol irá me acordar
O brilho em que verás meus olhos
Serão esperanças que meu coração jamais quis deixar
Corpo sonolento determinado a amar.
Embora aqui jaz, o sofrimento ainda me perturba
E o contínuo desejo de te amar
Meu coração jamais deixou o vento levar
Vento este que sempre passa a correr e voltar
Que me faz ansiar pelo seu ficar.
A mente humana mente mais que palavras próprias
Sentidos pelos quais procura
Não existiremos
Não seremos o que pensei.
Me entristece saber:
Escrevo palavras sem sentido
Que condizem com meu amor por ti
Que sempre procuro esconder
Pois sei que jamais virá acontecer.
Tudo depende de mim
Embora você não se entregue
Nunca mudei por ti
Será este meu erro ou isto serve?

VIVER

Por então te escrevo. Penso em você
Sono. Sonho com teus fios de cabelo

DA AUTORIA



Emanuel Fagundes é estudante de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que atua como Designer Gráfico e também aspirante a escritor nas horas vagas. Seu estilo de escrita é baseado em pensamentos, sentimentos e vivências. Brincando com as palavras, seus textos costumam ter uma quebra de sentidos que no fim se encontram.

Me distraio. Teu rosto em mente
Vejo você; penso, penso, penso, penso
Te magoo, minha alma se esvai ao notar, me magoo
Sem escapatória, horas em silêncio
Te desejo. Expresso sem julgamentos
Você sente? Há potencialidade
quero viver com segurança
Me deixa viver em sua presença
Erramos, acertamos, podemos viver assim?
Tudo que há em meu ser, é teu
Se há dúvidas em teu ser, me norteie
No fim, queremos o sol, queremos a lua
Anseio por eclipse, ser um só
Podemos viver assim?

POEMA

ERICA COSTA

Pássaros voam livres

O que eu quero é ser casa
Para me chegar quando quiser
Me levar para qualquer lugar
Que eu possa pertencer

Luzes vazias, buzinas repentinas
Se isso me encantasse, estaria enganada
Mas daqui
Luzes em sintonia
Me guiam como farol

Eu não te digo o que eu sei
Porque minhas páginas estão embaralhadas
Me leve para um pouco mais perto do que já viveram
E eu não me esqueço desse momento

Se pássaros voam livres
Numa história que ainda há de vir
Eu poderia ser algo além de forasteira na própria terra
Tudo que sonhei está tão perto de mim
Talvez amanhã eu já saiba para onde ir

Mas hoje
Além de estar
Eu só quero ser.

DA AUTORIA



Cearense e graduanda em Letras Português e Francês (UFC), é uma grande apaixonada pela arte e suas diversas manifestações. A literatura entrou em sua vida através dos poemas quando ainda era criança e, desde então, fez morada permanente.

EMY SOARES

DA AUTORIA



O cálice Vinicular

Ele é um cavalheiro,
tão insólito quanto uma agulha no palheiro,
avilanado, vindo com flores ao invés de
espadas;
de língua afiada, ele escolhera as mais gentis.

"Apaixonada por poesia e sempre tendo muito a dizer, habito entre o real e o imaginado e sigo escrevendo porque a inquietude das palavras me obriga. Estudante de Ciências Sociais na UFAL"

Doce melancolia infeliz,
destruidor de disfarces e acalentador da minha cicatriz.
O cálice que dividimos corroera pela ferrugem,
na esperança de ser prata,
tornou dourados os meus últimos dias juvenis.

abstinência

Granizos chovem ao mar
como forma de protestar este desamparo.
Amargo o sabor daquilo que deveria despertar minha razão,
à espera do pôr do sol.
Colido com a solidão de uma ferida
aberta,
fechada à cura,
tomada por negação.

Este mundo azul agora é cinza,
navega-se em neblina,
em busca da prometida salvação.
Este amor é cálice
que nunca bebi,

mas dele morro de sede.

POEMA

Emy Soares

SEM TÍTULO

Discuti com o tempo,
o tempo com ele tentei.
Meus motivos disse a ele,
e que a ele devo,
mas que nada era suficiente.

Perguntei a ele
a duração do mundo e dos meus desgastes.
Perguntei se ele não tinha dor
em ver que dele, poucos o têm, muitos almejam,
e tantos querem que ele passe.
De certo, tenho muito a me queixar.

Perguntei ao tempo
o quanto ele duraria,
como neblina sobre a minha cabeça,
e eu pedi que me poupasse,
porque com ele faço o melhor que posso.

Perguntei ao tempo
se ele era amigo da mentira.
Perguntei ao tempo
se ele era o mesmo com todo mundo,
e se ele tivesse um pouco mais de si,
me doasse de si, um pouco mais.

Perguntei ao tempo
se às vezes ele está com pressa,

ou se ele está parado,
ou se ando devagar, pois estou no mesmo lugar.

Perguntei ao tempo
se os números estão inversos,
ou se estou contando errado.
Perguntei ao tempo
se destes meus três passos à frente,
valeria algo,
se dele, desses dois para trás.

Perguntei ao tempo
se dele ele deu o suficiente
para aqueles que amei,
porque em tão pouco tempo os perdi,
e por tão longo tempo não os terei.

POEMA

ERICK SILVA

AS VEZES MEUS FANTASMAS

às vezes meus fantasmas tomam conta do meu ser
trazendo para fora a parte mais sombria guardada dentro de mim

às vezes esses fantasmas parecem tão reais que me fazem senti-los tão
vivos aqui dentro

às vezes meus fantasmas me fazem vomitar para fora toda dor que vivi,
prolongando-a ao infinito

às vezes meus fantasmas da infância, da adolescência, da adultez e de
uma velhice que nunca vivi se juntam a me atormentar

às vezes meus fantasmas se confundem comigo
a ponto de não saber quando são eles que falam ou quando sou eu que
sinto

às vezes eles me dizem que para não doer eu preciso atacar, fugir ou
correr...

às vezes eu me pego pensando *“pobre dos meus fantasmas, não se
deixam abraçar pelo amor, ficam presos em um tempo que já passou”*

às vezes eu digo: *“pobre de mim que me prendo aos meus fantasmas”*

às vezes sou meu próprio fantasma.

DA AUTORIA



Alagoano-coruripense, contador de histórias, mestre em Psicologia (UFAL) e licenciando em Filosofia.

FABIANO OLIVEIRA

Discurso

Eu deveria me preparar para situações como essa
ter as mão cheias
de tinta chaves terra
talvez uma corda
bastante munição nos bolsos
me disseram
para usar em caso de emergência
caso a voz não venha.

Eu deveria ter me preparado
para aqui.

Enquanto isso não acontece
abro a boca respiro no meio salivo
uma coisa leva
a outra
que se prende a uma terceira
sou uma bicicleta descendo o morro
o freio muito gasto
a borracha inutilizável
o chão sempre novo sob as rodas
e assim há movimento.

Pode ser que dessa maneira
nunca fique vazio aqui.

Onde é aqui?

DA AUTORIA



Fabiano Oliveira (1991) nasceu em Nova Iguaçu e mora no Rio de Janeiro, onde trabalha como jornalista. É mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS - Uerj. Atualmente cursa doutorado no mesmo programa. Publicou o livro Impressões da beirada (M.inimalismos). Alguns poemas do livro saíram na revista Ruído Manifesto.

eu falo
aqui = a
mas quando você
diz aqui = a
automaticamente (aqui = a) se torna (= b).
É um tipo de lugar estranho.

Aqui é um discurso.
Você discorda
não é um local se não dá para morar.
Mas você não percebe que já está nele? eu aponto.
Só que esse discurso vai sumir
e te levar embora junto.

As pessoas me dizem muitas coisas
para não ter medo de que a minha voz seja um fio
no qual você ocasionalmente segura
e vem
vem
chegando perto daqui
formando uma linha cujo nome aprendi e esqueci nas aulas de
matemática
mas que se aproximava de um ponto
sem nunca alcançá-lo.
Esse seria um aqui possível
portanto solitário.

Talvez eu quisesse ouvir a voz
do narrador daquele conto do David Foster Wallace
sobre um menino que faz aniversário

e toma uma decisão da qual se arrepende
lentamente
vai percebendo como tem medo
do imparável.

Talvez a vida seja uma fila
de piscina de supermercado de banco
mas ninguém vai te empurrar
seria até bom
uma mão amiga
uma ação voluntária terceirizada
mas os outros no máximo desviam.

Queria que aquele narrador
me dissesse o que fazer
brigasse comigo com sua dicção poética
que estivesse aqui.
Alguém consegue estar aqui de verdade?

Se eu escrever as exatas palavras do David Foster Wallace
Happy birthday. It is a big day...
quem está aqui?

Quando aquela voz diz aqui
ou here
sinto que ela e o menino compartilham o mesmo espaço impenetrável
tenho inveja.

Eu definitivamente queria que o narrador
as letras dispostas por David Foster Wallace

aquela voz
falasse comigo.

Aqui eu posso:
Feliz aniversário. É um dia importante...

FABIO BIONDO

Double Dragon (Apologia à irmã)

Nem eu, nem ela
Medida errada, Ingrediente trocado
Garranchos indecifráveis
Certo ou errado
Copiava dela

Aprendia de tudo:
Dedo podre, inconveniência
Cotovelada, escarro
Tosse forçada
Palavrão com giz na calçada

Proud and Loud
Orgulhosos e barulhentos
Desgrenhada e ranhento
Filhos de farofa com vento

Escarrados e cuspidos
Pau pra toda obra
Unidos
Enquanto um burro fala
O outro dá o coice
Tipo Dragão Duplo

Jogo de dois players
Onde dois irmãos
Quebram de porrada
TODO MUNDO

DA AUTORIA



Autor e artista multidisciplinar brasileiro que observa com olhar atencioso as pessoas e o mundo ao seu redor.

Poema sobre a dengue

Compartilhar as sementes

Ovo de mosca

Fase larval, Pupa

Blastocisto, Feto

Pai do Espanto

Filho do Desleixo

Adjetivo pejorativo

Colcha de palavras

Furada, jogada no lixo

Como lata velha

Com água parada

Cheia, relapsa

Quintal sujo

Parideiro, aos montes

Criadouro de Dengue

Poema para o Bolinho de Carne

Bolinho de carne

Massudo de pão

Com tomate dentro

Do Terminal

Do Campo Comprido

Se vendem sozinhos

Ou com copos de suco

Na antepenúltima parada

Faltam só mais dois pontos
E vírgula

Antes de chegar em casa
Me preparo para o melhor
Mas se vier o pior

Vou encarar satisfeito
E ponto final

Estreia

Se eu escorregar
E bater a cabeça na pia
Gostaria de saber
Da equipe do SAMU
Se as pinturas na minha parede
Pareciam obras de galeria

Poema para o incenso

Sândalos
e cravos triturados
Misturados ao carvão
Colados com seiva seca
Manufaturada em goma

Feito de cinzas
De lembrança

De tudo que morre

Evoca o cheiro antigo

Ao queimar de novo Quadro poemas sobre a docência

FÁBIO DOS SANTOS

DA AUTORIA



Nau-frágil

Ainda junto papéis antigos:
pedaços de quem sou,
pedaços de quem fui,
pedaços de quem nunca serei - pedaços.

Encontro razões perdidas,
paixões remexidas
pelo tempo e o Adeus.
Ah, Deus, se eu soubesse juntar
os pedaços de mim,
não seria este
nau-frágil que sou eu.
Náufrago é o mar que se afunda em mim.

Remo a favor das correntes
que se soltam, que se soltem, sou livre.
E o vento balança meu barco,
e o barco balança-me ao vento.

Encontro-me agora perdido
Na razão do - por que causa não tenho?
Nada tenho, nada sei, nada sou.
Tudo sou.
Sou nau-frágil.
Náufrago é o mar

Fábio dos Santos, nascido em Teodoro Sampaio, no Recôncavo Baiano, residente da capital Salvador desde os 18 anos. Professor de Língua Inglesa, formado pela Universidade do Estado da Bahia, reconheço-me poeta desde a infância, quando encontrei nos versos a minha arte e a minha forma de expressar o mundo numa perspectiva romântica, utópica e transformadora.

Poço

Eu só quero um amor quieto,
Como água de poço intocado por baldes.
Quero beijos que se enquadrem.
Eu quero lábios com duas metades.

Consolação, constipação, páginas recheadas de conspiração.
Há tanto por toda parte, mas pouca arte toca meu coração.
Atenção: há tensão, tesão, fusão, respiração
Acelerada, como vento que se propaga quando não há nada
Na estrada só há excesso de buzinação e pressa.
Ninguém se importa que hora é essa.
Ninguém abre porta, e a hora é essa.

Me engessam seus passos calculados,
Seus sonhos naufragados,
Seus desejos imaculados.
Confirmação!
Eu só quero confirmação,
E que haja exclamação,
Mas, por favor, sem três pontos
com meu coração.

Complexos inferiores,
Trapaças ulteriores,
Feridas sem dores.

O que eu quero é um amor silente,
um abraço paciente, um apego sem corrente.

Há presente?
Apresente suas queixas.
Não quebre os galhos, os remexa.
Se me deixa, quero ser hoje o co(r)po transbordado,
Quero ser o porre mal tomado,
Pois só sou poço, e quero um balde.

Píncaro

O píncaro da vida é a partida.
Tão árdua, tão absurda,
e tão irremediavelmente acelerada.
Jazes por entre campos adornada, oh, bela.
Que é vã e vai-se, sem de homem ter dor.

Aquele é que a tem:
Coisa sempre presente,
ascendente com a pedra do anel
no dedo de Apolo.
Do seu colo, caem lua e estrelas,
que há muito passaram,
como esse tempo de hoje,
que é coisa que se figura já transfigurada,
esmagada por borboletas,
que toneladas pesam no sono
até daquele que nunca dorme.

Anda caudaloso o Bispo,
sobrepujado de soberba,
como serpente que a criação enganou,

não se atendo ao inevitável ato de sua punição,
alheio ao fato de que tudo que julga ser sua verdade
são insanidades da sua própria arrogância vital-fatal.

Não dorme o Pastor,
atabaroa-se o Sumo Sacerdote.
Ansiosos pela e temerosos daquele que
em tempo a muitos inoportuno virá.
Despede-se o pai,
desagarra-se a mãe,
e todas são desfeitas as coisas
em que se esgotam fortunas em imóvel mobiliário.

Portanto, beija hoje teu homem,
ama essa noite tua mulher,
despe-te de toda inquietação de mentes,
e vive de forma insana a tua mais doida sanidade.

Embebeda tuas feridas em alegrias agora.
Porque não sabes,
não, não sabes.
Se no dia que finda o hoje,
te encontrarás, felicidade.

Sonhos lúcidos

Plantei no jardim da minha mente ideias sobre você.
Mas gente nem sempre colhe o que a gente planta.
A gente nem sempre escolhe a música que dança.

Quando criança, visitei Monte, andei Calcanhotto,
E fui até ao Jorge ver silos,
mas tudo que vi se misturou
a ideias concebidas
em sonhos tão lúcidos,
e por isso mesmo, por serem sonhos,
ainda que lúcidos,
se mostraram irrealizáveis.

Fugi ao Montenegro em busca de refúgio.
Rezei para o Jota me responder uma QUESTÃO.
Mas tudo que ouvi foi uma indagação,
como se provoca na letra de uma canção:
"Afinal, será que amar é mesmo tudo?" - que absurdo
desdenhar de coisa tão imateriavelmente visível,
e opondo-se a isso, é invisível e quem sabe até realizável.

Fundi metáforas,
confundi hiperbólicos pensamentos,
ideias que plantei e que não vão crescendo.
Quem sabe Deus se um dia brotarão - confusão
é mesmo pensar que colhemos o que plantamos.

Arrancam os homens seus galhos
quando pegam atalhos nos caminhos que fiz,
mas que nunca trilharei,
e ainda que trilhe, mesmo tendo eu
sonhado com eles tão lucidamente quando jazia quase acordado,
quem me dirá se encontrarei os destinos ali imaginados?

Terei seus pés ao meu lado,

seu rosto calado e marcado pelo sol,
e pelos anos que poderíamos ter vivido juntos,
como adjuntos adverbiais,
como desinências verbais?

Aprende hoje, e vive um tanto mais:
que não importa aonde vais,
se na tua mente não encontras paz,
em nenhum outro canto tu a terás.

Porque a gente nem sempre colhe o que a gente planta.
A gente nem sempre compõe a música que dança - criança
sai dessa mata que cheira a estrume,
e te arrisca por onde o trânsito te sufoca,
e as buzinas cantam cantigas de horror.
Talvez até como o próprio Senhor, o céu silenciou
para não nos escutar e ser tomado por grande furor.
Porque a gente nem sempre colhe o que a gente planta.
A gente nem sempre compõe a música que dança.
Aprende hoje, ou então não aprende nunca mais:
Se na tua mente não encontras paz,
em nenhum outro canto tu a terás.

FABRIELE DE FÁTIMA

Uma relação estreita entre amor e fé

cuidar para que,
nos momentos de sede,
a moringa que guarda a fé esteja sempre cheia de afeto

beber do amor. sentir a boca umedecer.
matar a sede.
e em seguida,
abastecer a moringa -
nutrir a fé.

e talvez seja este, o amor, uma forma genuína e aventureira de fé.

Conselho

Pedi a Oxossi amor em fartura

Despretensioso, ouvindo de canto, Exu orientou:
Filha, primeiro peça a Oxum que lhe livre do medo do amor.

SEM TÍTULO

sinto saudades de algo que sentia nos dias com ela.
nunca percebi que sentia
até que hoje,
minhas mãos acordaram com saudades de pentear seus cabelos

das peças que uma segunda perto do fim do ano nos prega

hoje,
te revisito em memória
para o alívio que não veio na hora certa:
em mim, marcou.

DA AUTORIA



Fabriele de Fátima (25) é natural do interior do Rio de Janeiro, e dentre muitas coisas é assistente social e arteira. Devota das possibilidades da arte e da Educação, acredita na criação como caminho para expressão, conexão e transformação. Vive de artices-artesanatos-invenções-de-moda, experimentando diferentes formas de linguagem, entre elas, a escrita.

GABRIEL ARRUDA

DA AUTORIA



Gabriel de Arruda é um jornalista e escritor paulistano, autor dos livros *Inverno Social* e *Contos Bizarros*. Sua paixão pelo teatro e pelas artes se reflete em sua habilidade de contar histórias de forma impactante e única.

Raízes da Resistência...

No coração das matas,
onde os rios serpenteiam, veias do Brasil,
Corre, livre, a água da vida,
Que brota da terra, viajando,
Até o coração do país.
Nos tesouros perdidos, em que um povo se resgata,
Os caboclos bradam.
Nas lendas da Amazônia e nas senzalas,
Ecoa, forte, o grito ancestral de resistência.

Mistérios antigos, escondidos no seio das florestas,
Gente que fala com as árvores,
Que entende o canto dos ventos e a língua dos animais,
Conhece os caminhos das águas, do céu e da terra,
Esta, nossa pele sagrada,
Resistente ao esquecimento, jamais se renderá,
Nem será dobrada pelo medo.

Esta é a terra da Ararajuba,
Das belezas do Rio de Janeiro,
Mas também da Revolta dos Alfaiates,
Onde o sangue da resistência ainda ferve nas ruas.
E nos cantos africanos, me abrigo,
Na força dos ancestrais que nunca nos deixaram.

Reencontrando a terra que nos gerou,
Erguemo-nos, firmes e imbatíveis,

Com coragem inabalável, raízes que nos sustentam,
Lutamos para assegurar o direito de viver,
E proteger o amanhã,
Na força da mata, nas folhas da Jurema,
Os povos que aqui estavam e os que chegaram,
Ainda resistem,
Guardados pelas forças ancestrais.

A liberdade, a ferro, foi conquistada,
Na carne e nas marcas de um povo heroico,
Que jamais deixou de crer
No axé, na luta,
Na força que brota de sua terra.
Não mais seremos subjugados,
Não seremos apagados nem silenciados,
Porque a nossa voz ecoa,
Mais forte que os grilhões
Que um dia tentaram nos calar.

Ainda lutamos,
Com a clava forte,
A terra é nossa,
E jamais será tomada.

SEM TÍTULO

Na calçada onde o concreto se racha,
Sob passos apressados, vejo figuras:
Mendigos, esses monumentos esculpidos pela dor e pelo abandono,

Partes da paisagem, sombras de aversas.
Estátuas esquecidas em praças que ignoramos,
Com rostos e histórias, mas nós, indiferentes,
Passamos como se o tempo não os reclamasse,
Mergulhando na rotina, nas horas lentas.

Hoje me interrogo: o que é ser visível?
A roupa que visto, o bem que acumulo,
É só camuflagem, armadura que me isola.
Sob essa fachada, frágil e cativa,
Sinto a tênue linha entre ser e não ser. Vida miserável...
Eu, que me nomeio alguém, sou apenas um rosto entre muitas máscaras,
Um nome sem significado na memória do mundo.
Se eu me apagasse, quantos chorariam a ausência?
A vida seguiria, indiferente às minhas lutas.

Um mendigo cai, e a rua devora o corpo,
Com a mesma indiferença que o ignorou em vida.
Passam as gentes, a calçada permanece,
E a vida avança, sem pausas, sem lamentos.
A invisibilidade é pena pesada;
E eu, tão próximo desse triste destino,
Percebo que o meu endereço é só um nome,
Uma casa, talvez, mas não um lar.
Fernando disse sabiamente: “Hoje não há mendigo que eu não inveje,
Só por não ser eu.” Na imensidão cidadina,
Todos somos mendigos, de afeto, de memória, de um sentido,
Buscando ser vistos, mesmo que por um breve instante,
Nessa profunda solidão que é viver.

SEM TÍTULO

Eu tenho o péssimo hábito
de amar tudo aquilo
que me escapa à mão.
Talvez o amor, em essência,
seja um desejo inatingível,
perseguindo incansavelmente
o próprio rabo, como um cão à roda.
Carrego em minha pequenez
a cruel ironia
dos sonhos que, alçados,
se erguem como montanhas firmes,
e que, num instante breve,
se desmoronam em montes de areia.

Soterrado pela rotina,
pela futilidade do dia-a-dia,
sinto o peso da realidade
que escorre entre meus dedos
como areia numa ampulheta.

Talvez esperar que o mundo
se despenhe em barranco,
e morrer deitado à sombra
não seja de toda a má ideia.

Marginal...

Às margens profundas do meu ser, vagueio como um rio agitado sem leito.
As palavras, como pesadas pedras, afundam no abissal silêncio
impenetrável.

As pobres almas que toquei, como folhas secas outonais, desprendem-se
e voam para longe. Desaparecem na bruma do cruel tempo.

Ó rio, sem rumo, sem destino, és espelho da minha própria existência.

Rio sou. E fluí.

Leva-me para além.

Que eu seja a folha seca que flutua em tuas correntezas, que se despede, e
que o tempo, implacável, me leve para a outra margem.

O Banquete dos Vermes...

E de toda a vida que me resta, dos dias em que fui o que não escolhi ser,
em que a liberdade se me impôs como uma condenação, percebo agora,
no fim de tudo, que não vivi. Fui, apenas fui – e o ser que fui não foi senão
um vagabundo, como um trapo sujo em que o mendigo dorme. O que me
resta, afinal, senão um nome e um sobrenome na certidão de nascimento,
e uma data e uma hora no obituário? Talvez a cova rasa seja mais profunda
do que a minha miserável vida, que agora, afortunadamente, encontra seu
único propósito: ser adubo. A terra, fria e indiferente, me receberá
calorosamente como alimento para os vermes, que se banquetearão de
minha carne, sem julgar o que sou, o que fui. E os vermes, esses mesmos
que consomem minha decadência, não saberão, porque nada sabem, da
angústia de ser.

SEM TÍTULO

Sem dúvida, garanto-vos que saber demais
É como tapar os ouvidos, e não saber nada.
Se eu adoecesse, reconheceria isso:
Quem realmente deseja entender também escolhe sofrer.

O que sei sobre os conceitos e as ideias?
De que vale o conhecimento que nasce do fenômeno,
E de que serve a intuição sensível
Em relação ao conceito do intelecto?

É uma razão incondicionada das coisas,
Mas que razão há nos animais e nos homens (que também são animais)?
Não podemos conhecer ou experimentar o mundo todo,
Mas ele é real e existe, como uma totalidade metafísica.
Entre todos os filósofos, creio que tudo isso é falso,
E há razão suficiente no não saber.

POEMA

GISELE NASCIMENTO

sinestesia

O ruído interior
[O meu ruído
De vísceras e vida
Que não passa].
Hilda Hilst

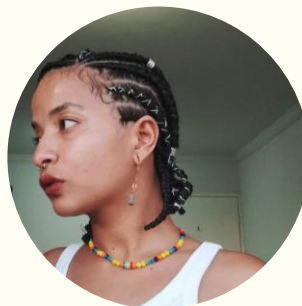
céu vermelho
sobre o tapete de asfalto
pneus rangem os dentes
enquanto motoristas maldizem
o dissolver do dia
embolotado de carros

meu corpo
se funde aos rumores
da cidade.

céu vermelho arroxeadado
misturando-se ao mar
e à areia da praia
enquanto
abraço seus cabelos-nuvem
e ouço
sua pele marrom me falar
cantigas de querer

meu corpo
se transforma em somido
da cidade.

DA AUTORIA



Alagoana e estudante de Letras - Português. Casada com a Análise do Discurso, apaixonada pela Semântica, mas alimentando um eterno caso com a Literatura.

GLÓRIA ELLEN

DA AUTORIA



Vagalume

Na densa negrura prostrado
A íris encharcada de dor
Recordo-me do velho ditado:
Duraria só até aquela noite
Ergui-me contemplando adiante
Prestes a contemplar a salvação
Singelos raios de luz radiantes
Ainda nublados em meio a escuridão
Porém, que inesperado desfecho!
A esperança não bastasse pequena
Vinha provida de um par de asas
E compreendi finalmente
Que minha noite ainda não acabara
E logo o vagalume voara
Para bem longe dali...

Glória Ellen é graduanda em letras português pela universidade federal de Alagoas e é apaixonada por escrita e leitura, aos seis anos de idade já gostava de ler livros, tanto em casa como na biblioteca da escola e também escrevia alguns textos fantasiosos. Seja para exprimir sentimentos ou simplesmente para brincar com as palavras, a poesia é seu pedaço de mundo particular.

Lua nova

A noite como um manto negro
Envolvendo o céu
A lua despontando como uma espada
O marulhar das águas, o envolver das ondas
A maré está baixa
É tempo de Lua Nova

POEMA

HUMBERTO PIO

Cep Menineiro

a mãe já não sabe o endereço primeiro
de divisa em divisa chegamos a riachuelo
quatro aniversários e o nascimento da irmã
as chaves daquelas casas o velho álbum mofado
na capa menino loiro de pijama encoxa um burrico
o escudo e a espada deitados em chão impressionista
no miolo envelopes de fotografias preto e branco 18x24
memória careca três meses sofá courvin fronha petit-pois
macaquinho sapatinho crochê encosto braço costura camisola
cambraia bordado colcha chenille berço balaio chupeta corrente
mosquiteiro filó cetim renda fita guirlanda balanço babado espelho
tábua parquet rodapé cordão ladrilho cimento tijolo cal pedra chapisco

no inventário das cinzas
rosas — bugue coelho penico
laranjas — cama flor guarda-roupa
encarnados — cacharrel vela velocípede
o álbum — azul celeste

DA AUTORIA



Humberto Pio nasceu no ano de 1972 em Mantena, foi criado em Mococa e em 1992 migrou para São Paulo. Poeta, arquiteto, designer e professor. Autor dos livros de poesia Provisório (Ofícios Terrestres Edições, 2023), Leocádia (Papel do Mato Oficina Tipográfica, 2023), OFIC I ÓCIO (Editora Primata, 2023), Talagarça (Editora Reformatório, 2021) e Coágulo (Editora Reformatório, 2019) – vencedor do Prêmio Maraã de Poesia 2018.

IVANISE DE SOUSA

As rosas do deserto e as lições para a vida!

O que eu aprendi cultivando Rosas do Deserto:

Que precisamos ser resistentes às adversidades do tempo e da nossa história;

Que somente devemos exibir a beleza das "nossas flores" a quem verdadeiramente nos admira e nos quer bem;

Que "hibernar" é importante quando sentimos que precisamos dar um tempo para nos fortalecer;

Que as "podas" são necessárias para eliminarmos eventuais "pragas" e voltarmos a crescer ainda mais deslumbrantes;

Que os "adubos" são indispensáveis para a energia das nossas vidas;

Que as "regas" devem ser na medida certa, pois tudo que é demais... estraga;

Que a drenagem do solo é essencial para não acumularmos o que pode nos fazer apodrecer;

Que não é em qualquer terra que nos desenvolvemos, o solo precisa realmente merecer a nossa base;

Que as nossas raízes são ilimitadas e que vaso nenhum vai delimitar o nosso crescimento;

Que de tempos em tempos precisamos elevar a nossa base "caudex" escondida pela terra, para percebermos o quão somos grandes;

Que podemos ter os nossos mais diversos tipos de flores e cores na alma;

Que as nossas folhas podem até cair, mas tantas outras nascerão ainda mais verdes, aveludadas e brilhosas;

Que não devemos ficar próximos de plantas doentes que possam nos contaminar e nos adoecer também.

Que tudo isso é a maior prova de amor-próprio que as Rosas do Deserto têm!

Lute como uma Rosa do Deserto!

A vida se torna ainda mais incrível quando nos inspiramos nas Rosas do Deserto!

DA AUTORIA



Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Doutora e Mestra em Educação. Professora do curso de Graduação em Enfermagem da UFAL em regime de Dedicação Exclusiva. Atua na Escola de Enfermagem (EENF/UFAL). Tem experiência na área de Enfermagem e Educação, com ênfase na Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: Pessoa com Deficiência, Transtorno do Espectro Autista, Síndrome de Down, Saúde Mental, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na Educação, na Promoção da Saúde e na Habilitação Psicossocial. Fundadora e Diretora Geral do Núcleo de Enfermagem à Pessoa com Deficiência e sua Família (NEDEF/UFAL), que promove atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas às pessoas com Transtorno do Espectro Autista ou outras Deficiências e aos Familiares e Profissionais, de forma a contribuir para o cuidado, atenção, apoio e participação social nos diferentes contextos educativos e de saúde. Atualmente é Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF/UFAL).

JESUS DAVI

Sol, quem é você?

A flor cresceu, por conta do sol.
Mas, se o sol não existisse?
Quem ajudaria ela a germinar, crescer
Brotar e florir?

Pois cada grão tem seu valor.
Cada vida é única. Por isso,
Umas morrem, outras crescem e
Outras só existem.

Mas, e você? E você?
Qual flor faz de ti uma vida boa?
Procuras o teu sol para florir,
Procuras a terra fértil para germinar,
Pois terra fértil sem sol
não dá bom fruto.

Por isso, toda flor, além de água,
terra e grão, precisa de sol.
E onde está o teu, minha flor?

A voz do outro em movimento

Não sei o que era.
Talvez estivesse parado demais.
Ou talvez não quisesse mais

DA AUTORIA



Jesus D. F. Ferreira, 22 anos, natural do sertão de Alagoas, mora em Maceió há quase 3 anos. É estudante de Letras - Português pela (FALE/UFAL), e sua pesquisa envolve a valorização da herança Afro-brasileira na Literatura de Língua Portuguesa. É fã da literatura por apreciar como a vida é drasticamente bela, e essas são suas primeiras obras publicadas, inspiradas pelo mundo da performance artística, envolvendo identidade e representação subjetiva.

Nenhum movimento.
Talvez quisesse apenas
Ficar no meu canto.

Enquanto isso, o outro
Estava sempre em movimento
E eu, parado aqui,
Em frente ao espelho, tentando
Entender o que via, o que sentia
E o que movimentava dentro de mim.

Caos. Confusão. Desordem. Paz.
Amor. Saudade. Reconhecimento.
Uma mistura de sentimentos e sentidos
Que me deixava estagnado na estrada
Da vida.

Mas isso tudo acontecia
Quando estava ali, em frente ao espelho,
Parado, sem saber quem eu via.
E talvez o outro fosse eu, dividido
Entre ficar e seguir,
Entre o medo de ir partir e
A vontade de deixar ir.

1 de abril de 1964

Hoje, o céu dentro de mim nasceu nublado.
Meus ombros carregam tempestades,
meus olhos se esforçam a ficarem abertos,
e minhas pernas cansaram de andar.

Mas, está tudo bem.
Porque haverá dias
em que estarei fraco demais
para carregar meu próprio coração
e tudo que há nele.

Do mesmo modo,
haverá dias em que a luz dentro de mim
estará um pouco mais forte,
e haverá dias
em que não terei brilho algum.

Em todos os detalhes em alguém,
os olhos são os meus preferidos,
pois, através deles,
conhecemos tantos segredos
e sentidos não expressos,
tantas palavras não ditas.

O olhar não mente,
porque conseguimos enxergar
a felicidade genuína
e também a dor do adeus
quando tudo chega ao fim.

Posso não expressar em palavras
a dor de me perder,
mas os meus olhos vão gritar
o silêncio
de tudo que não pude dizer.

JOÃO, O CANSADO

Carta à Amiga

Fiz um trato com os céus,
com os seus nimbos e tantos cúmulos,
Para que levem meus acúmulos
de pensamento como forma de pagamento,
– Não valem muito, mas são muitos,
que devem se pagar –

Para que te enviem um pé de vento, ou dois,
a soprares nos teus ouvidos e nos teus pés,
Para te falarem o quão amados são
os teus dois olhos brilhantes e inquiridores,
E te guiarem para onde você possa, se quiser,
ser voz e um sorriso de luz irradiante,

E onde abraços te querem bem,
para muito além do que se goza num instante:
Te querem pensamento, conversa, riso, choro,
música, verso ou prosa,
Te sentem falta e te sintonizam em casa,
tão distante de seus alcances.

Não sei se os céus querem barganhar,
não sei se os ventos foram te avisar,
Só sei que os abraços te esperam calados,
ante o vento gelado do fim da tarde,
Com o sentimento cheio de falta,
mas aquecido pela saudade.

DA AUTORIA

Um poeta pós-pandêmico, com seu supremíssimo, íssimo, íssimo, cansaço. Forçado a me encontrar comigo mesmo no isolamento possível, alcancei o que eu jurava ser impossível: expressar, em poesia, aquilo que sempre esteve entalado em minha garganta. Atualmente sou graduando na Faculdade de Letras - Português, na Universidade Federal de Alagoas. Instagram: @um.cansado

Anseio Pela Queda/Entrega

Garras de desejo me dilaceram, me estrangulam a garganta:

Desejo por romper com as correntes embriagantes do porvir,
Desejo por ti, que me consome em meias palavras, petisco no teu pires de vaidades;

Desejo por me arrebentar de cara, com toda inevitabilidade
De um mergulho alto às consequências, às possibilidades infames,
E reais, e ilusórias, das tolices de se ansiar vida,

Das que me atirem ao ar como se eu nunca fosse pousar,
Das que me espatifem no concreto, de terem me alçado ao imponderável,
Das que me lembrem das delícias de ser ordinário
– em quaisquer dos sentidos do termo –
E me acordem do torpor, pelo prazer e pela dor, de ser eu mesmo.

Ode à Fantasia

Mil vivas à fantasia! Ela que me colore a alma, que suportáveis me torna os dias!

Pois que para mim a realidade, quase sempre tão crua e fria,
Em suas cruéis conformidades e em suas buscas tão vazias,
Me parece qual colcha de retalhos das sensações que se experiencia,
Remendada por sentimento e vontade, por arquétipos e pela utopia...

Destes eu tomo as melhores partes, das que aguçam o sonho e a poesia,
E as coloro com toda a vivacidade das cores de encanto e de euforia,
E logo as teço em meu imaginário qual peça vibrante de fina tapeçaria,
Da mais rica de cor e imagens, de luz e de sombra, espanto e feitiçaria,

Narrando os contos das mais longas viagens, dos grandes confrontos, do terror que arrepiava
De horrores antigos de se deixar abismado, e dos abismos mais ricos de tesouro e magia,
Da espada brilhante e do seu aço encantado, e do canto sublime da formosa sereia,
A cumprir do real o potencial inato, que para além do ideal, jamais se realizaria...

Vício de Linguagem

Não há fatos no desejo, se não cacófatos:
Cacofonias de todos os quereres desencontrados,
Encontros fortuitos a se encerrarem entre sons obscenos,
Encaixes rudes entre os finais e (re)começos,
Vícios de linguagem. E por línguas.

– Viela nua por onde passo,
Uma alma amada se revelou,
Na boca dela havia um alho,
Que perguntei: “Quem se havia dado
A socar alhos no meu amor?”

JULIA BONFIM

sob o sol (nu calor)

eu, carente; o fim do Dia sobre mim penumbra
renego o maior desejo que tem a Noite: ter-me
o Sol surge brandamente e sobrepõe a sombra
tão ciumento doutro toque em minha derme...

ele encosta em meu rosto a sua língua quente
transpiro; meus poros liquefazem a excitação
trato com fúria as minhas vestes, impaciente
uma vez que tão abrasiva é tal aproximação

atrevido, ele deseja ver mais da minha nudez,
que heliocêntrico! ele me cega diante da sua
sexo sem reciprocidade é uma insensatez mas
passiva à sua vontade, eu logo me ponho nua

ele regurgita o seu brilho, espalha-se em mim
(não sei se me queima mais do que me ilumina)
quimicamente, transforma em ébano o marfim

Estrela dourada, sou tua mulher, sou tua menina!
grito aos céus, quando o Sol ameaça me aquecer
é claro como sua luz: clamo porque sou libertina

entrego-me inteira, exposta ao Astro e o seu poder
dilatando-se em meu interior, ele ama com fervor
sujeita estou a morrer de calor, e do calor renascer

DA AUTORIA



Natural de Maceió-AL, reside há quatro anos na cidade de Arapiraca, onde está concluindo a licenciatura em Letras – Português. Flerta com os estudos literários de tal modo que é pesquisadora em Literatura pelo PIBIC. Atualmente, leciona Língua Portuguesa em três escolas da rede de ensino privada, aproveitando brechas na rotina para agarrar suas letras e lentes aos instantes de poesia na prosa do dia a dia.

KAI VIEIRA

Silêncio

Eu fui à igreja nesse domingo. Não sou uma mulher de fé, mas, às vezes, quando a minha mente bate à porta fazendo tudo que eu sou gritar, percebo que preciso, que necessito do Salvador.

Jesus está ali, pregado na cruz. Pobre homem que sofreu nas mãos da sociedade. A mesma sociedade que ainda existe e que me assusta. Às vezes, gosto de me enxergar nele — e, por um instante, me sinto um pouco ele, um homem condenado.

Mas eu não sou ele. Não sou santa nem mártir, não vim ao mundo para salvar ninguém. Só carrego o peso dos dias, a culpa que não sei de onde vem, o medo de não ser suficiente. Ainda assim, de pé diante dele, vejo que somos feitos da mesma matéria: carne que dói, palavras que não bastam, olhos que procuram um lugar para descansar.

Saio da igreja sem redenção, mas com um pouco mais de silêncio dentro de mim. Talvez seja isso que eu tenha vindo buscar. Talvez seja isso que eu precise continuar buscando.

Lua

A lua olha pra mim e chora.
Chora e vem até mim,
Dizendo que sou eu e fim.
Nem Deus,
Nem diabo.
Humano.
Por isso peca.
Sagrado e profano em uma só pele,
Inteiro, mas metade de algo.
Metade culpa, metade instinto.

DA AUTORIA

Kai Vieira é estudante de Letras na Ufal – Campus Arapiraca-SEDE, escritor e aspirante a muitas coisas. Sua escrita mergulha na dor humana e dá voz a quem é silenciado, buscando conexões genuínas e emoções cruas. Apaixonado por literatura, cinema e arte, acredita no poder da transformação e na força das artes para iluminar o que o mundo insiste em apagar.

Um corpo que arde e se ajoelha,
Um olhar que fere e se arrepende.
Sou queda e ascensão,
Ferida e cura,
O erro que insiste em existir.
E quando a Lua me encara outra vez,
Sei que ela chora por mim,
Ou comigo.

Poço

Pele nova para o inverno.
Lábios tremem, azul por todo o lugar.
Você nunca me ensinou como é estar sozinho;
Só cavou o grande poço e se foi.
A chuva me faz tremer e transborda o grande poço.
Não me importo: ele é o que me resta de você.
Profundo, escuro, grande poço.
Mas o poço também é espelho,
E, quando olho, vejo sua sombra dançar.
Não é só ausência que ecoa lá dentro;
É o som de quem nunca vai voltar.
O inverno parte,
Mas o azul permanece.
Eu tremo, mas permaneço,
Pois já pertenço a esse lugar.

O poeta e Deus

Deus é o ratinho que roubou o queijo
O queijo do misto quente de Maria,
Que acordou tarde porque seu relógio parou.

Deus é o tic-tac do relógio de Maria,
E o tempo que ela perdeu dormindo.
Deus também vive dormindo,
Mas sempre acorda e chora no verde e no azul mundano.
O azul se espalha, o verde cresce.

Deus é o preto, o branco, o azul,
O choro do bebê, os olhos de Capitu.
Deus é a praia, o chiclete,
As estrelas a brilhar.
Deus é mais e também menos,
Está no canto popular.

É o sol de manhãzinha,
O pássaro a cantar,
A brisa da praia,
A bossa à beira-mar.

Deus encerra este poema,
Pois está cansado de ditar
Ao poeta que aqui escreve,
Está prestes a roubar.

LAURA H.

DA AUTORIA

uma obra viva em meus olhos

abaixo de tua ponte
no meio da capela dos teus olhos
em sinais trêmulos da tua fisionomia
em meu loiro corrente das pernas
no maço que percorre meus lábios
abaixo das minhas lentes
podemos aqui descortinar em grave seriedade a personalidade de nosso
seio que treme ou
apenas ignorar a corporatura inerente
que nos une e nos separa em ansiedade
meus olhos impetuosos agem com malícia mesmo que toda a fumaça que
saia de mim agora seja na verdade
a fumaça de um maço de cigarro inteiro
e não da tua borda na minha
a falta do mar me aborrece
muito mais do que quando fico estática entre buracos apenas tijolos e
concretos me enquadram em arquitetura sólida de descaso
sem luz
sem ar
sem descanso ou
minhas horas de remanso em palavrões
quando o mar me devora
quando o sargaço me contem
quando o salgado me curva
quando o sol me queima
quando o mar me faz casa

Laura Hermenegildo (Maceió/AL, 2001) é escritora, fotógrafa e professora iniciante, graduanda em Letras - Português Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas e militante no Coletivo de Cultura Periférica Guerrilha Poética. Em suas poesias aborda principalmente questões políticas ligadas a revolta e o amor.

mas quando vejo essa
obra viva em meus olhos
me sinto perdida em seus detalhes jamais visitados

as mães da inanição

I Festival Novo Quilombo

somos as que ficamos no meio da mata deserta que devasta. desertos
corpos entre mortos.
devasto o solo que me encalça.
as netas das arrebatadas.
as filhas da desesperança.
as mães da inanição.
somos as que buscam a luta e o cascalho entre prédios. luta que vem da
revolta.
cascalho que vem em gotas.
as gerentes do agora.
as vendedoras da esperança.
as auxiliares do solo fértil.
somos então
o grito
que arde e que queima
em uma reza de resistência.

08/03 - Feliz dia de luta!

não sei exatamente o porquê
mas me causa grande incômodo

as felicitações
as mensagens os vídeos as palavras
não sei exatamente o porquê
mas me causa grande incômodo
a crença de que
existe algo a ser comemorado
as flores os chocolates as palavras
não sei exatamente o porquê
mas me causa grande incômodo
às alterações de
comportamento
a calma a bondade as palavras
é porque esse é um dia de luta
não existe felicitação,
comemoração
ou
comportamento que mude o peso de nascer mulher apenas por isso,
preciso lutar
não me deseje um feliz dia da mulher,
não me agrada.
Me deseje apenas muita, muita luta e
[sempre lute ao lado.

POEMA

LAURA LEOBINO

[sem título]

Qual o limite de vezes em que se deve chorar por alguém
E por eu ultrapassei todos os limites quando se tratou de você?

[sem título]

gostaria de
vomitar as palavras presas na garganta
gritar os medos obscuros
sussurrar pedidos suplicantes de amor
te pedir um colo um afago um beijo
[qualquer coisa que me faça sentir parte]
disto que
chamo de 'casa'
gostaria de
te contar que meus lençóis estão no chão da sala
em um recado de quase-fuga
como quem diz que aos pouquinhos está indo
e em breve não estará aqui mais
gostaria de
te pedir suplicante
que me beije com carinho
e me olhe [com a mesma admiração]
que reservou aos menores que eu
gostaria de
ser menos detestável e mais daquilo que
sonhou em seus meses-casa

DA AUTORIA



Laura é uma mulher parda, de olhos escuros, usa óculos e tem cabelos castanhos com mechas vermelhas. escreve romances e trabalha com revisão e publicidade para autores e editoras. seus hobbies são: ler, escrever, desenhar, pintar e ouvir podcasts criminais.

onde abriguei-me em ti

[Fita 2]

— você está atrasado. de novo. é a quarta vez esse mês.

e antes você
acordava antes dos pássaros só pra ficar mais tempo comigo
em meu braço
em meu beijo
em meu corpo

— mas eu vim, não vim?

é, você veio.

[Fita 3]

quantas dores cabem no corpo de uma mulher? no meu couberam cabem
estão cabendo muitas
porque a gente precisa tentar mesmo que não caiba e esse livro me fez
perceber que ao longo da vida
somos violentadas mais vezes do que podemos contar.

quantas dores cabem no corpo de uma mulher?
todas.

MAGUINHO

SEM TÍTULO

entre o trabalho e a degola
meu salário
de
co
la

.

SEM TÍTULO

à matilha
matar a fome
é osso

.

SEM TÍTULO

nem sobretudos
nem sobrenadas
mais sobremesas

.

SEM TÍTULO

ônibus cheio

Lucas Alves de Araújo (Maguinho) nasceu em 4 de Agosto de 1992, na cidade de Maceió, Alagoas, tendo atualmente residência em Palmeira dos Índios, município interiorano, também em Alagoas. Tem o Haikai como prática literária, sempre flertando com o manifesto poético em sua trajetória mais moderna, concreta, livre e desapegada da escola inicial, não perdendo, em si, sua originalidade, mas transformando-a em caminhos mais abertos.

o cobrador
passou lotado

SEM TÍTULO

nem mudo nem mouco
escuto e falo
de tudo um pouco

MANÁH OLIVEIRA

Sim, eu amo

Sim, eu amo.

Não porque você é demais, mas porque eu pude te compreender no seu
mais íntimo do ser;

Não porque você é demais, mas porque eu pude me conectar com a sua
alma e enxergar o que os teus não veem;

Não porque você é demais, mas porque eu pude sentir a sua pele arrepiar
com o meu toque;

Não porque você é demais, mas porque eu pude sentir o seu toque
desejando o meu corpo.

Sim, eu amo.

Não porque você é demais, mas porque quando você chegou na minha
vida eu já me amava;

Não porque você é demais, mas porque comigo você pôde ser você;

Não porque você é demais, mas porque nossa conexão foi sincera;

Não porque você é demais, mas porque no silêncio das madrugadas ouvi o
som do seu amor;

Sim, eu amo.

Não porque você é demais, mas porque as tuas mãos me acalmaram;

Não porque você é demais, mas porque ao som do mar você me ouviu;

Não porque você é demais, mas porque por alguns segundos pude sentir o
sabor dos seus lábios;

Não porque você é demais, mas porque você se tornou importante para a
minha vida.

Sim, eu amo.

Não porque você é demais, mas porque quando estávamos juntos o nosso riso era inocente;

Não porque você é demais, mas porque o seu bom dia me alegrava;

Não porque você é demais, mas porque eu sei que aí dentro existe um pouco de mim;

Não porque você é demais, mas porque nunca iremos estar juntos.

Sim, eu amo.

No fim de tarde ao entardecer

No fim de tarde o teu olhar me encantou

No fim de tarde o seu toque me conquistou

No final da tarde o teu corpo me amou

No final de tarde o seu sorriso me enfeitiçou.

No fim da noite você me abraçou

No fim da noite você seu cheiro me embalou

No final da noite contemplamos o mar

No final da noite eu pude te tocar.

No início da madrugada seus passos me encontraram

No início da madrugada seu corpo em meus braços descansou

No fim da madrugada sua boca me disse adeus

Mas, no fim da madrugada os seus pensamentos e o seu corpo são meus.

Na manhã eu segurei a sua mão

Na manhã você sabe que ainda estou aqui

No amanhã ainda estarei te esperando

Mas, no fim de um amanhã, minha mão pode segurar outra mão.

Não...

Não

Não, não, não me olhas assim, pois as palavras que saem das meninas dos seus olhos dizem que você me ama.

Não, não, não me olhas assim que os brilhos dos teus olhos denunciam a sua admiração e contemplação a me ver.

Não, não, não me olhas assim, pois tua vista denuncia o teu desejo pela minha boca.

Não, não, não me olhas assim, pois o teu amor eu não quero,

Não, não, não me enxergas mais assim, pois o meu eu já não te vê.

Não, não, não me queiras tanto assim, pois o que posso te oferecer são apenas palavras e coisas vãs da vida.

Não, não, não me olhas.

Não, não, não me queiras.

Não, não, não sou seu.

DA AUTORIA



Mestre em Educação, Licenciado em Pedagogia, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis - GEPPECI e Membro do Fórum Alagoano em Defesa da Educação Infantil. Admirador da Literatura, Arquitetura e Arte Popular Brasileira.

POEMA

MARCOS LINS

Pedaços

Eu tento juntar os meus pedaços
Os pedaços de quem um dia eu fui
Os pedaços de quem eu sonho ser
Os pedaços dos sonhos desfeitos

Eu vejo minha vida assim, em pedaços
Os pedaços que eu não sei como juntar
Os pedaços que se espalham diante de mim
Os pedaços que não parecem ter solução

Eu escuto o barulho do picotar dos pedaços
Os pedaços que se desintegram mais
Os pedaços que vejo serem perdidos para sempre
Os pedaços que já nem existem mais

Eu sinto minha vida esvair, em pedaços ínfimos
Os pedaços que não tenho forças pra juntar
Os pedaços que não tenho esperança de juntar
Os pedaços que me tornei, e não sei colar.

Eu vivo em pedaços, destruídos pedaços
Os pedaços emocionais
Os pedaços financeiros
Os pedaços da bala que espero me matar.

- 27/07/2024

DA AUTORIA



Marcos Lins, Recifense apaixonado por livros, Arquiteto e Urbanista, Mestrando e Desenvolvimento Urbano (PPGDU / UFPE). Pesquisa e escreve desde 2022 sobre o elo entre a Arquitetura e Psicologia, publicando artigos acadêmicos e trabalhos sobre a temática. Além disto, é um apaixonado pela literatura e que despeja seus pensamentos em forma de uma cachoeira de palavras. Existem mais coisas sobre, mas são apenas floreios que compõem o jardim da existência.

Cheios e Vazios

Uma sala vazia, mas entulhada
Vazia de histórias, de lembranças
Vazia das festas que não recebeu
Dos abraços que não assistiu
Dos beijos de amor que não existiram

Entulhada de arrependimentos, amarguras
Entulhada de emoções que não expressou
Da solidão que lhe assola e domina
Da tristeza que assenta como dona do espaço

Uma taça de vinho cheia, mas vazia

Cheia de álcool para apagar a dor
Cheia de lágrimas de horror de si
Da frieza com que leva a vida
Da ansiedade que contrasta com tudo

Uma varanda ampla, mas sufocante
Ampla pois cabe tudo que não se viveu
Ampla para uma família e amigos
Aquilo que nunca se construiu
Aquilo que sufoca e angustia

A sala ficou vazia, apenas com o disco girando
A taça ficou vazia, com os cacos ao chão girando
A varanda ficou vazia, apenas com o ar girando
A mente vazia o sufocou, e no ar seu corpo girou
A casa ficou vazia, a calçada cheia de sangue.

- 24/05/2024

MARIA FERREIRA



Desejos

Quem habita no abismo da esperança,
E vive à sombra de um desejo incessante
Sempre escuta:
- Quem espera sempre alcança.
Bom... será?
Será que alcança?

A arte do não dizer

Eu queria dizer a palavra...
.... Como é mesmo ?
Aquele... a palavra que começa...
que começa com argh!
Eu queria... bom... o que eu queria?
Eu queria algo?....
Não sei... eu tava parada aqui ...
Ah sim!
A palavra....
Eu queria a palavra...
Aquele palavra que define aquilo...
Espera... o que é aquilo?
O que eu preciso definir?
Bom... parecia importante
Affffff. Esquece
Palavras são tão impactantes quando chegam, mas tão fáceis de irem embora...

Sou Maria Eduarda da Silva Ferreira, tenho 18 anos. Nascida e residente da cidade de Maceió-Alagoas. Sou discente do curso de Letras-Português, pela Universidade Federal de Alagoas. Desde pequena escrevo como uma forma de me expressar, pois quando sinto que minha voz não dá conta de externar os meus sentimentos, as letras escritas fazem do meu interior uma realidade importante. Escrevo para poder ser ouvida, escrevo para viver.

Enfim ... esquece
Afinal... nem tudo precisa ser dito.

Sensações

Dentro de mim há uma coisa...
Há um amor;
Uma dor;
Um poço ;
Um fundo;
Um ponto;
Uma vírgula ;
Um desejo;
Uma irá;
Um músculo;
Um coração;
Mas às vezes parece que só tem solidão...
Um desejo;
Um sinal;
Um abismo;
Um...
Apenas tem.

Apenas superfície

Eu queria ser profundez
Um oceano repleto de surpresas e desafios
Um poço de poças d'água douradas
Uma floresta florida e folheada

Eu queria ser abismo
Perigo, disfarce, mistério
Longitude para os que querem alcançar-me
Virtude para os que querem alegrar-me

Eu queria ser saudade
Lembrança passada para os que não merecem o meu presente
Figura distante para os que sempre estiveram ausente
Ilusão para os que não quiseram os meus sentimentos
Sofrimento para os que me dilaceraram por dentro

O problema é o que sou
Pois de todos os meus desejos de ser
Lembrança, desafio, ilusão, sofrimento
Sou apenas superfície.

Gramática de vida
(Maria Eduarda)

Próclise, vírgula, concordância.
Ênclise, ponto, consonância
Crase, travessão, predicado
Vê se não escreve isso errado

Meu Deus, pra quê tanto porquês?
Ah ... desculpe, é para que, não pra quê.
Pois a gramática diz que é assim.
Regras que escrevem por mim.

Mas, o que a gramática não sabe,
É que, entre as páginas da vida,

Esqueço suas regras e lições
E crio a minha gramática de vida.

Meus textos podem faltar regras,
Lugares errados para vírgulas e pontos.
Mas, o que com certeza eles vão achar:
Sentimentos, vida, entendimento
(Ponto).

POEMA

MARIA EDUARDA GOUVEIA

Me tirem essas cortinas

Carrego no corpo o que não escolhi, mas sempre soube, desde o começo,
que o mundo me olhava sem me ver, como quem recusa um espelho.
Entre laços e risos de infância, eu amava como quem respira, mas diziam
que amor tem formato, que o meu era engano, mentira.
Escolhi um caminho de mãos, de gestos que curam, que ensinam, onde a
maioria é mulher,
mas pra mim, ergueram cortinas. Querem meu trabalho, não meu corpo,
mas foi ele quem me trouxe aqui. Foi ele que aprendeu, que insistiu, que
provou que eu posso, que sim. E eu ensino, eu sigo, eu faço, mesmo
quando tentam calar.
Toda mulher pode tudo,
todo corpo pode estar.
Então me tirem essas cortinas, deixem que me vejam inteira. Meu saber
tem minha voz,
meu amor tem minha bandeira.

DA AUTORIA



Maria Eduarda Gouveia dos Santos, 23 anos de idade. Sou estudante do curso de pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas, e professora substituta na educação infantil, lecionando na minha própria comunidade, nascida e criada em Marechal Deodoro, o que salienta minha trajetória estudantil, como sendo, uma mulher negra e lésbica, vivendo em um interior, onde todas as pessoas se conhecem.

MARIA LAURA COSTA

Psicose de Ovita

Te esperarei em pensamento,
Aquele que ficará guardado no subconsciente.
Aquele que será responsável pelo ato falho,
Quando eu estiver amando um outro alguém
Que não seja você.

SEM TÍTULO

me bate saudade de tu e eu corro pra cá, esperando que, de alguma
forma, os ruídos do meu coração se sincronizem com os do teu
os ruídos das minhas palavras precisam sair do consciente para afetar o
teu inconsciente
saudade, meu bem.
do pouco que eu tive de tu e do bastante que eu ainda quero ter
que eu vou ter.
saudade do cheiro no cangote
saudade do entrelaço que fiz das minhas pernas nas tuas pernas
saudade de apertar teu braço pelo nervosismo em permitir ser tua
mesmo que só no boca a boca.
mesmo que só na imaginação.
mesmo que só pra mim.

SEM TÍTULO

o quanto mudei?
o quanto ainda sou eu?
até quando serei eu?
o eu do passado me reconheceria?

eu me reconheço agora?
tantos algos se passaram
tantos alguéns
e eu? passei também?
ou fiquei ainda na mesma?
ano que vem saberei o eu de agora?
ou, quem sabe, reconhecerei o eu do passado
passado anos não serei nem eu, nem eu mesma
somente o agora.

DA AUTORIA



Totus Tuus Mariae. Me chamo Maria Laura, sou graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Escrevo para dar forma aos sentimentos que me transbordam. Por meio da escrita, espelho e eternizo minhas emoções.

POEMA

MAYARA FLORENÇA

Inesperado Sentir

De forma abrupta e intensa,
Senti um calafrio.
Não compreendia esse sentimento.
Como poderia nomeá-lo?
De repente,
Sua gentileza ao falar.
Seus olhos... ah, seus olhos!
Desnudavam minha alma.
Meus pensamentos
Já não me pertencem.
O toque suave de sua mão
Fez-me radiante.

DA AUTORIA



Eu sou professora, confeitadeira, mãe, mulher dedicada e escritora. Cada um desses papéis reflete minha paixão e compromisso com a vida. Na sala de aula, me dedico a inspirar e ensinar com empatia e criatividade; na confeitaria, transformo ingredientes em momentos doces e memoráveis; como mãe, aprendo diariamente com o amor e a paciência que minha família me ensina; e na escrita, encontro a liberdade para expressar meus pensamentos e sentimentos. Cada experiência me enriquece e me impulsiona a buscar o melhor de mim mesma.

MIGUEL ARCANJO

DA AUTORIA



Carta a...

Oh, meu amor latente!
Pedago meu santificado
Que, mesmo em vista
Do maior pecado
És meu sangue e vida
transfigurados.

Sou discente do Instituto Federal de Alagoas - Campus São Miguel dos Campos, apaixonado pela literatura e poesia, encantado pela arte e cultura, acredito fielmente nas palavras entoadas por Gal Costa na canção Força Estranha "A vida é amiga da arte".

Se soubesses do amor que sinto
Encoberto em meu zelo alado
Não sei se me amarias
Ou seria por te crucificado.

Do meu peito transborda o sentimento
Que de te escondo como o sagrado
Queria que me ames como te quero
E como te quero, queria ser amado.

É tão dilacerante não dizê-la
Do amor que sinto acomodado
Creio que é por medo de perdê-la
Que só me resta o coração apaixonado.

Sílfide

Na minha vida tão pequena
Nunca vi mulher mais rara

Cheia de luz incandescente
Raio de sol santificada.

Era minha mãe por natureza
Tão doce como favos de mel
Um pedaço meu eterno
Incrustada com as estrelas do céu.

A cada abraço seu, eu era menino
E cada beijo seu uma criança
Foi nesse grande elo de amor e esperança
Que você teceu em mim um sonho lindo.

Seus olhos são uma bússola
Direcionando a um rumo incerto
De mim, você é amor completo
Minha mãe, meu pedaço de chão.

Das tantas graças divinas
Das quais o céu é repleto
Deus me deu uma mãe cristalina
Que ama a cada gesto concreto.

Sou tão pouco na vida
E ela diz que sou completo
A ela devo minhas alegrias
Com todo amor e afeto

Serena Moça

Minha amada e eterna
Serena e bela leoparda
Esta que o sol ataca
Sedento e furioso
Em busca do teu amor zeloso
Meu sangue em cascata.

Sois meu bem inclinado à luz
Que depois de Cristo Jesus
Amo até os confins
Com todos os anjos e querubins.

A palavra me permite
Divina moça reluzente
Dizer-lhe do meu amor
Hoje vivo e presente
Criado em sonho antigo
Mas protegido em minha mente.

Queria que um dia soubesses
De sua beleza infinda
Sois a moça mais linda
Do nascer ao poente.

Se lhe amo de repente
Princesa da lua clara
É porque sois a rosa mais rara
Do meu triste jardim.

Queria eu ser-lhe sem fim
Obra divina em criatura
Sede meu véu, oh, rosa pura
Minha paixão em existência

POEMA

MOANA SOUZA

Disritmia a Julieta

Sempre sonhamos com o mais eterno amor
Infelizmente, eu lamento, mas não deu
Nos desgastamos, transformando tudo em dor
Mas mesmo assim eu acredito que valeu
Ex-amor, Martinho da Vila

Quero que saiba, meu bem
Que dos teus lábios sangrentos
Não beberei mais o veneno
Das tardes mormacentas
E céu neon

Não há canção
Ou gesto
Não há dança
Ou palavra
Não há sexo
Ou sabor

Artificial
- mente

Não sabe que o pinicar
É brisa no calor
É roda de samba
É cerveja gelada
É mordida nas coxas
É risada de criança

DA AUTORIA



Moana Souza nasceu em 1993, em Arapiraca. Graduada em Serviço Social e graduanda em Letras/Português pela UFAL, alimenta um grande interesse por filosofia e artes. Leitora viciada, se perde no fantástico, no lúdico e no mitológico. Tem como inspiração Fernando Pessoa, Graciliano Ramos e C. S. Lewis.

E-mail: moanassouza@gmail.com

Instagram: @moanaxavier

Há de se entender, meu bem
O rio que te inunda
É o mesmo que te lava

Caju

Doce como mel da manhã
Enruga em bico
Trava a língua
Como as manhãs de domingo
 praia de Sonho Verde
 banco de trás
 cochilo
Carregado de sorriso
Fresquinho do pé

dessuspensão

Orgias entre a razão
e o querer
Transcrições no corpo
Pergaminho de pele
Louvores a Anhangá
E à Diana
Devoro o pecado original
de mordida em mordida,
despedaço a criação
Divido sílabas indissociáveis

Viciados em cultuar

dor,

cor,

som,

tato,

medula

Palavra como ato

Plenamente humano

Pulsos abertos

: injeto Tupã nas artérias

la-te-ja

flui nas veias ofegos de Apolo

Sangro contrassensos

pouco cristãos

Confesso pecados

Retorno à minha sina

de espalhar letras

Num sonoro brilho

v a g a l u m e a d o

NICOLE ARAÚJO

A Fênix

Uma intensa conexão
quando me encontrei no vazio dos seus olhos
na simples amargura de tuas palavras
verdades ditas a seco, sem qualquer hesitação.

Quando me vi no teu silêncio e quando mergulhei em tuas palavras.

Uma súbita reflexão
a poesia na ponta da língua, o meu doce é degustar a amargura.

Em simples versos ofereço um pouco de mim.
Em teus versos encontro um pouco de ti, que sou eu, que é qualquer
desgraçado por aí.

Alimento-me dessa verdade crua, dura e seca.

Sou como um pássaro:
Se de fogo me incendeio, extravaso em folhas queimadas
e de cinzas vou me fazendo, ansiando profundamente um dia poder
renascer,
poder queimar com vigor e então escrever meu mundo, conectar-me com
o meu eu.

Faísca se encontra no solo infértil, onde um dia já foi uma floresta vigorosa
ou um reino de fogo.
Preguiçosamente e persistente ela queima, até que um dia se faça chama.

Eu adio o quanto posso meu renascimento, minha vida é curta.

Correndo entre os rabiscos para minha morte.

Qual seria o meu propósito, se não escrever?

Do que seriam os meus poemas se tristeza não houvesse neles?

Que vida mais insossa seria sem a melancolia.

Como é bela a natureza

como é vicioso esse ciclo

como é aconchegante a morte.

Deito-me com minhas asas abertas nesse lençol escuro e molhado pela chuva.

com minhas rêmiges chamuscadas, sob o sol e as nuvens.

minha carne amarga docemente devorada, até que de mim não sobre quase nada.

E ainda assim, *renasço*.

A Fênix, Nicole Marques. 07 de fev. de 2020.

DA AUTORIA



Me chamo Nicole Marques, sou maceioense e às vezes poetisa nos momentos de estresse. Tenho 22 anos, curso Biblioteconomia na Universidade Federal de Alagoas e, através da escrita, busco me encontrar e entender o mundo.

POEMA

PEDRO GUSTAVO

SEM TÍTULO

Como é que a cigarra canta sem
desatinar
e o amarelinho
pia a cobra
que pia
o tico tico
que pia os pés no galho e trinca
ferro trinca que assovia
um passo e voa
à Matinta Pereira
sai só!
e beija
o coleiro
sem brejo
só árvore
pula
essa linha
pula
assovia
de ondulado peito
um ribeirão
essa linha tico
essa linha bico
esse bico
amarelinho
no campo
o canarinho
a curiar

o curiógrafo
a curiar
a nota alta da terra
e um canário choca
borra
refaz
a choca barrada
e o sabiá se espoca
voa barranco
a garganta intacta
a língua
pescadora
grande
que lambe
o bigodinho
que lambe
o tico tico no campo
que lambe
selvagem
que canta
selvagem
que tietinga
a cabeça preta

Ao fim a língua cigarra estridula
colada ao céu
(enquanto as narcejas exterminam
minhocas, ou não... e a de Teresa
se escova da base até à ponta).

DA AUTORIA



Linguista e Professor. Minha vida se constitui a partir das linguagens, da mestiçagem, da sexualidade, da adoção, do internato, do dia em que conheci minha mãe biológica, da universidade, da dança, das artes, do trabalho, e das memórias, afetos e emoções de um corpo em ininterrupto trânsito.

POEMA

REBECA COSTA

Os olhos que te viram

Os olhos que te viram
Viram uma altura mediana e olhos profundos
Os olhos que te olharam
Olharam o interior da tua alma em segundos

A beleza estava presente
Amostra em evidências exteriores
Mas a pureza era frequente
Em teus ternos atos de amores

Muitos perdem a essência
Em busca de um breve fogo
Alguns esquecem a permanência
E se vão num simples sopro

Como cansa-me a inconstância
Ainda assusta-me a instabilidade
Mas cada olhar para mim é esperança
Ainda arrisco-me a amar de verdade

Tão inconstante

Talvez a beleza da vida esteja em ser tão inconstante
Nada permanece inalterado
Tudo pode ir embora num instante

Estamos divididos entre "Ame enquanto tem"

DA AUTORIA



Rebeca Costa Cavalcante é uma jovem cristã, estudante de letras português na Universidade Federal de Alagoas, altamente apaixonada por romances e simbolismos. Ela ama pequenos detalhes nas escritas e na vida, dedica-se frequentemente aos estudos acadêmicos, de libras e de teologia.

E "Só tem valor quando se perde"
Mas, por favor, não espere perder alguém
Para amá-lo como se deve

Não resguarde sentimentos tão bonitos
Ou espere conquistar algo para se alegrar
Reaja, pois só temos o hoje garantido
E o amanhã pode nem chegar

Mesmo que haja dias em que o sol não brilhe tanto
Ou quando sua voz quiser embargar no meio da escuridão
Talvez seja a hora de mudar alguns planos
Mas nunca é hora de mudar a bondade de seu coração

Queremos seguir reto no caminho escolhido
Ver um mero empecilho na estrada já nos traz insegurança
Mas se não mudássemos a rota, mesmo perdidos
Talvez nunca encontrássemos a verdadeira esperança

Meu coração leitor

Uma vez você me perguntou onde
Guardo os sentimentos que não exponho
Acanhei-me para responder, mas sonde
Meu coração leitor que é emotivo até em sonho

Não me avalie pelo mau humor do dia
Nem me julgue pela pressa em que ando,
Em palavras encontro minha real alegria
Com elas me emociono e até me encanto

Ainda busco a humildade implícita
Nos gestos arrogantes do sr. Darcy
Ainda espero uma desculpa lícita
Pelas palavras duras de sua parte
Já muitas vezes me peguei a pensar
Em Capitu e sua possível reclamação
Por ser amada até seu marido a acusar
De uma falsificada e escandalosa traição

O que será que Shakespeare pensaria
Se soubesse que pregou o amor errado
Pois o romance de Julieta só serviria
Para uma farsa sobre estar “apaixonado”

Quanto mais leio, mais posso perceber
Sinto intensamente e chego a perder o ar
Eu termino querendo logo conseguir reler
Um clássico sempre tem mais para me contar

REVLERSOS SKÓRIA

Sonhos

O que são sonhos?
São nada além de ilusões;
O que são sonhos?
Combustíveis para frustrações.
O que são sonhos?
Imagens que vão além.
O que são sonhos?
Uma força que desdém.

Se você não se esforçar
seu mundo não irá mudar.
Se você deixar de agir,
Sonho nenhum o fará sorrir.

Sonhos sem ações são meras ilusões.
Igual letras sem brilho e ritmo em canções.

De um mundo sem cor a tudo

Em um mundo vasto e vazio,
você foi o que o preencheu.
De escala cinza às cores,
Com sua gentileza, o tingiu.
E o sentimento que antes desconhecia,
Com seu tudo, me intuiu.

DA AUTORIA

Olá, sou aluno de licenciatura de ciências biológicas da UFAL, tenho 23 anos e às vezes me perco em reflexões e cenários imaginários. Nestes casos, às vezes escrevo ou desenho por serem boas formas de corporificar esses desvaneios. Então resumindo: Um aspirante a artista!

Com simples formas, me fez ver...
Um novo mundo.
Estando ao seu lado, me fez perceber...
O que eu podia sentir no fundo.
Uma força intangível começou a crescer,
graças a uma fagulha vinda dum segundo.

Mesmo que meu ser esteja desvanecendo,
com o pouco que deu, tudo se tornou.
Mesmo com medo de dizer adeus,
seus atos e palavras me mudou.
Chegando em meu final momento,
memórias com você, comigo findou.

Momentos e pensamentos

O que nos faz uma pessoa ruim?
Num mundo caótico, dentro e fora de mim.
O que nos faz uma pessoa egoísta?
Quando presos por pensamentos minimalistas.

Estou cansado de alguns pensamentos.
Perdido, desnorteado e com arrependimentos.
O mundo parece cada dia dificultar mais,
piorando dores, tornando-as infernais.

Agora estou aqui neste momento.
Refletindo e preso, talvez em sofrimento.
Será que um dia serei feliz?
Sonhando acordado, mesmo que por um triz...

REVNA

murmúrio cardíaco

Arde que cicatriza,
O que não doeu.
Queima o que se abriu,
E então se fechou.

Cura o que nasceu ferido,
E salva-se o que não está perdido.
Cura coração, sopro de vida.

Coração Selvagem,
Bruto,
gentil,
sensato e forte.

Sopro coração,
murmúrio de vida,
Som anormal que se ouve pulsante,
Sara bondoso coração da criança que pedala ofegante.

Lumos

Luminous
Ação...

Uma ideia
Ascendente a lâmpada

DA AUTORIA

Meu nome é Joaquina Neta, conhecida por Neta. Gosto de romance policial, sonetos, haicai e muitas outras coisas que há na literatura. Amo a natureza e fotografá-la (ainda que sem câmera profissional) também é um dos meus passatempos favoritos.

A lanterna lampejante

Atos,

Ensaios,

Textos em papéis fluorescentes.

Câmera, tomada, enredo a contar.

Crônicas, contos, quadros a fotografar.

Corpos tatuados performando-se indóceis e leves palavras.

Pulsantes vagalumes vibrando iluminadas sombras faiscantes.

POEMA

RUAN VIEIRA

Recomeços

Voltar, nem sempre,
É andar para trás,
Pode ser para frente.
Para começar de novo,
Nunca é tarde demais!
Quem faz o destino é a gente.

DA AUTORIA

Natural de Aracaju/SE, Ruan Vieira, escreve desde pequeno. É membro da Academia Propriaense de Letras, Ciências, Artes e Desporto (APLCAD) e do Centro Cultural de Propriá (CCP). O estudante universitário é autor dos livros "Libertos pela Poesia" - 2022; "Amor à flor da pele" e "Lucinda" - 2023; "Estou farto do lirismo comedido" - 2025. Em seus escritos, seja em verso ou em prosa, aborda temáticas sociais, líricas e filosóficas.

Diamante

Tem que polir, sutilmente,
uma janela
na superfície nebulosa
da pedra bruta
Para chegar
ao seu coração:

O amor, feito água mole, bate
Em um coração de pedra dura
Bate, bate, bate tanto até que entra
Faz morada e também cura.

POEMA

SORAIA TORRES

DA AUTORIA



Conflito da saudade

Na guerra da saudade
A solidão é guerreira
Lembranças são companheiras
Num conflito de igualdade.

Egos inflamados
Em batalhas memoráveis
Por fim, miseráveis
Mutilados, feridos, inconformados.

Luta vã
Nas trincheiras da vida
Briga órfã

Amargura, tristeza contida
Por fora são
Por dentro, destruída.

Poemas efêmeros

São rápidos e marcantes
Inspiração constante
Do poeta que num breve instante
Eterniza sentimentos.
E apenas num momento
Em que tudo faz sentido

Arquiteta e Urbanista, atualmente cursa mestrado no PPGAU - UFAL, ama viajar, adora animais, natureza, apaixonada por futebol, pelas artes e principalmente pela poesia. Pernambucana e ribeirinha da zona da mata, tem algumas publicações em antologias e participações em revistas. A poetisa do interior usa a vida como precípua temático e o cotidiano pacato, de onde nunca saiu, como inspiração para escrever seus poemas.

A rima suaviza o caminho
Das palavras no verso.
Brevemente
A alma contente
Repousa somente
Para ser eviterno.

POEMA

VANESSA GUIMARÃES

SEM TÍTULO

Pago o preço pelo meu passado com o meu presente
Minha realidade tão difícil de aceitar
Agora sem seus beijos e carícias vou ficar
Um quase algo é sempre tão doloroso quanto um algo quando chega ao final

Meu coração se transformou em milhões de cacos de vidro
Minha condição te fere
E sua incapacidade de me aceitar me sufoca

Por um tempo fomos água e açúcar
Hoje somos mercúrio e água
Minha insanidade te leva a loucura
E agora sigo com band-aids no meu peito despedaçado

SEM TÍTULO

Eu ainda estou aprendendo...
Como uma criança pequena que começa a perceber o mundo à sua volta...
Que começa a perceber as consequências das suas ações e reações...

Eu ainda estou aprendendo...
Que não é possível morrer de amor...
Que o racional e o emocional precisam estar em equilíbrio...
E como foi difícil chegar até essa conclusão!

Suas palavras ecoam em minha mente

"Gosto de você, mas gosto mais de mim"

Como cortou meu coração ouvi-las...

Apesar do meu lado emocional ainda sofrer, meu lado racional entende que
você está certa

Lado este que estive tão adormecido por tanto tempo, sendo
sobrecarregado pelo soberano emocional

Eu ainda estou aprendendo...

Aprendendo a me amar

Aprendendo o meu valor

Aprendendo a ser a minha melhor versão

DA AUTORIA



Me chamo Vanessa Guimarães e sou escritora amadora nas horas vagas. Gostaria muito de ser profissional na área apesar de no momento estudar medicina veterinária. A escrita é mais que um hobby para mim, é uma terapia.

QUEM SOMOS

CONHEÇA OS VAGALUMES DESTA EDIÇÃO: EQUIPE LUMINESCÊNCIAS



Ana Ximenes Oliveira, professora de Estudos Literários da Faculdade de Letras/UFAL e coordenou a edição de 2025 da Revista Luminescências [v. 2, n. 1]. Lê, pesquisa e estuda literaturas contemporâneas e estudos culturais e de gênero. ana.ximenes@fale.ufal.br



Denis Willyam de Jesus Balbino, nascido na cidade de Caruaru-PE, graduado em história pela FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru) e graduando em letras - português pela UFAL (Universidade Federal de Alagoas). denwhistor@gmail.com | [@WillyamDenis](https://www.instagram.com/WillyamDenis)



Gislane Raquel Silva da Costa, é graduanda do 7º período, do curso de Letras Português, ama ler e é apaixonada por viver. “Acho que o poder dos livros é que eles nos ensinam a se preocupar com os outros. É um poder que dá coragem às pessoas e também as apoia” - O Gato Que Amava Livros.



Igôr Ribeiro. É aluno da graduação em licenciatura de Letras-Português. Escreve nas horas vagas. É um profundo amante da Arte. ribeiroigor740@gmail.com | [@burroletrado](https://www.instagram.com/burroletrado)



Ivanise Almeida, é graduanda em Letras/Português, apaixonada por leitura, animais e cinema. Gosta de lugares tranquilos e aprecia um bom vinho.



Josenilda Lima. Uma pretinha de Branquinha (AL), que um dia encontrou um dicionário e descobriu belas palavras. Seguiu pelo caminho do conhecimento, graduando-se em Serviço Social. Percebeu que as palavras possuem diversos efeitos de sentidos e decidiu aprofundar essa descoberta no curso de Letras Português. Apaixonada por história, arte e ciclismo. Vive entre livros, anotações e a certeza de que a literatura é uma forma de resistência e de reencantamento do mundo.



Karine Valeska, Alagoana, graduanda em Letras/Português pela UFAL. Suas produções artísticas são assinadas por — k². Tem grande interesse por literatura e poesia contemporâneas. kakavsotero00@gmail.com | [@kaka.valeska](https://www.instagram.com/kaka.valeska)



Larrissa Gates é estudante de Letras-português, monitora da disciplina de Gestão da Educação e do Trabalho Escolar, gosta muito da Linguística e está perdendo o medo da Literatura, buscando nela alianças e possibilidades de expressar sua criatividade.



Laura Leobino, escritora de romances duvidosos, assídua ouvinte de podcasts criminais e professora de literatura. tenho vinte e um anos e sou apaixonada pela escrita.



Marcela Santos faz parte da equipe editorial da revista Luminescências pela segunda vez. É graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas. “Se Edgar Degas está certo em dizer que arte não é o que se vê, e sim o que se faz os outros verem através dela, abraço a ideia de a compartilhar.”



Maria Laura Emanuelle, graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas. Pesquisa sobre traduções literárias no PIBIC e é membro do grupo de pesquisa Literatura & Utopia. Também se arrisca a escrever nas horas vagas ou quando a inspiração surge. lauraemanuellef@gmail.com



Nayane, graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas; faz da sua curiosidade porta para novos saberes.



Ronald Tenório Gomes é aluno de Letras português-Noturno, atua como auxiliar de sala da educação especial na educação municipal de Maceió - AL, gosta muito de literatura, mas vê a vida com muitos vieses do saber, é muito curioso e ama descobrir cada detalhe da experiência humana de existir.



Wely. Estudante de Letras pela UFAL, pessoa autista e interessada por tudo que foge do óbvio. Fã de games, cultura alternativa e palavras bem colocadas, acredita que a linguagem é tão infinita quanto os mundos que explora nos jogos.

CRÉDITOS

CAPA

Intervenção em fragmento de fotografia de **Tino Coelho** (Itacaré, BA, Brasil)

Disponível na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

FOTOGRAFIAS DAS AUTORIAS

Imagens de pessoal acervo das autoras e dos autores, cedidas no ato da inscrição.

IMAGENS DE ABERTURA DAS SEÇÕES

Poema **Saúl Sigüenza** (Punta Cana, La Altagracia, República Dominicana)

Carta **Ömer Gülen** (Urla, İzmir, Türkiye)

Conto **William Santos** (São Paulo, SP, Brasil)

Crônica **mhafetrey** (Localização não informada)

Fotografia **RDNE Stock Project** (Localização não informada)

Memória **A D** (Localização não informada)

Imagens artísticas **Dasun Rajapaksha** (Nilwella, Sri Lanka)

Todas disponíveis na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

TIPOGRAFIA

Luminescências emprega em sua composição **Delicious**, de Jos Buivenga, disponível sob

licença gratuita em [exlibris](#), e **Work Sans**, de Whei Huang, disponível em *Open Font*

License no [Google Fonts](#).

Agradecemos por nos ter acolhido em sua leitura.

Em breve, abriremos chamada para o nosso próximo número.

Siga-nos no Instagram para maiores informações [@RevistaLuminescencias](#)

*Acompanhe-nos em [http //www.seer.ufal.br/luminescencias](http://www.seer.ufal.br/luminescencias) ou
[http //www.revistaluminescencias.blogspot.com](http://www.revistaluminescencias.blogspot.com)*

Te convidamos a seguir de mãos dadas conosco.

Você aceita?

